008-0025/92

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SEÇÃO DO PROTOCOLO

CAMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

ASSESSORIA TECNICA DA MESA - A.T.M.
SISTEMA DE APOIO AO PROCESSO LEGISLATIVO

REQUERIMENTO "D" C/PROC : 008002592 DE 1992

N A T U R E Z A : REQ.D(C/PROC) 08-0025/92-7 DE 22/04/92

PROMOVENTE: VEREADOR BRUNO FéDER

E M E N T A :

Solicito informações à Sra. Secretária Municipal da Cultura sobre o curso Tempo e História.

I N D I C E :

CURSO TEMPO E HISTOR
INFORMACAO SMC
SMC

O B S E R V A C O E S :

CNC Solutions
Tipo: Processo Legislativo
7/10/2010 14:25:49
0000001661-62

ARQUIVADO EM 02/01/96

REGINA APARECIDA BANNICA
CHEFE DE SEÇÃO Técnico II

Cód.

Folha n.o 21 do proc.
n.o 25 de 1992

DIGITAL

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
GABINETE VEREADOR BRUNO FEDER

REQUERIMENTO N. 08 - REQ.D(C/PROC)
08-0025/92-7

DEFERIDO
22 ABR
PRESIDENTE

Solicita informações à Exma. Sra. Prefeita sobre o curso Tempo e História.

REQUEIRO

~~Requeremos~~, à Douta Mesa, nos termos regimentais, seja oficiado à ~~Excelentíssima Senhora Secretária Municipal da Cultura~~, Exma. Sra. Prefeita, solicitando as seguintes informações: junto a Secretaria Municipal da Cultura

1 - Quantos e quais são os pensadores estrangeiros que participarão do curso Tempo e História?

2 - As despesas com essas personalidades serão custeadas pelo Município? Em caso afirmativo, quanto está previsto? Discriminar passagens, hospedagem, refeições e transporte local.

3 - Tais convidados vieram apenas para esse curso ou estão previstas outras atividades?

22 ABR 16 52 0002

Sala das Sessões, 22 de abril de 1992.

BRUNO FEDER
~~Vereador~~
~~Líder da Bancada do PDS~~

À Leg. 2
Em 28/4/92

LUIZ AREIAS DE CARVALHO
Assessor Técnico Leg. Chefe-
A. T. M.

Publicado no DIÁRIO OFICIAL
de 06/05/1992
página 39 coluna 1ª
Conferido: am

SEGUE 1 juntado 5, neste data
documento 5 e papel de informação
rubricado 5 sob folha(s) n.º 02 A 63
Em 06/05/92

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Câmara Municipal de São Paulo

Presidência

São Paulo, 30 de abril de 1992.

Proc. nº 0080025/92

Folha n.º 02 do proc.
n.º 0080025/92 de 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Senhora Prefeita,

Cumpre-me encaminhar a Vossa Excelência cópia autêntica do Requerimento D-08-0025/92-7, de iniciativa do Vereador Bruno Feder.

Na oportunidade, renovo a Vossa Excelência os protestos de minha alta consideração.

PAULO KOBAYASHI

Presidente

A Sua Excelência a Senhora Luiza Erundina de Sousa,
Digníssima Prefeita do Município de São Paulo.

mk.

Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º 03 do proc.
n.º 00800259 2 de 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

REQUERIMENIO D 08=0025Z92=Z

------ Cópia autêntica. "REQUEIRO à Douta Mesa, nos termos regimentais, seja oficiado à Sra. Prefeita solicitando, junto a Secretaria Municipal da Cultura as seguintes informações: 1- Quantos e quais são os pensadores estrangeiros que participarão do curso Tempo e História? 2- As despesas com essas personalidades serão custeadas pelo Municipio? Em caso afirmativo, quanto está previsto? 3- Tais convidados vieram apenas para esse curso ou estão previstos outras atividades? Sala das Sessões, 22 de abril de 1992. (a) BRUNO FEDER. DESPACHO: Deferido em 22-04-92. (a) Geraldo Blota." Eu, , extraí esta cópia fielmente do original. São Paulo, 30 de abril de 1992.

Confere: Visto:

ALICE CECCHETTI CAMERA
Chefe de Secção Técnica III

Folha n.º 04 do proc.
n.º 0000 253R de 1992
O funcionário
VEREADOR DE [illegible] FRANÇA
Assistente Parlamentar

15 - DOCREC
15-0179/1992

CÓPIA DAS INFORMAÇÕES REFERENTES AO REQUERIMENTO 08-0025/92-7, TRANSMITIDAS À EGRÉGIA CÂMARA MUNICIPAL COM O OFÍCIO ATL Nº 215/92.

Folha n.º 05 do proc.
08002592 de 1992
O funcionário

CÓPIA DE FLS.61v? REFERENTE AO REQUERIMENTO 08-0025/92-7

MARISA RIBEIRO DE ALMEIDA
Assistente Parlamentar

Int : Vereador Bruno Feder - Req. 08-0025/92-7

Ass : Solicita informar quantos e quais são os pensadores estrangeiros que participarão do curso Tempo e História.

ATL V

Sra. Chefe de Seção

Providenciar resposta, transmitindo as informações de fls.59/60 e 61(xerox), com os documentos de fls. 06 a 58, a serem desentranhadas por termo.

27/maio/92

(a) Marisa Ribeiro de Almeida

Assessora - ATL

MARISA RIBEIRO DE ALMEIDA
Assessora - A.T.L.

mc

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Folha de Informação n.º 59

o processo n.º 10.003.049-92*14 em 20 / 05 / 92 (a)

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Pro. 60.324

INTERESSADO: Vereador Bruno Feder
ASSUNTO: Curso Tempo e História

Folha n.º 06 do proc.
n.º 0080025492 de 19 92
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Ao
Gabinete da SMC
Srª Rosana Marisa Seno Francese

Em atenção ao Requerimento D-08-0025/92-7, de iniciativa do Vereador Bruno Feder, que "requer as seguintes informações: 1) Quantos e quais são os pensadores estrangeiros que participarão do Curso Tempo e História? 2) As despesas com essas personalidades serão custeadas pelo Município? Em caso afirmativo quanto está previsto? 3) Tais convidados vieram apenas para esse curso ou estão previstos (sic) outras atividades?", tenho a esclarecer o que segue:

1 - O Curso Tempo e História, como deve ser do conhecimento do Vereador, ou como poderá ser depreendido da leitura do programa anexado ao presente, conta com um total de 35 conferencistas dentre os quais (inicialmente) previa-se a vinda de 09 (nove) conferencistas estrangeiros, infelizmente 02 (dois) deles não poderão comparecer, portanto, o Curso Tempo e História contará com a participação de 07 (sete) conferencistas estrangeiros, a saber:

Professora Nicole Loraux - Diretora de Estudos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, localizada em Paris, França. Publicou entre outros: Les experiences de Tirésias (le feminin et l'homme grec), Editora Gallimard; Façons tragiques de tuer une femme, Editora Hachette - traduzido e publicado no Brasil pela Jorge Zahar Editor, e Les mères en devil, Editora du Seuil.

Professora Catherine Darbo-Peschanski - Professora da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, localizada em Paris, França e, também, do Centro Nacional de Pesquisas Científicas da França. Publicou, entre outros: Le discours du particulier - essai sur l'enquête hérodoteéne, Editora du Seuil; La trahison, la politique de l'Histoire: Thucydide historie du présent.

Professor Claude Lefort - Professor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, localizada em Paris, França. Publicou, entre outros: La brèche (Fayard); Elements d'une critique de la bureaucratie (Droz); Le travail d l'oeuvre en Machiavel; Les formes de l' Histoire e sur une colonne obsente (Gallimard).

Professor Charles Malamoud - Professor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, localizada em Paris, França, especialista em história das culturas orientais, notadamente a hindu. Publicou, entre outros: Cuire le monde.

Professor Miguel Abensour - Professor de Ciência Política em Paris França. Organizou e introduziu, na França, os textos fundamentais da Escola de Frankfurt ao dirigir a coleção Critique de la Politique da Editora Payot. Estudioso do autoritarismo e das utopias do Século XIX, prepara, atualmente, vasta obra sobre a teoria das utopias. Publicou, recentemente, entre outros ensaios "École de Frankfurt: entre la melancolie et la revolution".

Professor Eduardo Subirats - Professor de História da Filosofia na Universidade Nacional de Educação à Distância em Madri , Espanha. Publicou, entre outros: A flor e o cristal (1981, Ed. Nobel), A cultura como espetáculo (1989, Ed. Nobel); La transfiguracion de la noche: Hugh Ferriss y la utopia de la metropoles moderna (Fundacion Co. de Arquitectos, Malaga). Prepara, este ano, um livro com o desenvolvimento do tema da conferência no Curso Tempo e História, intitulado O Continente Vazio.

Professor Frank Lestringant - Professor de Literatura Francesa da Renascença na Universidade da Califórnia, E.U.A.. Publicou mais de 60 ensaios sobre os viajantes franceses do Século XVI. É autor da edição crítica da Cosmographie de Levant, de Thevet e do livro O huguenote e o selvagem.

Não poderão comparecer, por imprevistos acontecimentos, os professores Pascal Dibie e Olivier Betourné.

O teor das conferências de cada um dos professores poderá ser encontrado no programa do Curso, anexado ao presente.

Três dos professores convidados desenvolverão atividades extra-Curso Tempo e História, **sem ônus para a Prefeitura de São Paulo**, são eles: Claude Lefort (junto à UFMG), Frank Lestringant e Charles Malamoud (junto ao Núcleo de História Indígena da Universidade de São Paulo).

2 - As despesas com as personalidades estrangeiras:

a) Passagens aéreas: A Secretaria Municipal de Cultura firmou um acordo de patrocínio, de 24%, com a Viação Aérea Riograndense - VARIG S/A - que engloba todo o Curso e do qual resultou o seguinte: a VARIG S/A cedeu em cortesia 03 (três) passagens aéreas regionais (2 BH/SP/BH e 1 Belém/SP/Belém) e 01 (uma) passagem aérea internacional (Paris/SP/Paris), assim, as despesas com passagens aéreas são as seguintes:

DA SMC

conferencista	trecho	Cr$
Nicole Loraux	Paris/SP/Paris	8.873.267,00
Catherine Darbo-Peschanski	Paris/SP/Paris	8.873.267,00
Claude Lefort	Paris/SP/Paris	9.954.678,00
Miguel Abensour	Paris/SP/Paris	9.900.444,00
Eduardo Subirats	Madri/SP/Madri	9.162.161,00
Charles Malamoud	Paris/SP/Paris	11.488.481,00
José Leite Lopes*	Straburgo/Paris/SP/Paris/Stra	10.679.488,00
Total.....		68.931.786,00

DA VARIG

Frank Lestringant	Paris/SP/Paris	11.488.481,00
Benedito Nunes	Belém/SP/Belém	1.353.650,00
Newton Bignotto de Souza	BH/SP/BH	517.300,00
Luiz Carlos Villalta	BH/SP/BH	610.300,00
Total.....		13.969.731,00

Juntado....., nesta data,.....,documento..... e folha de informação, rubricado.... sob n.º.....

Em...../...../.....

(a).....

Folha n.º 04 do proc.
n.º 00800259 de 1992
O funcionário

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

ROBERTO DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Folha de Informação n.º 60

o processo n.º 10.003.049-92*14 em 20 / 05 / 92 (a)

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO

b) Hospedagem: A SMC realizou licitação para hospedar os conferencistas do Curso Tempo e História, não residentes em São Paulo, da qual saiu vencedor o Nikei Palace Hotel, que apresentou o melhor preço da diária, qual seja, Cr$ 91.800,00 (noventa e hum mil e oitocentos cruzeiros). Assim, as despesas com hospedagem para os conferencistas estrangeiros, são as seguintes:

conferencista	período	Total de diárias	Cr$
Nicole Loraux	15 a 20/4	5	459.000,00
Catherine Darbo-Peschaski	15 a 20/4	5	459.000,00
Miguel Abensour	11 a 15/5	5	459.000,00
Eduardo Subirats	01 a 07/5	6	550.800,00
Charles Malamoud	07 a 12/6	5	459.000,00
Frank Lestringant	07 a 12/6	5	459.000,00
José Leite Lopes*	04 a 07/5	4	367.200,00

(Observações: 1 - O Prof. Claude Lefort hospedou-se na casa do professor de Filosofia da USP, Sérgio Cardoso; 2) O Prof. José Leite Lopes é físico brasileiro residente em Straburgo).

c) Cachês: A SMC negociou com os conferencistas estrangeiros cachês que incluem a cessão de direitos para:

- uma apresentação da conferência
- gravação em vídeo da conferência
- gravação em fitas de áudio da conferência
- publicação dos textos em livro (a exemplo do que já foi realizado com os Seminários Rede Imaginária - Televisão e Democracia e Ética).

Os vídeos e fitas K-7 resultantes das conferências, devidamente traduzidas, encontram-se à disposição de escolas, universidades, empresas, sindicatos e associações para empréstimo nesta Assessoria de Projetos Especiais.

Cada conferencista aceitou o cachê de Cr$ 2.620.000,00 (dois milhões e seiscentos e vinte mil cruzeiros). Portanto: Cr$ 2.620.000,00 x 7 = Cr$ 18.340.000,00 (dezoito milhões, trezentos e quarenta mil cruzeiros).

3 - Quanto à terceira questão, ela já foi respondida no ítem 1.

Esperando ter colaborado para os esclarecimentos requeridos, junto ao presente o folder do projeto 500 Anos - Caminhos da Memória - Trilhas do Futuro, do qual o Curso faz parte; o programa do Curso Tempo e História e matérias de jornais de 1991 e 1992 sobre os professores estrangeiros.

Em 20 de maio de 1992.

José Jacinto de Amaral
Assistente Técnico

(8)

Folha n.º 08 do proc. n.º 00800259 de 1992
Secretaria
CLAUDEIR DE LIMA FRANCA
Assistente Parlamentar

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Folha de Informação n.º 67

do Processo n.º 10.003.049-92*14 em 22 / 05 / 92 (a) Cassandra Elizabeth Franco
S.M.C. - G

INTERESSADO : Vereador BRUNO FEDER
ASSUNTO : Informações sobre o curso "Tempo e História"

SGM/ATL
Senhora MARISA RIBEIRO DE ALMEIDA

Em devolução, com as informações solicitadas pelo Vereador Bruno Feder.

Em 22 de maio de 1992.

Marilena de Souza Chaui
Secretária Municipal de Cultura

Marilena de Souza Chaui
Secretária Municipal de Cultura

MARISA RIBEIRO DE ALMEIDA
Assessora - A.T.L.

PREF. GAB
★ 26/05/92 ★
11-10-001-0

Folha n.º 09
n.º 0080255
do proc.
Funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

500 ANOS

DA MEMÓRIA

TRILHAS DO FUTURO

1922 1792 1492

SÃO PAULO PARA TODOS

SMC
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

fl. 6
Proc. 10.003.049/92 x 14
Em 21/05/92

SILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

Folha n.º 10 do proc.
n.º 00800258 de 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Neste fim de século, auto-nomeado pós-modernista, parecem estar em vias de desaparição alguns valores e conceitos que fizeram a modernidade: racionalismo universalista, *movimento necessário* da história, contradições do modo de produção capitalista expressas nas lutas de classe e nas revoluções sociais e políticas, submissão da Natureza às imposições do desenvolvimento da Cultura, as idéias urbanísticas de funcionalidade, planejamento e permanência, o romance e o cinema como narrativas cujo sentido estaria remetido ao real transfigurado pela imaginação.

Poderíamos enumerar em cada esfera das artes, das ciências, das técnicas, das práticas políticas e da vida social cotidiana as mudanças que teriam dado um significado terminal à expressão de Marx: "Tudo o que é sólido derrete no ar".

Volátil, veloz, efêmero, fragmentado e descentrado: estes parecem ser os traços do mundo deste final de século. Narcisista, inseguro, isolado e gregário: estes parecem ser os traços do ser humano neste final de século. Desemprego, fracasso das lutas por salários numa economia monetarista regida pela inflação, desaparecimento das instituições que conferiam às classes sócio-econômicas seus referenciais de identidade e de luta, enfraquecimento da utopia emancipatória: estes parecem ser os traços da classe trabalhadora neste fim de século que, até o momento, assiste

a mais uma vitória do modo de produção capitalista com sua lógica de crises que servem para reproduzí-lo. Ecletismo, minimalismo, citação, descontrução, perda da transcendência e da aura, submissão ao mercado da moda e da indústria publicitária: estes parecem ser os traços das artes e da cultura neste fim de século. Ausência de passado e de futuro, glorificação do presente como instante fugidio e único no tempo real: estes parecem ser os traços de nossa relação com o tempo e com a história neste fim de século. Teria algum sentido, portanto, falar em "Caminhos da Memória, Trilhas do Futuro" ?

Em 1992, três datas criam um referencial histórico em cujo interior parece que não cessamos de nos mover: 1492 (teria a descoberta chegado à Visão do Paraíso e a conquista repetido o drama do Paraíso Perdido ?), 1792 (quantas mortes morreu Tiradentes, esquartejado e reconstruído pela historiografia brasileira?), 1922 (conseguiremos ser modernos e nos tornarmos contemporâneos do século XX ?)

As questões deixadas por 1922, 1792 e 1492 (atraso, colonialismo, imperialismo) e às quais se tentou responder com várias teorias continuam abertas e, neste fim de século, pareceriam irrelevantes. Que interesse poderia ter o modernismo de 22 se, como querem os pós-modernos, ele teria sido a última manifestação dos mitos instrumentais (máquina, técnica, funcionalidade) e do terror totalitário (nazi-facismo, socialismo real) ? Que interesse poderia ter o esquartejamento em 1792, se, como dizem os pós-modernos, as Luzes foram o instrumento do terror jacobino, do mito do progresso e da revolução, da emergência da burocracia estatal e dos universalismos racionalistas abstratos, suportes da dominação ? Que interesse poderia ter 1492 senão, como,

fl. 7
Proc. 10003-049-92x14
em 21/05/92

SILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAB/DF 6.000

O CONQUISTADOR E O FIM DOS TEMPOS

Para os viajantes europeus da Renascença, a descoberta dos povos nus da América parecia dever significar uma volta às origens. É o "mundo criança", "ainda inteiramente nu ao colo ... de sua mãe amamentadora", que Montaigne pensava ver nos povos pré-colombianos, que, do México ao Peru afrontam o choque dos conquistadores. Mas esta busca da origem é, ao mesmo tempo, busca do fim: limite do destino humano sobre a terra, fim da história universal. O encontro de um Novo Mundo é presságio do fim do mundo, uma vez que a humanidade é, enfim, revelada a si mesma na sua integridade; e uma vez que o Evangelho é pregado a todas as nações, dá-se o sinal indubitável da iminência do Julgamento Final. Este pensamento é comum ao dominicano Bartolomeu de Las Casas e ao hunguenote Jean de Léry, autor da **Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil** (1578), que Claude Lévi-Strauss qualificou com pertinência de "breviário do etnólogo".

Assim, pois, a palavra indígena é, de início, tomada e por assim dizer aprisionada pelo tempo do conquistador e do missionário. Despossuído do seu presente para se ver lançado no tempo mítico de origens que não são de nenhuma maneira suas origens, o índio é simultaneamente empurrado em direção a uma saída apocalíptica, uma segunda vez expulso da História, na perspectiva de uma destruição ou de uma redenção igualmente inelutáveis.

Como escapar à alternativa origem/eternidade e dar ao selvagem o tempo de viver? De que maneira oferecer-lhe essa reserva de futuro que lhe permitirá desenvolver as virtualidades de uma história particular? Inventando – não certamente sem risco de uma separação definitiva – temporalidades paralelas, o que já entrevê Montaigne com a solução do poligenismo.

Proc. 10-003.049-92-94
Fls. 30
21/05/92
SILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

FRANK LESTRINGANT. Professor de Literatura Francesa da Renascença na Universidade de Lille e professor convidado da Universidade da Califórnia. Publicou mais de sessenta ensaios sobre os viajantes franceses do século XVI. É autor da edição crítica da ***Cosmographie de Levant****, de Thevet e do livro* ***O huguenote e o selvagem.***

1922

Modernidades do Modernismo (música, tradição e história) Arnaldo Contier	**18/05**
Antigos modernistas Francisco Foot Hardman	**19/05**
Um herói negativo João Luiz Lafetá	**20/05**
Antropologia e modernidade Gilberto Velho	**21/05**
Permanência do moderno Alberto Tassinari	**25/05**

1792

Choques sociais e Inconfidência Laura de Mello e Souza	**26/05**
As minas iluminadas Sérgio Paulo Rouanet	**27/05**
Um modelo de revolução? Olivier Betourné	**28/05**
O cenário, o teatro e o entusiasmo Renato Janine Ribeiro	**01/06**
O diabo na livraria dos Inconfidentes Luiz Carlos Villalta	**02/06**

1492

A conquista Eduardo Subirats	**03/06**
Colombo, a profecia e o tempo do fim Marilena Chaui	**04/06**
O conquistador e o fim dos tempos Frank Lestringant	**08/06**
Mito e identidade Pascal Dibie	**09/06**
Vieira, o índio e o corpo místico Alcir Pécora	**10/06**
Gestos significantes, o selvagem Silviano Santiago	**11/06**
Uma gênese do Brasil Manuela Carneiro da Cunha	**15/06**

Folha n.º 33 do proc. n.º 08102.25[illegible] de 19[illegible]
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

COLOMBO, A PROFECIA E O TEMPO DO FIM

Colombo, seguidor do milenarismo de Gioachino di Fiori, crê haver cumprido as profecias de Daniel ("no tempo do fim, abrir-se-á o livro dos segredos do mundo") e de Isaías ("no tempo do fim, Israel, disperso na direção dos quatro ventos, se reunirá para a salvação"). Vespúcio crê haver aportado no Paraíso e se espanta com a beleza dos seres "sem rei, sem lei, sem fé". A liberdade do inteiramente outro é reminiscência da origem perdida e desejo de retorno à felicidade original.

O milenarismo repousa sobre dois sentimentos: o da esperança na justiça e o do infortúnio presente, isto é, o sentimento do presente como injusto. É importante observar que Justiça e Injustiça não se referem a algum ou a alguns aspectos isolados da vida social e política, mas à totalidade da existência humana – social, política, ética, cultural, cósmica. Nesse sentido, o Milênio não é apenas o mundo melhor que há de vir, mas supõe uma conflagração universal que o prepara profeticamente (em linguagem religiosa, é o Reino do Anti-Cristo; em linguagem leiga, é a revolução).

Traços fundamentais da esperança milenarista: visão do real presente como injusto; busca de sinais de mudança: profecias, augúrios, vaticínios; sentimento da fraqueza dos oprimidos que precisarão unir-se numa comunidade de destino para preparar o milênio; profecias e comunidades dos justos se preparam para o mundo do advento do milênio, isto é, a conflagração universal que fará o mundo virar de ponta-cabeça; a nova ordem, que virá, reunirá todas as comunidades de justos, dispersas durante a conflagração universal e, com elas, realizará o novo mundo da justiça.

MARILENA CHAUI. Professora de História da Filosofia e de Filosofia Política na USP. Publicou: ***O que é ideologia; Da realidade sem mistério ao mistério do mundo: Espinosa, Voltaire, Merleau-Ponty e Seminários: o nacional e o popular na cultura brasileira,*** *pela Editora Brasiliense;* ***Cultura e democracia – o discurso competente e outras falas,*** *Editora Moderna; "Sobre o medo" in* ***Os sentidos da paixão;*** *"Janela da alma, espelho do mundo" in* ***O olhar;*** *"Laços do desejo" in* ***O desejo,*** *pela Companhia das Letras. Secretária de Cultura do Município de São Paulo na gestão da Prefeitura Luiza Erundina de Souza.*

UMA GÊNESE DO BRASIL

Ao chegarem às costas brasileiras, os navegadores pensaram ter atingido o paraíso terreal. Uma região de eterna primavera onde se vivia comumente por mais de cem anos em perpétua inocência. Deste paraíso assim descoberto, os portugueses eram o novo Adão. A cada lugar conferiram um nome – atividade propriamente adâmica – e a sucessão de nomes era também a crônica de uma gênese que se confundia com a mesma viagem. É dessa gênese do Brasil que tratará a conferência.

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA. Antropóloga, professora-chefe do Departamento de Antropologia da USP. Escreveu: ***Os mortos e os outros. Ritos funerários e a noção de pessoa entre os índios Kraó,*** *Ed. Ucitec;* ***Negros estrangeiros. Os escravos libertos e sua volta à Africa,*** *Ed. Brasiliense;* ***Antropologia do Brasil. Mito, história, eticidade,*** *Ed. Brasiliense/Edusp;* ***Os direitos dos índios,*** *Ed. Brasiliense.*

TEMPO e HISTÓRIA

CAMINHOS DA MEMÓRIA, TRILHAS DO FUTURO

Folha n.º 37 do proc.
n.º 00100.025942 de 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Rec. em 21/05/92
10.003.048-92-14
11.28

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMG - Reg. 601324

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
Prefeita Luiza Erundina de Sousa

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
Secretária Marilena de Souza Chaui

ASSESSORIA DE PROJETOS ESPECIAIS
Coordenação
Adauto Novaes
José Jacinto de Amaral

Equipe Técnica
Maria das Graças de Souza Sá
Hilvânia Maria de Carvalho
Maria Valéria Ribeiro Sostena
Paulo Roberto Sciamarelli

COMISSÃO DO V CENTENÁRIO
Coordenador: José Américo Motta Pessanha

PROJETO GRÁFICO
Silvia Steinberg
Elizabeth Laffayette
Marcellus Schnell

ARTE-FINAL
Guilherme Sarmento

DIGITAÇÃO
Arabela Amaral da Silva
Marcia Regina Leal

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Graziella Narcisi Alvim

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO
Conservador Chefe
Fábio Luiz Pereira de Magalhães

Celso Vieira
Ana Maria Odelius
Débora Lauand
Maria Cristina Lacerda

GESTOS SIGNIFICANTES, O SELVAGEM

SILVIANO SANTIAGO. Professor de Literatura Brasileira e diretor da Casa de Rui Barbosa. Publicou, entre outros: ***Uma literatura nos trópicos*** *(Ed. Perspectiva),* ***Vale quanto pesa*** *e* ***Em liberdade*** *(Ed. Paz e Terra), e o ensaio "Alfabetização, leitura e sociedade de massa", in* ***Rede imaginária, televisão e democracia*** *(Companhia das Letras).*

Como se comunicam duas civilizações diferentes no momento da 'descoberta' de uma pela outra? Para responder a essa pergunta podemos nos valer do primeiro documento produzido pelos portugueses, ou seja, a **Carta de Pero Vaz de Caminha** (1500), relato do escrivão da esquadra do rei de Portugal, narrando as circunstâncias da chegada ao Brasil. A pergunta e a resposta guardam, arqueologicamente, enorme atualidade hoje, tanto no plano macroeconômico, vide a recente guerra do Golfo, quanto no plano individual, haja vista as fortes correntes migratórias anárquicas que varrem indivíduos de um lado para outro do planeta. Em ambos os casos, temos o retorno do fenômeno de 'descoberta' mútua, cuja tônica é o aumento do racismo e da intolerância. Com a queda do Muro de Berlim e acontecimentos mais recentes, racismo e intolerância religiosa são as novas formas do conservadorismo político nas metrópoles do Primeiro Mundo. Basta analisar o caso presente dos Estados Unidos e dos países da Comunidade Européia.

Lendo a **Carta** com pressupostos teóricos de hoje, percebemos que o meio de comunicação adotado pelos portugueses foi o gestual, já que não havia código lingüístico comum entre navegantes e silvícolas, nem a mediação de um possível intérprete. É interessante detectar o que, na **Carta**, se dá a ler pela linguagem gestual e, mais importante ainda, como os portugueses, em pouco tempo, conseguiram refinar a leitura do gesto e do corpo desses atores anônimos no cenário da paisagem tropical. O olhar etnocêntrico ensina, apreende, se extasia e toma posse de gestos humanos e paisagem – eis como o Brasil se escreve pela primeira vez em português. (E claro que só sabemos como o português lê aquela realidade, recalcando os valores da terra; não temos documento indígena da época.)

O que se dá a *ler* hoje no texto de Pero Vaz de Caminha é principalmente o modo como o próprio escrivão e seus companheiros *liam* questões de caráter bélico, político, econômico e religioso:

1 – a possibilidade, ou não, de agressão do indígena ao invasor europeu;

2 – a impossibilidade de se detectar um 'chefe' (ou líder) entre os selavagens;

3 – a existência, ou não, de riquezas minerais no interior do país;

4 – a ausência de credo religioso na terra descoberta e a conseqüente facilidade na tarefa da evangelização.

Pensando, em geral, a partir dos lugares conquistados pela Segunda Escolástica, que, na segunda metade do século anterior, reconhecera a humanidade do índio, sua capacidade de organização política e posse legítima da própria liberdade, e, portanto, a ausência de base teológico-jurídica para a sua submissão involuntária ao rei ou ao papa, Vieira avança a sua oratória sobre a questão do índio acentuando alguns argumentos principais: a conversão como justificação natural e providencial da descoberta do Novo Mundo e a necessidade de sua prática como via de superação do pecado original do índio, do pecado mortal do cativeiro ilícito, e ainda de obtenção do progresso temporal da colônia; o valor dos conversos para a soberania do Estado português e para o projeto contra-reformista de reunificação e ampliação da Igreja universal; a constituição de uma 'nova cristandade' como marco de um último ciclo evolutivo – o 'paraíso terreal' – da história humana.

ALCIR PÉCORA. Lingüista, crítico de literatura e professor na UNICAMP. Escreveu vários ensaios sobre a obra de Antonio Vieira, entre eles "Vieira: teologia e retórica", "O mistério eficaz" e "Vieira segundo Pessoa" in ***Estudos portugueses e africanos****, IEL-UNICAMP; "Vieira segundo Bernardo Soares"* in ***Remate dos Males****; "O demônio mudo"* in ***O Olhar*** *e "O desejado"* in ***O desejo*** *(Companhia das Letras). Publicou ainda* ***Teatro do sacramento. A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira*** *(USP, 1990).*

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

Fl. 29
Proc. 03.049-92-34
Em 21/05/92

Folha n.º 32
n.º 00002547 do proc.
O funcionário ____ de 1992

1992

são paulo

TEMPO e HISTÓRIA

CAMINHOS DA MEMÓRIA, TRILHAS DO FUTURO

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
ASSESSORIA DE PROJETOS ESPECIAIS

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO.

O tempo e os tempos Alfredo Bosi	**13/04**
O sono e a vigília José Américo Motta Pessanha	**14/04**
Elogio do anacronismo Nicole Loraux	**15/04**
Os tempos da história Catherine Darbo-Peschanski	**16/04**
Uma história sem fim Marco Aurélio Garcia	**22/04**
A invenção do novo Gerd Bornheim	**23/04**
Diferença de tempos e diferenças temporais Claude Lefort	**27/04**
Experiências do tempo Benedito Nunes	**28/04**
Bergson, Proust: tensões do tempo Franklin Leopoldo e Silva	**29/04**
Narrativa silenciosa Charles Malamoud	**30/04**
Espaço-tempo: intensidades Leite Lopes	**04/05**
Imagens do tempo Luiz Alberto Oliveira	**05/05**
O círculo e a linha Newton Bignotto	**06/05**
O tempo mítico hoje Laymert Garcia dos Santos	**07/05**
Quando o mundo ainda não existia Ailton Krenak/Luiz Lana	**11/05**
Modulações do tempo José Miguel Wisnik	**12/05**
Heroísmo no tempo revolucionário Miguel Abensour	**13/05**
A civilização sem descontentes Olgária Mattos	**14/05**

• Curso e difusão cultural reconhecido pelo Departamento de Filosofia da FFLCH da USP • Certificado mediante 75% de presença.

MITO E IDENTIDADE

O próprio da etnologia é efetuar uma 'passagem pelo Outro' a fim de utilizar a distância e o conhecimento adquiridos nas outras sociedades, para melhor compreender os mecanismos da sociedade ou do conjunto cultural ao qual pertence o próprio etnólogo. O que é feito da identidade e dos movimentos de identidade? De que maneira se opera a conservação ou a retenção da identidade de um grupo, de uma época, de uma língua etc.? Deve-se acreditar sempre na 'voz pura' daqueles que se descobrem (porque quase que inteiramente desaparecidos)?

Os exemplos antropológicos de sociedades desaparecidas, das quais se vê hoje ressurgir a língua, os mitos e certas tradições não faltam. O mesmo acontece com os recentes movimentos regionalistas e étnicos que abalam o mundo atual. Quais são os mecanismos de transmissão, transformação e restituição da identidade? É a partir de exemplos concretos tirados dos índios Urus da Bolívia, dos movimentos regionalistas franceses e dos movimentos étnicos europeus que tentaremos questionar esse fascínio identitário que o aniversário dos 500 anos do descobrimento da América provoca.

PASCAL DIBIE. Diretor do Departamento de Antropologia e mestre de conferências da Universidade de Paris VII. Publicou, entre outros, ***O quarto de dormir*** *(Ed. Globo).*

Folha n.º 50A do proc. n.º 0000259/92 do 18
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Proc. 0003.004.92-44
Doc. 21/05/92
OVANIA MARIA DE CARVALHO
OAB-SP - Rec. 60132A

Socióloga francesa desmonta conceito de catarse

LUÍS ANTÔNIO GIRON
Da Reportagem Local

A terceira noite do curso de "Ética" teve um ingrediente ruidoso além do metrô que costuma agitar o auditório de dez em dez minutos: a tradução simultânea.

Enquanto a socióloga francesa Nicole Loraux discorria, em francês, sobre tragédia grega, os aparelhinhos de tradução iam criando confusão e risos. Resultado: quem não entendia francês saiu atarantado depois de uma hora e meia de desmontagem do conceito de catarse tentada por Nicole.

A voz esganiçada da intérprete surgiu por duas vezes nos alto-falantes do auditório, traduzindo a palestra em volume mais alto que a voz da conferencista.

Depois a intérprete saiu do ar, a conferência foi interrompida e a platéia convidada a mudar do canal 6 para o 4 do aparelho.

Pior ainda, a intérprete era muito atrapalhada. Traduziu a peça "Eumênides", de Ésquilo, por "Romenidas" (uma tragédia romena?), e "hommage" (homenagem) por "homagem".

Tudo isso abafou o caráter polêmico da análise da socióloga. O público fez perguntas desinteressantes no final, sem se dar conta de que Nicole colocava em cheque a catarse, um dos conceitos mais cristalizados do pensamento sobre teatro grego.

O conceito, elaborado por Aristóteles em sua "Poética" e traduzido para as línguas modernas de maneira limitada, afirma que a função básica da tragédia é provocar a "catharsis", a purgação das paixões no espaço da representação teatral.

Nicole questionou o conceito, valendo-se de duas armas: a atualidade e ambiguidade da tragédia grega e o uso restrito do termo "catharsis" pelas traduções modernas.

Com a primeira arma, Nicole demonstrou que mesmo as tragédias mais antigas, como "Os Persas" e "Prometeu Acorrentado", de Ésquilo, são capazes de transmitir algo além da moral circunscrita ao período de Péricles: "A tragédia comportava algo além de referência política e cívica: uma reflexão sobre o humano, que fala mais ao espectador que ao cidadão".

Isso faz com que as peças gregas sejam compreendidas pelo público atual, mesmo que não esteja a par da conjuntura histórica do enredo.

A segunda arma atingiu em cheio a versão moderna da "Poética" de Aristóteles. Para a socióloga, a catarse aristotélica encerra uma ambivalência: é tanto purgação médica quanto purificação religiosa. "Para Aristóteles, a música não é didática, mas orgíaca e convida o espectador a se abrir a uma outra moral".

Nicole concluiu com a hipótese de que o público ateniense era tão crítico e afeito à catarse relativa como o atual. Mas é difícil testar essa hipótese. O público antigo não está aí para responder e Aristóteles tomou-lhe a palavra.

Outro problema na análise se refere ao método. Ligada ao grupo do ensaísta Jean-Pierre Vernant, que estudou a tragédia como fenômeno cívico, Nicole parece querer extrair observações novas do seu objeto a qualquer custo.

E opta pelo isolamento de uma essência "humana" trans-histórica da tragédia como gênero. Desvaloriza, assim, o traço cívico e político do trágico, sem refutá-lo inteiramente.

ÉTICA - Conferência "Tragédia e Destino", da socióloga francesa Nicole Loraux dentro do curso sobre "Ética", anteontem, no Masp (av. Paulista, 1 578, tel. 251-5644, Cerqueira César, zona sul).
Próximas conferências: segunda-feira, "O Index, o Fogo e a Questão da Liberdade", por Flávio de Giorgi; terça, "Fronteiras da Ética em Maquiavel", por Newton Bignotto; quarta, "Vieira, o Anti-Maquiavel", por Alcir Pécora; quinta, "O Bom Governo", Renato Janine RibeiroAs inscrições estão encerradas. O Masp cobra uma taxa de Cr$ 200,00 pelo acesso ao telão no restaurante do museu. Capacidade: 160 lugares. A programação está sujeita a alterações. Informações pelo tel. (011) 283-2656.

Cris Bierrenbach



A socióloga francesa Nicole Loraux, na palestra anteontem no Masp

A explicação aristotélica da catarse é funcional e insuficiente. Segundo Aristóteles, a catarse leva o cidadão ao teatro, purga suas paixões e o transforma em cidadão. Tudo corre bem. Mas não acredito nisso. A tragédia não consegue purgar todo o cidadão do homem, porque, se fosse assim, o público de hoje não compreenderia as tragédias, por não estar a par da guerra do Peloponeso. Aquele espectador não é somente purificado, mas é ativo. Ele tem consciência crítica, sabe distinguir as palavras dos atores e escutar o silêncio.

Trecho da conferência de Nicole Loraux

BIBLIOGRAFIA

"Orestéia", "Os Persas" e "Prometeu Acorrentado", de Ésquilo; "Antígona" e "Ajax", de Sófocles; "As Suplicantes" e "Medéia", de Eurípedes; "Poética", de Aristóteles; "Escritos sobre Teatro", de Bertolt Brecht; "Lições sobre Ética", de Jacques Lacan.

FOLHA DE SÃO PAULO/ ILUSTRADA
05/04/91

Folha n.º 5A do proc. n.º 0800253-2 do fls. 1992
CLAUDEIR DE LIMA FIANÇA
Assistente Parlamentar
Funcionário
DILVANIA MARIA DE CARVALHO
OAB-1-SMC - Reg. 60134

Elitização invade ciclo sobre história

Palestra erudita da helenista francesa Nicole Loraux atrai público restrito para o ciclo 'Tempo e História'

Da Redação

O ciclo de palestras "Tempo e História", promovido pela secretaria municipal de Cultura com o objetivo de fazer uma reflexão crítica sobre os 500 anos do Descobrimento da América, começa a mostrar sinais de elitização. Menos da metade do número de pessoas (800) que presenciaram a abertura do ciclo na segunda-feira ouviram anteontem a palestra "Elogio do Anacronismo", ministrada por Nicole Loraux, da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris.

Os telões instalados em três pontos do Masp, que foram avidamente disputados na noite de segunda, anteontem estavam desligados. O público que foi ao museu ouvir a erudita palestra de Nicole Loraux formava uma platéia que se assemelhava mais a um auditório de faculdade de Filosofia. Um número siginificativo dos presentes deixou o auditório antes do término da conferência.

A helenista Nicole Loraux discutiu em francês e com tradução simultânea as dificuldades do historiador moderno em estudar a Antiguidade. Nicole falou da tendência de transportar referências do presente para o passado e como isto é visto como um "perigo" pela historiografia.

Para superar este problema, ela propôs um "elogio" do anacronismo. A helenista indicou como possibilidade para o historiador um movimento duplo entre o passado e o presente. "Colocando questões da democracia grega em situações atuais e tentando mostrar que vivemos hoje problemas que também foram pensados pelos gregos", sugeriu Nicole.

A tendência à erudição das palestras neste ciclo deverá continuar com altos e baixos até o final de seu primeiro módulo, que está discutindo os conceitos de Tempo e História. A partir de 18 de maio, as conferências deverão ser mais acessíveis ao público médio, quando os palestrantes irão falar em torno da Semana de Arte de 1922, da Inconfidência Mineira e do Descobrimento da América.

O ciclo terá prosseguimento na quarta-feira às 19h no Masp com o professor da Unicamp, Marco Aurélio Garcia, discutindo a validade do conceito de "fim da história", defendida pelo norte-americano Francis Fukuyama (leia quadro).

Claude Lefort fala no dia 27

Da Redação

O ciclo de palestras "Tempo e História" se interrompe hoje devido ao feriado e volta na quarta-feira. No dia 27, o filósofo Claude Lefort, o mais esperado deste ciclo, falará sobre "Diferença de Tempos e Diferenças Temporais". Autor do livro "Pensando o Político", Lefort leciona na Escola de Altos Estudos em Ciências Socias de Paris.

Também se apresentarão nos próximos dias os professores Marco Aurélio Garcia (quarta-feira) e Gerd Boerheim (quinta-feira).

O ciclo "Tempo e História" se estenderá até 15 de junho no Masp (av. Paulista, 1578, tel. 885-1200, região central). O evento acontece de segunda a quinta às 19h. As pessoas que não se inscreveram previamente poderão assistir às palestras por telão.



Bel Pedr

A helenista francesa Nicole Loraux, anteontem no Masp, no ciclo "Tempo e História"

HILÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG 1 - SMC - Reg 691324

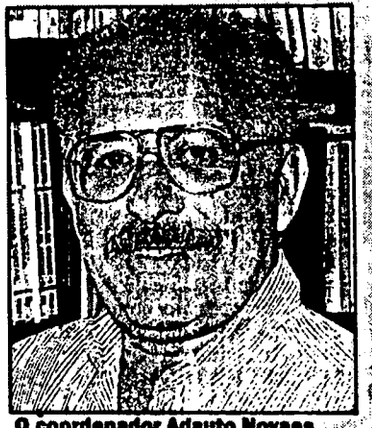
Folha n.º 52 do proc.
n.º 00025392 de 1992
O funcionário
CLAUDIA DE BARROS PEREIRA
Assistente Parlamentar

JORNAL DA TARDE
Página 20
Data: 06 ABR 1992

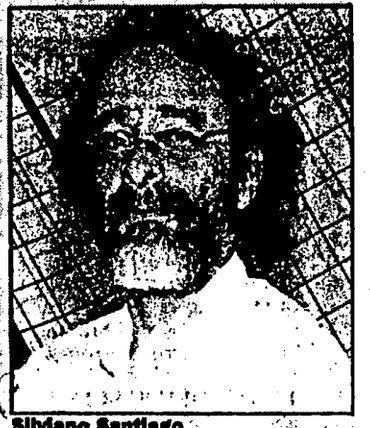
CURSO

Pensando a História, no Masp.

1492-1992. Quinhentos anos depois do descobrimento, o que somos nós hoje? A pergunta pode ser respondida a partir de 13 de abril no curso livre "Tempo e História", que integra o projeto "Caminhos da Memória, Trilhas do Futuro", promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, sob a coordenação de Adauto Novaes. O curso prosseguirá até 15 de junho. E levará ao auditório do Museu de Arte de São Paulo, na av. Paulista, intelectuais como Alfredo Bosi, José Miguel Wisnik, Olgária Mattos, Sérgio Paulo Rouanet, Renato Janine Ribeiro, Silviano Santiago, Marilena Chauí, entre outros.



O coordenador Adauto Novaes



Silviano Santiago



Olgária Matos

As inscrições para o curso podem ser feitas a partir de hoje, das 10 às 19h, na Secretaria Municipal de Cultura, à rua Frei Caneca, 1.402. O curso é gratuito, mas as vagas, limitadas.

Folha n.º 53 do proc.
n.º 00800.2532 de 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

fl. 50
Proc. 10.003.049-92-14

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

FOLHA DE SÃO PAULO
Página: 6-3 (Ilustrada)
Data: 13 ABR 1991

Cris Bierrenbach



MANEIRAS TRÁGICAS

A confusão com os "headphones" no Masp não impediu que Nicole Loraux (foto) discutisse a atualidade da tragédia grega no curso "Ética", promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Ela é a autora de "Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher" (ed. Zahar).

Proc. 10.003.049-92-14
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG 1- SMC - Reg. 601324

O ESTADO DE SÃO PAULO
Página 03 - Cad. Cultura
Data: 11 ABR 1992

SEMINÁRIO

A MODERNIDADE DOS ANACRONISMOS

Tempo e História — a ser realizado de 13 de abril a 15 de junho, no Masp —, pela Secretaria Municipal de Cultura, pretende discutir as efemérides do ano (Descobrimento, 200 Anos da Morte de Tiradentes e 70 Anos da Semana de Arte Moderna) sob a mesma perspectiva: restituição da história ao presente

LUIZ ZANIN ORICCHIO

O tempo é a mais urgente das questões, costumava dizer Jorge Luis Borges. Deve ser mesmo e, num ano especialmente marcado pelo peso das efemérides — 500 anos do descobrimento da América, 200 da morte de Tiradentes e 70 da Semana de Arte Moderna —, parece ser realmente oportuno o seminário **Tempo e História** promovido pela Secretaria Municipal de Cultura. Será uma verdadeira maratona intelectual, a exemplo do que foram outras iniciativas do gênero como o seminário sobre **Ética, O Olhar, Os Sentidos da Paixão** e **A Rede Imaginária**.

Na primeira parte de **Tempo e História**, 18 palestras situam o problema de maneira geral. Nomes como Alfredo Bosi, José Américo Motta Pessanha, Laymert Garcia dos Santos, José Miguel Wisnik fazem, ao lado de estrelas internacionais como Claude Lefort e Nicole Loraux, seus percursos nessa primeira volta do labirinto. A diversidade dá o tom nessa primeira abordagem. O professor de literatura Alfredo Bosi procura ver o que a história econômica não capta na incompleta sobredeterminação do econômico sobre as esferas do político e, sobretudo, da cultura. Há uma questão precisa a ser examinada com esse tema: o discurso sobre a colonização e sua articulação com a memória.

Se quem diz tempo não diz nomes, não poderia faltar uma lembrança ao polêmico Francis Fukuyama e sua tese do "fim da história". Marco Aurélio Garcia aponta a maneira ideologizada como se deu o debate da leitura neo-hegeliana de Fukuyama, tratada na imprensa de maneira superficial e às vezes triunfalista, mas que teve o mérito de restabelecer os laços — um pouco esquecidos — entre filosofia e política. Sua palestra, Uma História Sem Fim, marca uma posição definida, debatendo a questão da determinação e da indeterminação histórica, contra a teleologia e o finalismo. Tema que se articula diretamente com o de Gerd Bornheim, A Invenção do Novo, que procura examinar a dialética da novidade e da repetição na obra de Marx.

A segunda volta do labirinto vai ao encontro dos três marcos temporais que se comemoram este ano: a aventura de Cristóvão Colombo, a morte de Tiradentes e a Semana de 22, como paradigma do advento do modernismo. Segundo Adauto Novaes, assessor de projetos especiais da secretaria e organizador do seminário, "esses três momentos anunciam perguntas não respondidas e que fazem parte do nosso presente como nação". 1492 convida a refletir sobre a natureza do humano, 500 anos depois do descobrimento da América e do encontro de duas civilizações que não se conheciam. A execução de Tiradentes, em 1792, remete ao tema da liberdade e os 70 anos da Semana reatualizam outra pergunta muito em voga: o que é a modernidade, o que significa ser contemporâneo neste final de século?

Um tema que pode ser tratado, por exemplo, pela ótica da música contemporânea — a implosão da herança romântica nas primeiras décadas do século, uma revolução ainda não assimilada pelo ouvinte médio. É o que analisa Arnaldo Contier em sua conferência Modernismos da Modernidade (Música, Tradição e História). As ressonâncias de 22 num herdeiro do modernismo são abordadas por João Luiz Lafetá, em Um Herói Negativo, estudo sobre a obra do escritor Graciliano Ramos. Num segundo corte temporal, o secretário de Cultura Sérgio Paulo Rouanet, com As Minas Iluminadas, e Laura de Mello e Souza, com Choques Sociais e Inconfidência, vão falar sobre os mineiros da Inconfidência como filhos da Ilustração, resgatando a presença das idéias iluministas na Vila Rica de 1789.

Num recuo temporal ainda maior, Silviano Santiago, com a palestra Gestos Significantes — o Selvagem, se pergunta pelo grau zero da descoberta da América. Aquele momento mágico em que duas culturas diferentes se afrontam. Em O Conquistador e o Fim dos Tempos, Frank Lestringant interpreta o que foi esse encontro dos nativos com os espanhóis por meio da obra do dominicano Bartolomeu de Las Casas. Eduardo Subiratis, historiador espanhol, vai falar sobre a lógica da colonização em A Conquista, entendendo-a como processo de dependência que não foi interrompido mas apenas modificado pela independência política das nações americanas.

O mote constante do seminário Tempo e História é a restituição da historicidade ao presente. Como lembra Adauto Novaes, a história oficial brasileira é construída sobre o esquecimento daquilo que Paul Valery chamava de "as duas grandes invenções da humanidade: o passado e o futuro. Sem referência ao passado e sem perspectiva do futuro, a história tenderia a derrapar na circularidade do mesmo." Recuperar essa historicidade — como possibilidade de invenção em forma de projeto e colocação do presente em perspectiva pelo estudo do passado — é precondição para todo progresso possível.

PROGRAMA

■ *13/4 — O Tempo e os Tempos — Alfredo Bosi*
■ *14/4 — O Sono e a Vigília — José Américo Motta Pessanha*
■ *15/4 — Elogio do Anacronismo — Nicole Loraux*
■ *16/4 — Os Tempos da História — Catherine Darbo-Peschanski*
■ *22/4 — Uma História Sem Fim — Marco Aurélio Garcia*
■ *23/4 — A Invenção do Novo — Gerd Bornheim*
■ *27/4 — Diferença de Tempos e Diferenças Temporais — Claude Lefort*
■ *28/4 — Experiências do Tempo — Benedito Nunes*
■ *29/4 — Bergson, Proust: Tensões do Tempo — Franklin Leopoldo e Silva*
■ *30/4 — Narrativa Silenciosa — Charles Malamoud*
■ *4/5 — Espaço-tempo: Intensidades — Leite Lopes*
■ *5/5 — Imagens do Tempo — Luiz Alberto Oliveira*
■ *6/5 — O Círculo e a Linha — Newton Bignotto*
■ *7/5 — O Tempo Mítico Hoje — Laymert Garcia dos Santos*
■ *11/5 — Modulações do Tempo — José Miguel Wisnik*
■ *12/5 — O Tempo Selvagem — Ailton Krenak e Luiz Lana*
■ *13/5 — Heroísmo no Tempo Revolucionário — Miguel Abensour*
■ *14/5 — A Civilização Sem Descontentes — Olgária Mattos*

1922

■ *18/5 — Modernidades do Modernismo — Arnaldo Contier*
■ *19/5 — Antigos Modernistas — Francisco Foot Hardman*
■ *20/5 — Um Herói Negativo — João Luiz Lafetá*
■ *21/5 — Antropologia e Modernidade — Gilberto Velho*
■ *25/5 — Permanência do Moderno — Alberto Tassinari*

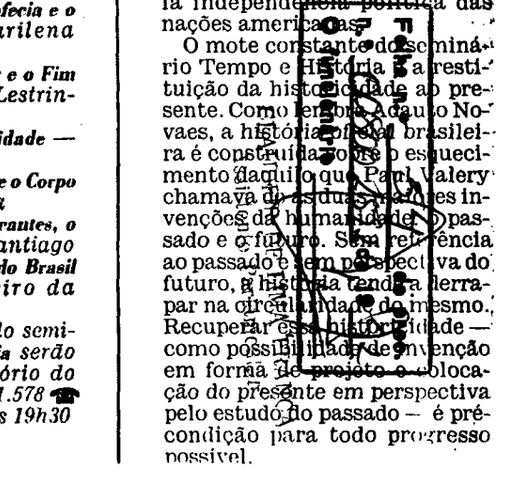
1792

■ *26/5 — As Minas Iluminadas — Sérgio Paulo Rouanet*
■ *27/5 — Choques Sociais e Inconfidência — Laura de Mello e Souza*
■ *28/5 — Um Modelo de Revolução? — Olivier Betourné*
■ *1/6 — O Cenário, o Teatro e o Entusiasmo — Renato Janine Ribeiro*
■ *2/6 — O Diabo na Livraria dos Inconfidentes — Luiz Carlos Villalta*

1492

■ *3/6 — A Conquista — Eduardo Subirats*
■ *4/6 — Colombo, a Profecia e o Tempo do Fim — Marilena Chaui*
■ *8/6 — O Conquistador e o Fim dos Tempos — Frank Lestringant*
■ *9/5 — Mito e Identidade — Pascal Dibie*
■ *10/6 — Vieira, o Índio e o Corpo Místico — Alcir Pécora*
■ *11/6 — Gestos Significantes, o Selvagem — Silviano Santiago*
■ *15/6 — Uma Gênese do Brasil — Manuela Carneiro da Cunha*

(Todas as palestras do seminário Tempo e História serão realizadas no Auditório do Masp (Av. Paulista, 1.578 ☎ 251-5644), a partir das 19h30



Folha n.º 55 do proc. 0202 2000 1942
O funcionário
CLAUDIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar
1.52
10003049.92'19
SILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG 1 - SMC - Reg. 601324

Ciclo traz ótica dos 'descobertos' em 1492

O professor Alfredo Bosi abre hoje às 19h o evento, que reúne até 15 de junho no Masp 40 intelectuais

Cris Bierrenbach - 8.mai.91



O professor Alfredo Bosi, que inicia hoje no Masp o ciclo de palestras "Tempo e História"

Da Redação

O professor de literatura brasileira Alfredo Bosi abre hoje no Masp às 19h, com a conferência "O Tempo e os Tempos", o ciclo de palestras "Tempo e História". Promovido pela Prefeitura de São Paulo, o evento reunirá até 15 de junho 40 intelectuais brasileiros e estrangeiros para uma reflexão sobre os 500 anos do Descobrimento da América.

O ciclo foi dividido em quatro módulos: "Tempo e História" (de hoje a 14 de maio), "O que é Moderno?" (de 18 a 25 de maio), "O que é Liberdade?" (de 26 de maio a 2 de junho) e "O que é Humano?" (de 3 a 15 de junho).

Segundo os organizadores do ciclo, o objetivo é apresentar uma visão dos fatos ocorridos a partir de 1492 sob o ponto de vista dos "descobertos". A data será examinada também a partir dos 70 anos da Semana de Arte Moderna e dos 200 anos da morte de Tiradentes.

Todas as palestras serão no Masp (av. Paulista, 1578. tel. 885-1200, região central), onde haverá um telão no restaurante do museu e numa sala para 90 pessoas.

O curso é reconhecido pelo Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) e os espectadores receberão certificados mediante 75% de presença.

Hoje, após a conferência de Bosi, haverá um concerto do pianista inglês Graham Griffiths com obras de Aaron Copland, Villa-Lobos, Jean Sibelius, entre outros.

Editoria de Arte

VEJA A PROGRAMAÇÃO DO PRIMEIRO MÊS

Ciclo vai até 15 de junho

13/04	O tempo e os tempos	Alfredo Bosi
14/04	O sono e a vigília	José Américo Motta Pessanha
15/04	Elogio do anacronismo	Nicole Loraux
16/04	Os tempos da história	Catherine Darbo-Peschanski
22/04	Uma história sem fim	Marco Aurélio Garcia
23/04	A invenção do novo	Gerd Bornheim
27/04	Diferença de tempos e diferenças temporais	Claude Lefort
28/04	Experiências do tempo	Benedito Nunes
29/04	Bergson, Proust: tensões do tempo	Franklin Leopoldo e Silva
30/04	Narrativa silenciosa	Charles Malamoud
04/05	Espaço-tempo: intensidades	Leite Lopes
05/05	Imagens do tempo	Luiz Alberto Oliveira
06/05	O círculo e a linha	Newton Bignotto
07/05	O tempo mítico hoje	Laymert Garcia dos Santos
11/05	Quando o mundo ainda não existia	Ailton Krenak/Luiz Lana
12/05	Modulações do tempo	José Miguel Wisnik
13/05	Heroísmo no tempo revolucionário	Miguel Abensour
14/05	A civilização sem descontentes	Olgária Mattos

DIÁRIO DO GRANDE ABC
Página 05-Cad. D-Cultura/Lazer
Data: 12 ABR 1992

Folha n.º 56 do proc.
n.º 00800.25192 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Seminário revê descobrimento, Inconfidência e Semana de 22

fl. 53
Arquivo
10.003.019-92 x 14

Especial para o **Diário**

A Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo abre amanhã um seminário no grande auditório do MASP com o tema *Tempo e História*, que discute idéias presentes no descobrimento das Américas, na Inconfidência Mineira e na Semana de Arte Moderna de 1922. "Além de comemorar as datas, é necessário um espaço para discutir essas questões" — explica José Jacinto de Amaral, 31 anos, membro da coordenação do evento. Para isso, foram convidados intelectuais do Brasil, da Espanha e da França. Entre os brasileiros, estão o secretário de Cultura da Presidência da República, Sérgio Paulo Rouanet, e a secretária de Cultura de São Paulo, Marilena Chauí.

O seminário terá quatro módulos para discutir tempo, liberdade, modernidade e o ser humano. As 490 vagas estão esgotadas, mas haverá um telão no restaurante do museu, onde cabem 200 pessoas. Estas vagas serão ocupadas mediante a apresentação de uma senha entregue pelo MASP.

O primeiro módulo trata das noções de tempo nas culturas ocidental, oriental e primitivas. A conferência *O Tempo e os Tempos*, de Alfredo Bosi, abre com um paralelo entre a civilização grega e os descobrimentos.

O módulo seguinte trata de 1922, que vai ser enfocado pela ótica da modernidade. O terceiro módulo vai discutir liberdade, Tiradentes e o ano de sua morte, 1792. O último módulo enfoca 1492, o ano de Colombo, com discussões sobre a visão do conquistador sobre o índio.

Para a Secretaria, a América não foi "descoberta" mas conquistada. Não houve "um encontro de dois mundos", mas um choque entre duas civilizações. A opção fez com que o órgão bancasse o custo do evento, de Cr$ 100 milhões, já que o governo espanhol, requisitado como co-produtor, não concorda com a ótica.



HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO

O secretário de Cultura Sérgio Paulo Rouanet: conferencista

LILIAN PRIMI

TEMPO E HISTÓRIA — *Seminário da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo sobre o descobrimento da América, a Inconfidência e a Semana de Arte Moderna de 1922. Reconhecido pela USP como extensão universitária. Começa amanhã. MASP. Av. Paulista, 1.578. O museu distribui senhas para 200 vagas no restaurante do prédio. Entrada franca. De segunda a quinta, às 19h. Até 15 de junho.*

Curso em S.Bernardo enfoca a conquista da América

Especial para o **Diário**

A Prefeitura de São Bernardo dá continuidade amanhã ao curso *Conheça Nossa América*, iniciado há duas semanas, com uma aula da professora e historiadora da USP Maria Nazaré Ferreira. Ela vai falar sobre a conquista do Continente pelas vozes dos vencidos e vencedores. Norteado também pela ótica de que a América foi conquistada e não descoberta, o curso faz amanhã a terceira das 13 aulas.

Maria Nazaré vai falar sobre a chegada dos portugueses e espanhóis às Américas e também de como foi o encontro com os povos nativos. Ela passou quatro anos estudando as civilizações pré-colombianas no Equador, de onde trouxe uma coleção de cerâmicas arqueológicas pré-incaicas, que vai expor no saguão do auditório da Faculdade de Direito de São Bernardo, onde acontecem as aulas.

A próxima aula, dia 27 de abril, será de Virgílio Maia Pinto, historiador e vice-diretor da Eca (Escola de Comunicações e Artes) da USP, sobre o sistema de colonização usado no continente. A aula de amanhã já tem 135 inscritos. A capacidade do auditório é de 300 lugares **(LP)**.

CONHEÇA NOSSA AMÉRICA — *Curso organizado pelo Departamento de Cultura de São Bernardo. Auditório da Faculdade de Direito de São Bernardo. Rua Java, 425. Jardim do Mar. Sempre às segundas-feiras, das 19h às 22h. Entrada Franca.*

JORNAL DO BRASIL
Página: 06
Data: 12 ABR 1992

Folha n.º 57 do proc.
n.º 00002593 de 19 92
O funcionário

Para repassar o tempo

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Curso abre debate sobre modernidade e história do mundo

ROBERTO COMODO

SÃO PAULO — Para tentar responder a inquietante questão "o que somos nós hoje?", 500 anos depois do descobrimento da América, 35 pensadores do Brasil e do exterior estarão reunidos no curso livre *Tempo e história*, que acontece a partir de amanhã até 16 de junho, no auditório do Masp, em São Paulo. Parte do projeto *Caminhos da memória, trilhas do futuro*, promovido pela secretaria municipal de Cultura e dirigido pela filósofa Marilena Chaui, os debates de *Tempo e história* se estendem até 16 de junho. O curso é coordenado por Adauto Novaes, que organizou os memoráveis seminários da extinta Funarte — *A paixão*, *O olhar* e *O desejo* — e o recente *Ética*, sucesso absoluto no final do mês passado, na Casa da Gávea, no Rio.

Indagando qual seria o tempo da história e o pensamento do tempo, o curso *Tempo e história* se divide em quatro módulos, que passam por datas-chaves — 1492, 1792 e 1922 — e se desdobram nas questões: "o que é moderno?", "o que é liberdade?" e, finalmente, "o que é humano?". Com a abertura a cargo de Alfredo Bosi, catedrático de Literatura Brasileira da USP, que falará sobre *O tempo e os tempos*, o seminário traz ao Brasil renomados convidados estrangeiros. Entre eles estão o filósofo francês Claude Lefort, professor da École des Hautes Études, em Paris; o orientalista indiano radicado na França Charles Malamoud; o historiador francês Olivier Betourné; o filósofo espanhol Eduardo Subirats; e os franceses Frank Lestringant, autor de mais de 60 ensaios sobre os viajantes do século 16, e Nicole Loraux e Catherine Darbo-Peschanski, ambas também da École des Hautes Études, historiadoras da Antigüidade.

Adauto Novaes começou a organizar *Tempo e história* no final de 1991. Esteve na França, na Bélgica e na Espanha para contatar os conferencistas estrangeiros, todos bastante agendados com compromissos nas universidades americanas e japonesas. "É necessário fazer um convite com no mínimo seis meses de antecedência para ele ser aceito", conta Novaes. O que facilitou seus contatos foram os cursos anteriores que promoveu. Nicole Loraux, a autora de *Maneiras trágicas de matar uma mulher*, por exemplo, participou do seminário *Ética*, e Claude Lefort, de *Desejo*. "Eles reconhecem a importância dos cursos e isso ajuda muito", acrescenta Novaes, que conseguiu também trazer para discorrer sobre *Tempo e história* o físico brasileiro Leite Lopes, que é professor em Estrasburgo.

No variado cardápio de palestras do curso, Nicole Loraux falará sobre o *Elogio do anacronismo*, defendendo o antigo modelo da democracia grega como meio de entender o tempo presente. Já o filósofo Lefort em *As diferenças temporais* vai analisar as permanências do tempo a partir de um enfoque político, enquanto o orientalista Charles Malamoud, na conferência *A narrativa silenciosa*, lançará um olhar sobre a concepção do tempo na mitologia da Índia e seu constante recomeço.

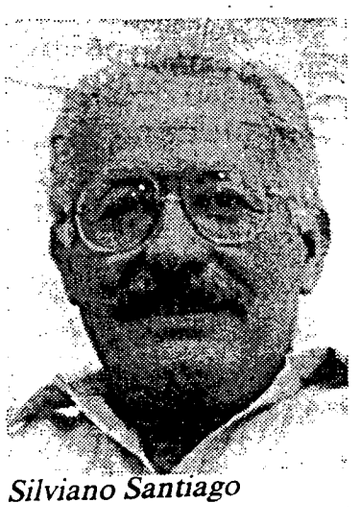
Entre os brasileiros, o professor e ensaísta Benedito Nunes fará um trajeto do *Ser e do tempo*, baseando-se em idéias de Heidegger e Nietzsche. Com o tema *A civilização sem descontentes*, a filósofa Olgária Mattos, da USP, lembrará o poder da vidência e o dom da profecia de "prever o presente" em Walter Benjamin. Em *Modulações do tempo*, o ensaísta José Miguel Wisnik irá discorrer sobre a memória da música. Finalmente, o antropólogo Gilberto Velho fala sobre *Antropologia e modernidade* e o professor de Literatura Silviano Santiago rememora a Carta de Pero Vaz de Caminha em *Gestos significantes, o selvagem*.

"*Tempo e história* é um curso que não discute um tempo qualquer, mas o humano e o coletivo numa direção que é a de não de esqueçer o passado, mas transformá-lo em futuro", completa Adauto Novaes, já saboreando o previsível sucesso do curso que, com inscrições gratuitas, esgotou em duas horas suas 500 vagas. Dois providenciais telões no restaurante do Masp ampliarão o seminário para mais 200 pessoas. Como os demais cursos organizados por Adauto Novaes, *Tempo e história* será transformado num livro, a ser lançado até o final do ano. E, se depender do desejo de Adauto, uma versão compacta do curso deverá chegar ao Rio no ano que vem. "É cada vez mais necessário retomar uma articulação com Rio, onde estes cursos nasceram", analisa Adauto Novaes.

154
Proc. 10003049-92-54
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324



José Miguel Wisnik



Silviano Santiago



Benedito Nunes

AGENDA

■ 1º módulo — *Tempo e história* (de 13 de abril a 14 de junho): *O tempo e os tempos*, Alfredo Bosi; *O sono e a vigília*, José Américo Motta Pessanha; *Elogio do anacronismo*, Nicole Loraux; *Os tempos das história*, Catherine Darbo-Peschanski; *Uma história sem fim*, Marco Aurélio Garcia; *A invenção do novo*, Gerd Bornheim; *Diferença de tempos e diferenças temporais*, Claude Lefort; *Experiências do tempo*, Benedito Nunes; *Bergson, Proust: tensões do tempo*, Franklin Leopoldo e Silva; *Narrativa silenciosa*, Charles Malamoud; *Espaço-tempo: intensidades*, Leite Lopes; *Imagens do tempo*, Luiz Alberto Oliveira; *O círculo e a linha*, Newton Bignotto; *O tempo mítico hoje*, Laymert Garcia dos Santos; *Quando o mundo ainda não existia*, Ailton Krenak e Luiz Lana; *Modulações do tempo*, José Miguel Wisnick; *Heroísmo no tempo revolucionário*, Miguel Abensour; e *A civilização sem descontentes*, Olgária Mattos.

■ 2º módulo — *1922. O que é moderno?* (de 18 a 26 de maio): *Modernidade do modernismo (música, tradição e história)*, Arnaldo Contier; *Antigos modernistas*, Francisco Foot Hardman; *Um herói negativo*, João Luiz Lafetá; *Antropologia e modernidade*, Gilberto Velho; e *Permanência do moderno*, Alberto Tassinari.

■ 3º módulo — *1792. O que é a liberdade?* (de 27 de maio a 3 de junho): *Choques sociais e inconfidência*, Laura de Mello e Souza; *As minas iluminadas*, Sérgio Paulo rouanet; *Um modelo de revolução?*, Oliveir Betourné; *O cenário, o teatro e o entusiasmo*, Renato Janine Ribeiro; e *O diabo na livraria dos Inconfidentes*.

■ 4º módulo — *1492. O que é humano?* (de 4 a 16 de junho): *A conquista*, Edurado Subirats; *Colombo, a profecia e o tempo do fim*, Marilena Chaui; *O conquistador e o fim dos tempos*, Frank Lestringant; *Mito e identidade*, Pascal Dibie; *Vieira, o índio e o corpo místico*, Alcir Pécora; *Gestos significantes, o selvagem*, Silviano Santiago; e *Uma gênese do Brasil*, Manuela Carneiro da Cunha.

ADO DE SÃO PAULO
a 07 cad. 2
27 ABR 1992
II A.R
ista
1992

FOLHA DE SÃO PAULO
Página: 28 revista da folha
Data: 26 ABR 1992
Folha n.º 58 do proc.
n.º 00800258 de 1992
funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar
10-003.049-92*14
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

CURSOS E PALESTRAS

SEGUNDA

Claude Lefort. Um dos primeiros intelectuais do mundo a criticar o totalitarismo dos regimes de esquerda, o filósofo francês de 64 anos é a atração —sem dúvida a maior— do ciclo de palestras coordenado no Masp pela Secretaria Municipal de Cultura. Sua conferência terá como tema "Diferenças de Tempos e Diferenças Temporais".

• **Seminário Tempo e História**. Sétima palestra. 19h. Auditório do Masp. Av. Paulista, 1.578. Tel. 251-5644. *Lotação esgotada. Arrisque um lugar, nem que seja para assistir pelo telão instalado no vão do museu.*

SÁBADO

Workshop de Bonequeiros. Depois de oito anos de pesquisas, os bonequeiros Beto Lima e Beto Andretta apresentam um resumo do desenvolvimento, história e produção do teatro de bonecos.

• **Centro Cultural São Paulo**. R. Vergueiro, 1.000, (ao lado da est. Vergueiro do metrô), Paraíso, zona sul. Tel. 278-9787. Às 16h. Grátis

JORNAL DA TARDE
Página D-8
Data: 27 ABR 1992

QUARTA

Helena Meirelles — A violonista se apresenta com o show "Tereré", encerrando o projeto "Chuva de Estrelas", promovido pelo Centro Cultural São Paulo. Quarta e quinta, às 19h30. Cr$ 6 mil. Centro Cultural São Paulo, r. Vergueiro, 1.000, zona sul de São Paulo, tel. 278-4577.

SHOPPING NEWS
Página 06
Data: 26 ABR 1992



ÃO DE UMA ES-
Tarciana Portella,
iras são os artistas
entro de Estudos e
Recife. Trata-se de
pontes, alagados,
idade. **Secretaria**
Mário Pedrosa - r.
quinta, das 10h às

ULO

PÁTRIA AMADA ESQUARTEJADA, 40 painéis em três versões, que abordam diferentes e contraditórias versões da história do Brasil, onde são reinterpretados os heróis e as datas na nacionalidade. De segunda a sexta, das 10h às 19h, ao ar livre. *Próximo ao Monumento à Independência*, Parque da Independência, s/n.º, Ipiranga; e na Praça da Sé, até 7/5. Informações, 283-2983.

MESTRES CANTORES DE SÃO PAULO, apresentação dos líricos Martha Herr, Adriana Giarola, Lenice Prioli, José Marson e Carlos Eduardo Marcos, acompanhados ao piano por Maria José Carrasqueira, interpretando Mozart. Sexta, 29, 12h30. GRÁTIS. *Salão Nobre do Centro Cultural São Paulo*

TAIPA, TIJOLO E FANTASIA, 16 painéis, organizados pelo Departamento do Patrimônio Histórico, arrolam a questão da figura do arquiteto modernista Gregori Warchavchik e seus trabalhos. De terça a domingo, das 9h às 17h. *Capela do Morumbi*, Av. Morumbi, 5 387, tel. 286 0403.

I JUCA PIRAMA, de Gonçalves Dias; adaptação e atuação, Grupo Ô de Casa; direção, Elio Cardoso. Ocaso de uma nação indígena. O conflito do último descendente dos Tupis. Hoje, 20h30. Grátis. *Biblioteca Infanto Juvenil Monteiro Lobato*, R. Gal Jardim, 485, fone 256 4122

JORNAL DA TARDE
Página 02
Data: 14 ABR 1992

Folha n.º 59 do proc.
n.º 00800258292 do 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar



O grupo XPTO recebeu cartão vermelho de diretores presentes ao Festival de Teatro de Curitiba (PR). Os observadores não gostaram da última cena de *XPTO Mega-M*, na qual uma dançarina caricatural é disputada aos trancos por dois palhaços. O desfecho da peça, tido por antifeminista e politicamente incorreto, fecha ao grupo muitas portas internacionais.

11.56
Proc. 10-003.049-92/14
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

JORNAL DO BRASIL
Página: 14 IDÉIAS - LIVROS E ENSAIOS
Data: 11 ABR 1992

■ O filósofo francês Claude Lefort e o historiador canadense Modris Eksteins — autor de *A sagração da primavera*, recentemente lançado pela editora Rocco — são as atrações internacionais do seminário *Minas e as utopias: 200 anos da morte de Tiradentes*. O seminário, promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais e pela Universidade Federal de Ouro Preto, conta com o patrocínio da Fiat do Brasil e será realizado em Ouro Preto, de 28 a 30/04. Silviano Santiago, José Murilo de Carvalho e Maria Rita Kehl estão entre os participantes brasileiros. A taxa de inscrição é de CrS 10.000,00. Informações: (031) 443-6804 e 443-6066.

■ Atenção: o congresso internacional *América: descoberta ou invenção*, que será realizado na Uerj, teve sua data alterada para os dias 13, 14 e 15 de abril, a fim de não coincidir com o feriado da Semana Santa. A taxa de inscrição é de CrS 15.000,00 e os telefones para informações são 284-8322 ou 264-8143, ramais 2417 e 2507.

Proc. 10.003.049-92-14
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324
Folha n.º 60 A do proc.
nº 0004552 do 1992
do funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar
O ESTADO DE SÃO PAULO
Página 03 - caderno 2
Data: 27 ABR 1992

Lefort fica entre o relativismo e os dogmas

Na mais esperada conferência do seminário Tempo e História, o filósofo francês Claude Lefort expõe idéias desenvolvidas em seu último livro, Écrire — À L'Épreuve du Politique

Luiz Zanin Oricchio

Hoje às 19 horas, no Masp, se realiza a conferência de Claude Lefort, o mais esperado participante seminário **Tempo e História**, promovido pela Se-taria Municipal de Cultura. Com a palestra **Diferen-de Tempos e Diferenças Temporais**, Lefort esta-lece uma distinção sutil entre o tempo pensado co-) contínuidade (seqüência passado-presente-futu-) e como descontinuidade (diferença radical de na-eza entre passado e o presente). Sob essa aparência i tanto hermética se esconde um tema de grande portância: saber como é possível o acesso aos da-s do passado por um pesquisador que observa — e reve —pela perspectiva do presente. Essas diferen-; temporais são analisadas a partir de um ponto de ta político.

O que não é surpresa. Lefort é, acima de tudo, um grande pensador político e sempre esteve envolvido com política. Inclinado na juventude para o socialismo revolucionário, não suportava o burocratismo disciplinado do Partido Comunista Francês. Foi apresentado ao marxismo no curso de Filosofia, quando era aluno de Merleau Ponty. Durante a ocupação alemã militou num grupelho trotskista. Mas logo saiu e fundou com Cornelius Castoriadis e outros intelectuais franceses a revista **Socialisme ou Barbarie**. O grupo fazia uma crítica feroz ao stalinismo, mas se mantinha no quadro de referência do marxismo. Essa posição de independência lhe valeu a hostilidade de setores de esquerda mais tradicionais, sobretudo do Partidão francês.

Atualmente professor da École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, e dono de uma obra de grande consistência teórica (**Machiavel — Le Travail de L'Oeuvre** é um clássico de análise do pensamento político de Maquiavel), Lefort mantém laços estreitos com o Brasil. Lecionou entre 1953 e 1954 na Universidade de São Paulo e depois voltou em visita várias vezes ao País. Com seus cursos, livros, conferências e aulas, fez a cabeça de mais de uma geração de intelectuais brasileiros.

Em entrevista por telefone ao **Caderno 2**, Claude Lefort disse que sua conferência tem como eixo o sentido da diferença dos tempos na História. Ele se pergunta como um contemporâneo constrói sua experiência teórica quando estuda uma época que não é a sua, e da qual está separado, em muitos casos, por um intervalo de séculos. "Procuro mostrar que há um meio termo possível no resultado desse processo de avaliação entre épocas — a meio caminho entre o puro relativismo e uma teoria dogmática da História", disse.

Para discutir o tema, ele comenta algumas obras literárias e filosóficas produzidas em outras épocas, mostrando que elas não são nem intemporais (o que significaria serem detentoras de um valor absoluto), nem meras expressões de sua época (portanto datadas, no sentido mais imediatista do termo). Um dos autores analisados por Lefort é Nietzsche, cuja obra se situa num ponto de confluência entre a filosofia e a literatura, e na qual a noção de relativismo ocupa posição de destaque. A conferência reproduz algumas reflexões do seu mais recente livro, **Écrire — À l'Épreuve du Politique**, publicado há pouco na França.

Serviço

Diferença de Tempos e Diferenças Temporais. *Conferência de Claude Lefort que faz parte do seminário* ***Tempo e História.*** *Hoje, às 19 horas, no Masp (Avenida Paulista, 1.578, ☎ 251-5644)*



Claude Lefort: influência sobre intelectuais brasileiros

Folha n.º 61 do proc.
n.º 00800259 do 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

fl. 58
Proc - 10.003.049-92/14

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

Abensour vê a relação entre herói e revolução

Do Banco de Dados

Miguel Abensour, professor de filosofiapPolítica da Universidade de Paris 7; deu anteontem no Masp uma conferência de quase duas horas dentro do ciclo "Tempo e História". Tema: o herói e a revolução.

Abensour é um erudito, desses que conseguem unir citação e idéia sem prejuízo de nenhum dos dois lados. É francês. Falou de franceses. Sorte dos professores que podem dedicar-se a explorar em sua própria língua a história dos conceitos, sem ter que falar em alemão. Não é sempre verdade que quem tem uma idéia tem que escrever uma canção.

A figura do herói foi desentranhada pelo professor em seus detalhes e matizes. O herói, diferentemente do político revolucionário, vive "para a" e não "da" revoluçãa. Mais: o herói encarna o espírito de sua época. Revolucionário, afinal, é o povo.

Robespierre era um homem comum, um advogado de província. De heróico não tinha nada, até que os acontecimentos o levaram a ser a própria encarnação da virtude revolucionária (e morrer por isso).

Citando Tocqueville e Michelet, Abensour fez Robespierre e Saint-Just viverem no Masp, quase a escarnecer daqueles homens que, hoje em dia, se arrogam o direito de matar tigres inflacionários com um só tiro, como se as palavras, só elas, pudessem fazer de alguém um herói.

O que mais impressiona numa conferência como esta de Abensour é a distância do público. Não houve perguntas.

O organizador do ciclo, Adauto Novaes, educadamente (para o público? para o conferencista?) disse, depois do constrangedor silêncio de praxe, que palestras como essas tudo completam e não dão margem a questões.

É verdade. Mas também é verdade que poucos podem entender, no Brasil contemporâneo, a história dos conceitos que atravessa um discurso como este. Pena. Talvez por isso, ao final, um homem, na escadaria de acesso ao auditório, pudesse afirmar que Abensour não é um mestre porque não se "aproximou" do público. No nosso caso, isso seria obra não de um mestre, mas de um herói.

(Marco Chiaretti)

FOLHA DE SÃO PAULO / ILUSTRADA
15/05/92

Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º 62 do proc. n.º 00800259 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

P INCLUSAO ALTERACAO CONSULTA

AADE3A A.P.L. - SISTEMA DE APOIO AO PROCESSO LEGISLATIVO 2/06/92
MO1 RESPOSTA AO EXPEDIENTE - DOCUMENTOS 16:52:43

OFICIO 1283 . 92 DT.EMIS. 30/04/92

ORGAO PMSP

NUMERO DO DOCUMENTO RECEBIDO	DATA DE RECEBIMENTO	DT.ENTREGA VEREADOR
OF. ATL 245/92 DE 01/06/92	02/06/92	03/06/92

OBSERVACAO (INFORMACOES PRESTADAS
(08-0025/92-7 VER. BRUNO FEDER 11*AND

OBSERVACAO

F2=AUX.PREENCH
F1=AUX F3=VOLTA F10=ACAO F12=CANC

0000000 RESPOSTAS JA CADASTRADAS

Entregue por Leg. 2, recebido por
reg. n.o 21543, em 03/06/92

1024/1992

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para informação, rubricado como folha nº 63

do processo nº 00800 2592 de 19 92 02 01 96 (a)

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Ao DT. 94 Sr. Chefe
Para os devidos fins
02 JAN 1996
ALICE CECCHETTI CAMERA
Chefe de Seção Técnica III
Chefe de LEG. 2

DEPARTAMENTO
DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMÁTICA
SEÇÃO TÉCNICA DE ARQUIVO

Proc. encerrado c/ 63 fls.

Arquivo em 02-01-96

O Func.º

REGINA APARECIDA BARRIOS
Chefe de Seção Técnica II

CÓD. 0233

SEGUE ..... juntado ..... nesta data, ...documento .....e papel para informação, rubricado .....

sob folha ..... nº .....

Em ...../...../.....

(a).....

Folha n.º 11 do proc.
n.º 00800259 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

diz o pós-modernismo, o de ser mais um capítulo da "grande narrativa" que inventou o mito da Europa, ainda que possa ter o mérito de revalorizar a Natureza contra a Cultura, a ecologia contra as ilusões da história, a alteridade contra a identidade logocêntrica e etnocêntrica dos conquistadores ? E mesmo que julgássemos essas três datas relevantes para repor a discussão sobre a violência e a injustiça do presente, por que o continente latino-americano (e africano) teria precedência face aos mesmos fenômenos que assolam o "Norte" e o "Leste" ?

A estas reflexões convidamos a todos no ano de 1992, quando se comemoram os 70 anos da Semana de Arte Moderna, os 200 anos do esquartejamento de Tiradentes e os 500 anos da conquista da América.

Se percorressemos o caminho da cronologia - 1492, 1792, 1922 - correríamos o risco da simplificação temporal e de tomar a história como progresso linear e acúmulo de nomes, fatos e datas. Talvez seja melhor percorrer o caminho seguindo trilhas quase invisíveis que nos permitam transformar em questões as evidências herdadas: 1922, 1792, 1492.

1922 • O Modernismo é, no final do século 19 e nas primeiras décadas do século 20, um fenômeno primordialmente urbano e das grandes cidades industriais com o mito da máquina (à direita) e a utopia da revolução histórica total do proletariado (à esquerda). Não é casual, portanto, que a Semana de Arte Moderna acontecesse em São Paulo sob o impacto da industrialização, dos movimentos anarquistas, anarco-sindicalistas, socialistas e comunistas e que aqui tenha sido escrita a primeira interpretação marxista

da história econômica do país, com a obra de Caio Prado Jr.. Entre 1917 e 1929, o país viu uma greve geral, a construção da Clevelândia (campo de concentração para operários e lideranças políticas de esquerda), a fundação do Partido Comunista Brasileiro, o Tenentismo, as primeiras organizações fascistas, o entusiasmo pelo futurismo, pelo surrealismo, pela música atonal, pela psicanálise, pelo marxismo, pelo catolicismo da Rerum Novarum. E pelo nacionalismo, isto é, pela pergunta sempre renovada e nunca respondida sobre o "caráter nacional brasileiro".
Foi 1922 um equívoco ? Paixão pela modernidade, identificada com a tecnologia ? Busca do que seríamos através de imagens do que não somos ? Tentativa de encontrar a "identidade" nas simulações de índios, negros e europeus ? O que foi 1922 sob o desejo do moderno ? O País pode ser visto de São Paulo ? Somos janela ou ocultamento ? Por que 1922 é data e problema ?

1792 • Proprietários das minas, artistas, intelectuais e um alferes indagaram se aqui poderiam brilhar as Luzes e, portanto, a Razão, a Civilização, a República e a Liberdade. Conseguiremos, na Colônia, ser contemporâneos do século XVIII ? Colônia escravagista pode tornar-se um corpo político livre ? Eram todos iguais na "inconfidência" ? Que memória é esta que designa a revolta da liberdade com o vocabulário da traição: conjura, conjuração, inconfidência ? O que nos distancia dos Estados Unidos da América, do Haiti, de São Domingos e da França ?
Enquanto revolta, a Inconfidência Mineira não foi a primeira nem a última: inscreveu-se numa tradição de lutas coloniais. Mas como ideário e consequência, torna-se inédita. Os ideias

Proc. 10-003.009/92-14
Fls. 211
21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

Folha n.º 11 do proc.
n.º 0080259 de 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

da Ilustração, os exemplos da Revolução Francesa e da Revolução Americana conferem ao movimento mineiro uma dimensão que as outras revoltas não tiveram: clara opção separatista ou de independência, crença na instituição republicana contra a monárquica, questionamento (por alguns de seus membros) do fato da escravidão.

Também não foi novidade a pena aplicada: exílio e enforcamento sempre foram as respostas da coroa portuguesa aos inssuretos coloniais. A novidade está noutro lugar: no esquartejamento de Tiradentes e na sua carne salgada e dispersada, maldita por muitas gerações.

Mais do que celebrar o enforcado em sua integridade física, queremos refletir sobre o esquartejamento e co-memorar a imagem ocultada pela historiografia brasileira. Que liberdade pode ser a nossa, sociedade esquartejada ? Que república pode ser a nossa, tecida no ocultamento das divisões sociais e políticas da exploração econômica, da exclusão cultural ?

1492 • Que-se esconde e se mostra em 1492 ? O "Novo Mundo" é novo no sentido absoluto não da geografia, da cartografia, da paisagem e do nunca antes visto, mas no sentido de colocar aos europeus a pergunta sobre alteridade radical. Porém, mal formularam a pergunta, submergiram na imagem da identidade eurocêntrica: surge o "selvagem" a ser evangelizado e a "mão-de-obra" a ser escravizada. Mais do que lamentar a devastação e a morte, queremos propor a todos uma evidência: os índios fazem parte da realidade brasileira para o século vindouro. Até bem pouco tempo os duzentos povos indígenas no Brasil continuavam sendo considerados primitivos, atrasados, folclóricos, um arcaísmo

que o progresso da civilização acabaria superando, através da violência e da aculturação. Até há pouco, seu futuro era a ausência de futuro: a previsão de extinção que se prolonga desde o descobrimento.

Nos últimos anos, entretanto, a crise ambiental do planeta começou a exigir a reversão dessa tendência e a demonstrar a necessidade de a questão indígena ser tratada em outra dimensão. A influência das florestas tropicais nas condições climáticas e, consequentemente, na qualidade de vida de todos os continentes; a importância da manutenção da diversidade biológica; a percepção de que a natureza também é tecnologia (de produção), no momento em que a própria tecnologia se revela nossa segunda natureza; a riqueza de um saber tradicional que preserva o meio-ambiente porque tem como princípio cuidar do mundo e porque se percebe como parte integrante da natureza - tudo isso vem suscitando a reavaliação da existência do índio, a descoberta do alto valor de sua cultura para o mundo contemporâneo e uma articulação inédita desta com a cultura tecno-científica. Considerando-se que cada vez mais nos tornamos capazes de apreciar a originalidade e a profundidade do saber que perpassa sua constituição sócio-política - sociedades sem Estado e contra Estado -, a cultura dos povos indígenas do Brasil deixa de ser uma herança negativa para tornar-se uma contribuição fértil para a sociedade brasileira e para toda a humanidade.

Marilena Chaui

fl. 9
Proc. 10.003.049-92-1F
Seu 21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

TEMPO E HISTÓRIA

Folha n.º 13 do proc.
n.º 0080259/92 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Nossa história foi construída no esquecimento daquilo que Valéry chamou de as duas maiores invenções da humanidade, o passado e o futuro. Sem passado e sem futuro, esta história esvazia não apenas nossos pensamentos mas principalmente a própria idéia de história. Narrar a história de um povo a partir apenas do tempo presente, "instante fugidio tido como único tempo real" é negar a articulação de épocas e situações diferentes, o simultâneo, o tempo da história e o pensamento do tempo. Ora, é essa relação que permite diferenciar condutas múltiplas no tempo e reconhecer que · procedimentos políticos e culturais considerados estranhos e aberrantes em determinado momento, sejam vistos de outra maneira em outro. Esquecer o passado é negar toda efetiva experiência de vida; negar o futuro é abolir a possibilidade do novo a cada instante. Mais ainda, a idéia de justiça fica sem lugar a partir do momento em que qualquer ação já se sabe eternamente feita e absolutamente irreparável. A nossa história vive, pois, o círculo do mesmo: um movimento que jamais cessa, um tempo eterno e regular, "imagem móvel da eterna imobilidade": 1922 repete 1792 que repete 1492, negação permanente da experiência que é temporal mas que permanece oculta. Esta visão questiona de certa maneira o axioma de Descartes que dizia que nem o próprio Deus pode fazer com que o que aconteceu deixe de ser um acontecimento.

O pensamento religioso e o pensamento dominado pela técnica têm em comum a ilusão de reduzir o futuro às idéias de espera e de previsão. Vêem a história como realização dos desígnios da Providência ou como determinismo que garante

que, de etapa em etapa, tempo e história correm em sentido determinado: é a visão do tempo como seqüência linear. Negam à história o direito à incerteza e ao acaso. A técnica pretende libertar o homem da angústia da incerteza e, por isso, deseja tudo prever, tudo dominar. Para realizar tal projeto, isola certos homens, certos objetos, certos acontecimentos. Mas, como afirmam pensadores do tempo e da história, o futuro "põe em jogo a totalidade do mundo e nenhuma técnica pode abarcar essa totalidade". Há o tempo interior e o tempo das coisas. Ele está em nós e fora de nós, na história do mundo, e, portanto, jamais pode ser objeto de manipulação absoluta da técnica.

Porque reconhecemos que as mudanças muito lentas ou muito rápidas às vezes nos escapam ou são ocultadas pelo esquecimento das várias dimensões do tempo é que propomos o curso **Tempo e História**. É preciso responder às questões: de onde nasce essa recusa do tempo que engendra em nós uma visão ingênua e passional da história ? Como desvendar os mecanismos sutis de permanência, repetição e novidade em 1922, 1792, 1492 ? O que é tempo histórico, tempo no qual se dá a história humana ?

Ao reunir pensadores do Brasil e do exterior, o curso **Tempo e História** toma como modelo e estrutura outros cursos promovidos pela SMC, a exemplo de "Rede Imaginária - Televisão e Democracia" e "Ética". Em abril e maio de 1992, quatro módulos, articulados mas autônomos, serão trabalhados por mais de quarenta conferencistas: 1) doze conferências sobre a noção do tempo; 2) seminários e mesas sobre 1922 e os temas "o pré-modeno, o moderno e o pós-moderno"; 3) seminários e mesas sobre 1792, "a história

Fl. 10
Proc. 10003.049-02×11
Jun 21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG 1- SMC - Reg. 601324

Folha n.º 14 do proc.
n.º 00800 25492 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

e a questão da liberdade" e 4) seminários e mesas sobre 1492, " o humano e a descoberta do outro".

Retomando a relação tempo e história, queremos formar, com ela, novos pensamentos e tentar, como escreveu Valéry, "tocar a vida lá onde ela não está ainda; arrancá-la de onde ela não está mais".

Tempo e História, produzido pela Assessoria de Projetos Especiais da SMC, tem a concepção e coordenação de Adauto Novaes.

Proc. 10.009.049-92+14
Jun 21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

TRÊS ESPETÁCULOS CONTAM A HISTÓRIA

Folha n.º 15 do proc.
n.º 00000958 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA

Espetáculos de marionetes, encenados pelo Grupo Giramundo, vão contar três momentos da história do Brasil: Cobra Norato (1922); "X", Ópera da Liberdade (1792) e O Guarani (1492)

COBRA NORATO • Texto de Raul Bopp; Música de Lindebergue Cardoso; Direção de Álvaro Apocalypse. Espetáculo de diversos gêneros de marionetes que utiliza na íntegra o poema homônimo de Raul Bopp, considerado o "mais brasileiro de todos os poemas".

Baseado nos mitos serpentários da Amazônia e de diversas lendas, muitos vêem neste poema a busca da identidade do brasileiro através do encontro das três raças formadoras de nossa nacionalidade.

Cobra Norato é uma serpente que nas noites de festa deixa na beira do rio sua imensa pele de cobra, se transforma em um belo rapaz e se diverte seduzindo as donzelas ribeirinhas.

Na história, o poeta (o autor) se veste da pele de Cobra Norato para correr mundo atrás de uma certa "Filha da Rainha Luzia". Encontra pelo caminho o tatu que se torna seu conselheiro e companheiro de viagem até o final da história com o tenebroso encontro com a Cobra Grande, guardiã da Filha da Rainha Luzia que mantém prisioneira.

O Giramundo baseou sua montagem em formas conhecidas do repertório plástico/visual brasileiro: os marionetes reproduzem as formas e cores da cerâmica carajá, popular do Nordeste e da cerâmica do Vale do Jequitinhonha de Minas. O tatu recebe suas formas da escultura tradicional européia.

"X" ÓPERA DA LIBERDADE • A vasta literatura sobre a conjura dos "Inconfidentes Mineiros"traz à tona mistérios, controvérsias e conjecturas sobretudo em relação ao Protomártir, Tiradentes, o alféres. Não foi intenção dos autores opinar ou defender teses; pelo contrário, almejaram deixar a descoberto dúvidas, ambiguidades e novas indicações, de maneira que toda trama girasse em torno do mito da Liberdade: fulcro da conquista do Brasil pelos brasileiros. Mesmo na atualidade.

A encenação da "Ópera da Liberdade", além de prestar uma justa homenagem ao artista Ernest Widmer, recoloca em cena, através de um espetáculo múltiplo de Música, Teatro, Dança e Artes Plásticas, os elementos humanos, ideológicos e da história da Inconfidência Mineira.

O próprio mistério em torno dos Profetas de Aleijadinho marca o prólogo da ópera e dá a chave para um novo entendimento do movimento mineiro. "Deixo a charada dos profetas", canta o Aleijadinho. Dele, aliás, é também a efígie da Ópera: o "X" representado no altar-mor da Igreja de São Francisco em Ouro Preto, pelas mãos e pés de Cristo crucificado, numa alusão a Tiradentes esquartejado. O Aleijadinho universalista profere e define o nosso lema e a nossa razão de ser artista: "A liberdade para o artista é recriar o mundo à sua imagem, contar outra história escondida nas obras do relato: menos arranjada, menos opaca, mais fiel".

Fl. 12

Proc. 10.003.049-92-14

Em 21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

Folha n.º 16 do proc.
n.º 00000592 de 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

O GUARANI • Música de Carlos Gomes; Intervenção Musical de Raul do Vale; Direção de Álvaro Apocalypse; Produção de Giramundo / Festival de Inverno da UFMG.

Neste espetáculo de marionetes, a ação inicia-se já durante a Protofonia com a chegada dos portugueses ao Brasil e seu primeiro contato com os habitantes locais.

Ao iniciar-se a ópera propriamente dita, um excêntrico "espectador" interrompe a ação para questionar o papel da Igreja no episódio, exibindo uma carta de Anchieta e tecendo críticas a seu conteúdo.

O espetáculo é retomado para ser novamente interrompido, desta vez com irônicos comentários a respeito de Villegaignon, o calvinista.

O espetáculo se desagrega pouco a pouco, a música se reduz a poucos instrumentos, divaga-se, devaneia-se, coloca-se cruamente a relação colonizador / colonizado de lá até os dias de hoje.

Retoma-se por fim a ópera que termina da maneira como seus autores previram mas não sem se ouvir os comentários do "espectador" no procênio questionando-se a si mesmo.

fl. 13

Proc. 10.003049-92/14
21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

1922

Folha n.º 12 do proc.
n.º 00800254 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Enfibraturas do Ipiranga • É o poema da *Paulicéia desvairada* de Mário de Andrade onde se vê a população da cidade encenando no Vale do Anhangabaú o grande coral das suas diferenças e contradições, no choque entre "Orientalismos Convencionais", "Juvenilidades Auriverdes", "Senectudes Tremulinas" e "Sandapilários Indiferentes" (no meio de tudo, a "Minha Loucura").

"Oratório Profano" paródico, o poema é uma visão e uma antevisão de São Paulo metrópole moderna, e convida, nos 70 anos da Semana, a uma grande releitura coletiva que coloque, de múltlipos pontos de vista, as questões vivas da cidade e da cultura.

O poema será tomado como mote desencadeador de um processo de elaboração que passa pelas apropriações de grupos teatrais, corais, grupos de dança, conjuntos instrumentais, grupos carnavalescos, com participação ativa de movimentos sociais, meninos de rua, casas de cultura, etc.

Em 1º. de maio de 1992, no Vale do Anhangabaú, um evento multi-artístico com a participação dos mais diferentes grupos de produtores culturais que representam a cidade, em sua força e diversidade, atualiza o rito social, cultural e

político das "Enfibraturas do Ipiranga".
A encenação das "Enfibraturas" tem a coordenação geral de José Miguel Wisnik.

Um Mestre da Modernidade Brasileira • O meio artístico ainda está por constituir com clareza, e no âmbito de projetos culturais firmemente estabelecidos, iniciativas capazes de um dimensionamento histórico e crítico do modernismo de 22, e de seus desdobramentos na arte produzida até fins dos anos 40, e mesmo posteriormente. O grande emblema da modernidade na arte brasileira ainda está cravado nas figuras de Portinari, Di Cavalcante e Tarsila do Amaral, cuja celebração muitas vezes acrítica e a-histórica, tem frustrado uma avaliação da inserção da nossa arte nas questões da modernidade. Acreditamos que o resgate da obra de Guignard contribua, de alguma maneira, para essa tarefa crítica.
Através da exposição de 20 obras fundamentais do pintor Alberto da Veiga Guignard, colhidas de coleções públicas e particulares em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, buscaremos apontar a maneira singular com que esta obra absorve

fl. 14

Proc. 10-008-049-92-14
em 21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601326

Folha n.º 18 do proc.
n.º 008002592 de 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

certas conquistas formais das vanguardas modernas européias, configurando uma elaboração extremamente rica e original do modernismo brasileiro.

A Questão Moderna : Resistências e Perspectivas. Ciclo de Debates • Através de profissionais de reconhecida atuação na área da produção crítica e teórica em artes plásticas, o ciclo visa propiciar uma visão crítica do modernismo de 22, redimensionando sua inserção e ressonâncias na renovação da arte brasileira desde então; superar as abordagens ufanistas do modernismo, identificando os artistas e/ou os movimentos de maior significação no estabelecimento de uma visualidade moderna para a arte brasileira, delineando, por fim, as perspectivas de consolidação e de afirmação de uma arte contemporânea brasileira. São propostos os temas: a permanência de Aleijadinho; a modernidade de Tarsila do Amaral; a modernidade de Guignard; a modernidade de Volpi; a modernidade de Hélio Oiticica; a arte contemporânea brasileira: perspectivas.
Produção da Divisão de Artes Plásticas do Centro Cultural São Paulo, sob a coordenação de Sonia Salsztein.

Exposição do Arquivo Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros • O Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo reúne 23 tipos de documentação em seu Arquivo Mário de Andrade. Há ali, dentre muitos outros, documentos pessoais, que acompanharam o cidadão Mário; manuscritos da obra e toda sua "marginália"; fotografias; recortes de imprensa de toda sorte; a correspondência ativa e passiva, pesquisável e a lacrada; objetos pessoais, incluídos os móveis da casa da Rua Lopes Chaves; o acervo de arte brasileira antes pertencente à família e entregue, em sua quase totalidade, ao Instituto; o acervo, menor, de arte estrangeira; o produto das viagens de trabalho; bibliografia especializada, etc.
Parcialmente exposto em 1972, por ocasião do cinquentenário da Semana da Arte Moderna, quando se montou a mostra Tempo Modernista, esse material, visitável no campus da USP e assim sobretudo acessível a estudiosos, será aberto à população da cidade de Mário no ano do V Centenário, antecipando e preparando os trabalhos previstos para 1993, data marcada para um congresso internacional alusivo a um outro centenário: o primeiro do nasci-

Fl. 15

Proc. 10.003049-92-19

Em 21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

Folha n.º 19 do proc.
n.º 00000959/92 de 19 92
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

mento do autor de Macunaíma.

Coordenada pelo Núcleo de Projetos Literários do Centro Cultural São Paulo, em cujos espaços será recebida, em agosto de 1992, a exposição terá curadoria das professoras Telê Ancona, Martha Rosseti e Flávia Toni, do IEB, e de suas respectivas equipes de pesquisadores. A perspectiva da mostra é dar a ver, desta feita, um máximo de ítens do Arquivo, recortados segundo uma dupla aproximação, capaz de destacar, no conjunto, um "Mário" para iniciantes. Todos os segmentos da exposição tenderão, no entanto, a pôr em destaque a poderosa unidade do pensamento e da criação marioandradina, captando o ensaísta, o crítico de artes, o crítico literário, o prosador de ficção, o poeta, o musicólogo, o folclorista, o pesquisador e o dirigente cultural.

Integrará a exposição o material da Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938, sob guarda da Biblioteca Sérgio Milliet do Centro Cultural São Paulo, que inclui: gravações em disco, transcrições, cadernetas de campo e fotografia.

Ao longo do segundo semestre de 1992, módulos da exposição, tematicamente destacáveis, deverão transitar por escolas e bibliotecas da rede pública, dando continuidade

ao trabalho e dotando-o de sentido pedagógico.
Por ocasião da instalação, em agosto, um ciclo de palestras e debates reunirá os curadores da mostra e outros especialistas convidados, que tratarão do "mundo" de Mário de Andrade tal como proposto na exposição.

Transformação da Cidade e a Semana de 22 • Exposição itinerante com painéis de fotos que mostram o crescimento da cidade de São Paulo no período de 1890 a 1920, abrindo caminhos para a Semana de 22. Além das fotos, serão expostos textos da Semana, jornais da época, músicas da década de 20 e gráficos que apontam o crescimento populacional, seus aspectos sociais, econômicos e culturais.
Esta exposição projetada pelo Departamento de Bibliotecas Públicas da Secretaria Municipal de Cultura percorrerá as diversas bibliotecas municipais a partir de fevereiro de 1992.

Seminário Mário de Andrade: Normas / Desconstruções • Mário de Andrade não apenas reconheceu teoricamente uma "fala brasileira"

Folha n.º 20 do proc.
n.º 00X00257 de 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

como variedade produtiva da língua portuguesa, credenciável para fins literários, mas ainda a concretizou no estilo. Na hipótese do "brasileiro", para o qual Mário escreveu uma Gramatiquinha, funda-se não apenas a sua, mas as muitas escritas da literatura brasileira moderna, tal como se constrói, ou desconstrói, em 22.

Para repensar a produtividade dos desvios, entre nós, da língua herdada e a própria herança de Mário, no ano em que se contam cinco séculos dos Descobrimentos, mas também setenta anos da Semana, cujo propósito de devoração visava o postiço cultural que nos institui a partir da língua, pensou-se num encontro de especialistas da área de Letras de diferentes competências que trouxesse a questão até a atualidade.

Contando com a colaboração de filólogos, linguistas, latinistas, helenistas, retoricistas, teóricos de literatura e escritores, o encontro buscará discernir o que seja hoje a falha de execução e a licença estética, a inovação e a destruição, a mudança e a banalização da língua face ao recuo das humanidades e das letras clássicas mas igualmente em vista da ação da função poética sobre a língua viva.

Vale dizer que o duplo horizonte

dos trabalhos será a pressão inquietante das comunicações de massa, que a utopia antropofágica não podia prever, e a contaminação dos deslocamentos do estilo literário. O encontro é proposto pelo Núcleo de Estudos Literários do Centro Cultural São Paulo, sob a coordenação de Leda Tenório.

fl. 17

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

1792

Folha n.º 21 do proc.
n.º 00800259/92 de 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Tiradentes, a Independência e a Construção da História. Circuito Cultural Educativo • Tiradentes é uma figura forte no plano simbólico nacional: uma imagem que foi construída ao longo de dois séculos e que pretende criar a certeza do consenso e da comunhão de ideais em torno da liberdade. Tematizar a figura de Tiradentes no bicentenário de sua morte, no entanto, pode significar o oposto. Trata-se de retomar o que foi esquecido e apagado no processo de construção da imagem do herói, evidenciar o esforço de ocultamento e luta em torno da memória: o herói da liberdade (no singular) esconde e oculta muitas histórias de lutas por liberdade radicalmente diversas.

Relacionar a figura de Tiradentes com o processo mais amplo de construção dos heróis e "datas magnas" da nacionalidade é refletir sobre a problemática que envolve a concepção da história como biografia da nação.

Com o objetivo de discutir estas idéias, será desenvolvido um roteiro específico do Circuito Cultural Educativo de SMC (realizado pela DIM/DPH) referente ao Parque da Independência, no Ipiranga, durante o período letivo de 1992.

Trata-se de uma visita monitorada ao Parque, desde o riacho do

Ipiranga, passando pelo Monumento à Independência, a Casa do Grito, o Jardim Francês, incluíndo também o Museu Paulista e o Horto, precedida de projeção de slides. Esta atividade será oferecida aos alunos das escolas municipais, estaduais e particulares, ou a outros grupos interessados, mediante inscrições prévias. No caso das escolas, a visita será precedida de reuniões com os professores, havendo ainda distribuição de material impresso de apoio.

Integrada ao Circuito Cultural Educativo, será montada a Exposição "Quantas Nações Somos Nós", com cerca de 20 painéis fotográficos, textos e imagens. Esta exposição abre um debate sobre as muitas versões da história do Brasil pondo em destaque as várias imagens construídas sobre os índios, os critérios de seleção dos heróis nacionais, o ocultamento de dimensões da experiência social que também constituem a memória e a história do país.

Outras exposições, sobre temas afins, ocorrerão na Casa do Grito. Por outro lado, com o objetivo de levar o debate sobre estas questões a todos os cidadãos de São Paulo, e realizá-lo de forma democrática e aberta, serão promovidas, durante alguns fins de semana, aulas

Proc. 10.003.049-92x14
Jun 21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

Folha n.º 21 do proc.
n.º 008002/92 de 19 92
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

públicas no Parque da Independência. O calendário de todas as atividades será divulgado em março pela Secretaria Municipal de Cultura.

Proc. 10-083.049-92-14
fl. 19
Jun 22/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

Folha n.º 23 do proc.
n.º 0080252 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Comissão Índios no Brasil • A Secretaria Municipal de Cultura, em colaboração com a Secretaria dos Negócios Jurídicos do Município, criou uma Comissão composta de personalidades comprometidas com os povos indígenas para repensar as questões fundamentais sobre as relações entre os índios, o Estado e a sociedade brasileira.

A cultura brasileira permanece praticamente impermeável aos saberes indígenas, sua sociabilidade, mitos, arte e técnicas. O país se representou, muitas vezes, na figura do índio - e, no entanto, sua presença se mantém obscura, apagada, silenciosa, e suas culturas, ignoradas. Assim, a Comissão buscará tomar como eixo de seu trabalho a necessária sensibilização e a abertura para a presença do índio seja no plano da cultura, seja naquele das questões sociais, econômicas e jurídicas (buscar na Legislação o enunciado dos direitos efetivamente reconhecidos aos povos indígenas, discutir seu alcance e legitimidade).

A Comissão ouvirá especialistas, personalidades, movimentos e instituições dedicadas à causa indígena, promoverá e manterá a reflexão e o debate público, e encetará o estudo e a elaboração de

propostas de mudança na Legislação, que serão entregues à consideração da opinião pública e ao Congresso Nacional em outubro de 1992. O relatório final será ainda encaminhado a organizações internacionais concernidas pelos seus temas visando obter seu apoio e colaboração nas tarefas propostas.

Este projeto tem razões, contornos e objetivos bastante nítidos. Cria-se a Comissão não para que ela se constitua como pólo de poder ou grupo de pressão; não para se substituir às organizações governamentais e não-governamentais; não para acionar intervenções pontuais em questões urgentes, como o faz em seu belo trabalho a "Ação pela Cidadania" ; não para estabelecer um fórum de debates, um grupo de estudos ou qualquer espécie de parlamento que viesse a refletir e propiciar o entendimento sobre divergencias dos diversos movimentos e organizações. Nem acadêmica, nem político-partidária, a Comissão deve ser a instância cultural que visa considerar a mudança dos nossos referenciais relativos à questão indígena, elaborar seu sentido e favorecer a transformação mediante o incentivo e a instrução do debate e a proposta de mudanças concretas no que diz respeito aos aspectos jurídicos

fl. 20

Proc. 10.003.049-92 x 14
em 21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

Folha n.º 24 do proc.
n.º 00800259 2 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

envolvidos pela questão.
A Comissão de aproximadamente 25 membros reunir-se-á mensalmente em São Paulo segundo um calendário por ela fixado de 12 de outubro de 1991 a 12 de outubro de 1992. Além de seus trabalhos internos ela promoverá um conjunto de audiências públicas em que ouvirá especialistas, lideranças indígenas e pessoas concernidas pelas questões estudadas para a instrução de seus dossiês e a extensão dos debates para toda a Sociedade.

Exposição "Índios no Brasil" • Tendo como objetivos reverter o quadro de preconceito, discriminação e desinformação da sociedade brasileira em relação aos índios no Brasil e buscar uma mudança qualitativa na relação entre índios e brancos, a Secretaria Municipal de Cultura irá realizar nos meses de junho e julho de 1992, no Pavilhão da Bienal, no Parque do Ibirapuera, a Exposição "Índios no Brasil". Trata-se de uma exposição composta por módulos distintos, interligados e interconectados, apresentando textos, fotos, artefatos e sons, com recriação de ambientes e contextos totais, mostrando quem são, quantos são os índios, onde

estão e que línguas falam, que costumes e organizações têm as quase duzentas nações indígenas do Brasil.

Outros temas serão abordados na exposição, entre eles: o contato e as relações entre índios e brancos desde 1500; a questão da Amazônia e os projetos de desenvolvimento; o movimento indígena e os direitos dos índios na Constituição de 1988.

A exposição terá entrada franca e contará com o serviço de monitores que acompanharão os grupos de visitantes. Em paralelo a ela ocorrerão uma mostra de vídeos e um ciclo de conferências concernentes à questão indígena.

Esta exposição, cujas linhas gerais, critérios e definições conta com a colaboração de um grupo sólido de especialistas, terá seus trabalhos de preparação acompanhados por um grupo de agentes culturais da Secretaria Municipal de Cultura - ligados às bibliotecas e Casas de Cultura - os quais, no decorrer da mostra, propagarão suas propostas e repercutirão seus debates nos diferentes locais da cidade em que se desenvolvem suas atividades.

44ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência • O próximo encontro da

fl. 21
Proc. 10.003.049-92x14
23/05/92
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

Folha n.º 25 do proc.
n.º 00800259 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

SBPC será em São Paulo, na Cidade Universitária (USP), de 12 a 17 de julho de 1992. Por sugestão da Secretaria Municipal de Cultura, o tema central escolhido para os trabalhos deverá permitir uma revisão ampla dos saberes universitários (antropologia, história, geografia, literatura, filosofia, química, física, medicina e todas as demais disciplinas) nos seus aspectos concernentes às "questões indígenas e ecológicas", visando propiciar, daí em diante, a colaboração mais estreita dos homens de ciência num esforço permanente e sustentado de consideração multidisciplinar destas questões.

A Prefeitura do Município de São Paulo colaborará com a SBPC no sentido de incentivar a vinda a esta reunião científica de grande número de professores, estudantes, organizações e todos os interessados nas questões propostas como temas geral do encontro.

A colaboração da Prefeitura se dará na forma de infra-estrutura (facilitação de transporte, hospedagem para estudantes, etc.) e de incentivos relativos ao programa de atividades culturais oferecidas aos participantes da reunião.

SBPC na Cidade • Trata-se de um

desdobramento do Projeto "Univer-Cidade dos Bairros" mantido pelas Casas de Cultura da Secretaria Municipal de Cultura desde o início de 1991. Este projeto tem a finalidade de dar a setores mais amplos da população acesso a um saber que, muitas vezes, tem sido confinado no mundo acadêmico e que poderia contribuir para a compreensão, interpretação e transformação de sua realidade sócio-cultural.

A programação incluirá um conjunto de palestras e seminários nas cinco Casas de Cultura, sediadas em diversos pontos da Cidade, relativos às questões indígenas e ecológicas que constituirão o centro de interesse da 44 [a.] Reunião Anual da SBPC a realizar-se em São Paulo, em julho de 1992. Participantes da programação científica desta reunião serão convidados a expor temas de suas pesquisas e investigações a serem desenvolvidas em chave mais abrangente que aquela determinada pela especialização acadêmica e tendo em vista um auditório mais amplo e diversificado.

Lendas Indígenas Latino Americanas • Peça de teatro infantil, baseada em pesquisa de

fl. 22
10.003.049-92x14
em 21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

Folha n.º 26 do proc.
n.º 00800259 de 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Ciça Fitipaldi que busca recriar a imagem dos indígenas do Brasil, a ser encenada pelos grupos de teatro do Teatro Infantil Monteiro Lobato, da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, a partir de julho de 1992, em vários locais da Cidade.

fl 23
10-003.049/92-14
rui 21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

EVENTOS PARALELOS

Folha n.º 27 do proc.
n.º 0080259-2 de 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Festival Internacional de Teatro de São Paulo • São Paulo não tem festivais intenacionais de teatro desde 1976, apesar das grandes inovações das artes cênicas nas últimas décadas, no plano internacional: novas experiências estéticas, renovações sob a influência dos mídia, experimentações sincréticas que fundem ópera, circo, pantonima, cabaré ... Essas inovações permanecem desconhecidas entre nós, o que justifica a realização de um festival internacional de teatro em São Paulo, dentro dos seguintes eixos: espetáculos que retomem a tradição e incorporem formas de expressão renovadoras; espetáculos vinculados à dramaturgia tradicional, mas cuja leitura cênica enseje releituras vinculadas "as preocupações presentes"; realizações de várias tendências da vanguarda; experimentos multi mídia ou vinculados a pesquisas de novas linguagens cênicas e espetáculos de intersecção de linguagens.

A Secretaria Municipal de Cultura pretende realizar o festival no período de 12 a 22 de setembro de 1992.

II Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais • A

Secretaria Municipal de Cultura e o Departamento de Sociologia da FFLCH da USP patrocinarão a realização, em agosto de 1992, do II Congresso Luso-Afro- Brasileiro de Ciências Sociais levando adiante os trabalhos do I Congresso realizado em Coimbra, Portugal, em 1990. Este encontro tem por objetivo reunir pesquisadores brasileiros, portugueses e africanos em mesas-redondas, grupos de trabalho, conferências e cursos, que trabalharão em 1992 o tema geral "*Vontade de saber, desejo de poder: a Modernidade dos povos de língua portuguesa posta em questão*".

fl. 24
10-003-049-92 x 14
em 21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

Folha n.º 28 do proc.
n.º 00002594 de 1992
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

A Secretaria Municipal de Cultura está propondo três formas de expressão - a arte, a cultura política e o pensamento - para abordar os temas ligados às três datas que formam o referencial histórico do Descobrimento.

Assim. cada data será analisada de formas múltiplas, diferenciadas mas integradas.

Aos projetos aqui apresentados poderão agregar-se outros entre outubro e dezembro de 1991, quando o conjunto de atividades propostas para 1992 alcançará sua forma final.

A Comissão do V Centenário da Secretaria Municipal de Cultura receberá projetos vindos de outras instituições públicas de cultura, grupos e movimentos culturais, assim como discutirá formas de intercâmbio das atividades patrocinadas pela Secretaria Municipal de Cultura com outras instituições.

Os projetos serão submetidos à avaliação da Comissão do V Centenário e deverão seguir as linhas propostas pela Secretaria Municipal de Cultura para as comemorações das três datas.

fl. 25
10.003 049-92/14
em 21/04/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

Folha n.º 29 do proc.
n.º 00800258/92 do 19/92
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
Prefeita Luisa Erundina de Souza

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
Secretária Marilena de Souza Chaui
Chefia de Gabinete: Maria Amália Pie A. Andery

COMISSÃO V CENTENÁRIO
Sérgio Cardoso
Adauto Novaes
Franklin Leopoldo e Silva
José Jacinto de Amaral
Maria das Graças de Souza Sá
Hilvânia Maria de Carvalho
Maria Valéria Ribeiro Sostena

PROJETOS

Enfibraturas do Ipiranga
Coordenação Geral: José Miguel Wisnik

Tempo e História
Adauto Novaes
José Jacinto de Amaral

Três espetáculos contam a História
Grupo Giramundo / Álvaro Apocalypse
Produção: Divisão de Artes Cênicas do CCSP

Tiradentes, a Independência e a Construção da História
Divisão de Iconografia e Museus do D.P.H.
Coordenação Geral: Sílvia Lara

Comissão Índios no Brasil
Laymert Garcia dos Santos
Marcos Garcia Adomaitis

Exposição Índios no Brasil
Curadoria: Luis Donisete B. Grupioni

Exposição Arquivo Mário de Andrade
Telê Ancona
Martha Rosseti
Flávia Toni
Leda Tenório

Seminário Mário de Andrade: Normas / Desconstruções
Núcleo de Projetos Literários do CCSP
Coordenação: Leda Tenório

Exposição Um Mestre da Modernidade Brasileira
Divisão de Artes Plásticas do CCSP
Coordenação: Sonia Salzstein

A Questão Moderna: Resistências e Perspectivas
Divisão de Artes Plásticas do CCSP
Coordenação: Sonia Salzstein

SBPC na Cidade
UniverCidade de Bairros
Coordenação: Ação Cultural Regionalizada

Festival Internacional de Teatro de São Paulo
Edélcio Mostaço

II Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais
Maria Célia Paoli
Sérgio Adorno

Exposição Transformação da Cidade e a Semana de 22
Departamento de Bibliotecas Públicas

Lendas Indígenas Latino-Americanas
Teatro Infantil Monteiro Lobato

Produção Gráfica
Paula Nogueira / E. Lafayette

Editoração Eletrônica
Márcia Regina Leal / Hellen de Souza / Regina Célia

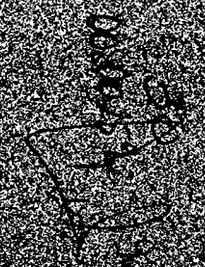
Past Up e Arte Final
Pepe

10.003.Fl.26
649.92x14
em 21/05/92

HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

13/4 a 15/6

TEMPO e HISTÓRIA



1992

DAIMARU

SMC
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
Assessoria de Projetos Especiais

fl. 27
10 - 603.049-92 x 14
em 21/05/92

HILVANIA MARIA DE CARVALHO
OAB/PE - 16.601-A

A CONQUISTA

Inicialmente, analisa-se o processo de descobrimento, conquista, colonização e aculturação do território e das civilizações americanas pelos europeus, a partir de suas concepções estratégicas e programáticas. Parte-se de uma tese tão simples quanto delicada: a teologia salvacionista ligada às cruzadas cristãs e a teologia universalista da conversão dos povos formularam teológica e filosoficamente e legitimaram o procedimento efetivo de 'descobrimento' enquanto cruzada. Essa interpretação teológica da conquista passa por três fases histórica e logicamente diferenciadas. A primeira compreende o período militar da conquista propriamente dita, abarcando, do ponto de vista filosófico e teológico, os valores heróicos da cavalaria medieval, juntamente com valores mais militantes, a rigor agostinianos, da violência como meio de conversão compulsiva e de salvação. A segunda fase é negativa e crítica, compreendendo críticas ao princípio cristão de 'guerra justa' contra os gentios, formulado pela bula papal Intercetera, de 1493, e que outorgava à monarquia espanhola o direito territorial perpétuo sobre os territórios 'encontrados' por Colombo. Compreende também a crítica a Montesinos e Las Casas, bem como à utopia de Quiroga enquanto teologia da colonização: teologia que reformula a colonização, a sujeição e a transformação da vida do americano como advento de uma subjetividade esvaziada, livre, abstrata. O terceiro momento lógico e histórico é definido pelas mais sofisticadas estratégias de conversão, vigilância e castigos desenvolvidas pelos jesuítas, com base em imenso material de conhecimento antropológico. Um de seus modelos mais interessantes é oferecido por Acosta, espírito enciclopédico que, ao mesmo tempo, concebeu as mais drásticas estratégias de propaganda do processo destruidor das culturas andinas e elevou à confissão a princípio de terror espiritual e político.

A 'lógica da colonização' é entendida, portanto, como uma teologia da dependência americana que não foi interrompida, antes apenas reformulada pelo processo da independência, tal como a reapresentou, por exemplo, Bolivar, em seus escritos revolucionários. A intenção intelectual desse conceito ultrapassa os limites de um estudo erudito e historiográfico: resgata uma categoria útil à compreensão das misérias que envolvem a existência atual na América Latina.

EDUARDO SUBIRATS. Professor de História da Filosofia na Universidade Nacional de Educação à Distância, de Madrid. Publicou, entre outros, ***A flor e o cristal****, 1981, Editora Nobel;* ***A cultura como espetáculo****, 1989, Editora Nobel e* ***La transfiguracion de la noche: Hugh Ferriss y la utopía de la metropolis moderna****, Fundacion Co. de Arquitector, Malága (no prelo). Prepara um livro sobre esta conferência, intitulado* ***O continente vazio****.*

30-003.049-92
21/05/92
SILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
QAG 1 - SMC - Reg. 601324

O que é experiência do Tempo? Pode uma cultura falar do tempo sem recorrer às diversas formas de elaborar suas tradições e de narrar a História? Como repensar a história a partir de uma tradição que trabalha com a idéia de tempo absoluto, sem conexão com as diferentes dimensões sociais, políticas e intelectuais e que procura identificar a sociedade a uma única e abstrata experiência temporal? Como pensar, enfim, a natureza do contemporâneo: tempo fragmentado, tempo deslocado, tempo modelado, tempo repetitivo-veloz-volátil, tempo sem memória?

As questões postas por 1922 (o que é modernidade), 1792 (o que é liberdade, quantas nações somos nós) e 1492 (o que é o humano) jamais foram seriamente respondidas, o que nos leva, em 1992, à pergunta: o que somos nós, 500 anos depois do 'Descobrimento'?. ***Tempo e História****, curso livre que integra o projeto Caminhos da Memória, Trilhas do Futuro, procura responder a estas indagações.*

Nossa história foi construída no esquecimento daquilo que Valéry chamou de as duas maiores invenções da humanidade, o passado e o futuro. Sem passado e sem futuro, esta história esvazia não apenas nossos pensamentos mas principalmente a própria idéia de história. Narrar a história de um povo a partir apenas do tempo presente, "instante fugidio tido como único tempo real" é negar a articulação de épocas e situações diferentes, o simultâneo, o tempo da história e o pensamento do tempo. Ora, é essa relação que permite diferenciar condutas múltiplas no tempo e reconhecer que procedimentos políticos e culturais, considerados estranhos e aberrantes em determinado momento, sejam vistos de maneira diversa em outro. Esquecer o passado é negar toda efetiva experiência de vida; negar o futuro é abolir a possibilidade do novo a cada instante. Mais ainda, a idéia de justiça fica sem lugar a partir do momento em que qualquer ação já se sabe eternamente feita e absolutamente irreparável. A nossa história vive, pois, o círculo do mesmo: um movimento que jamais cessa, um tempo eterno e regular, "imagem móvel da eterna imobilidade": 1922 repete 1792 que repete 1492, negação permanente da experiência que é temporal mas que permanece oculta. Esta visão questiona de certa maneira o axioma de Descartes que dizia que nem o próprio Deus pode fazer com que o que aconteceu deixe de ser um acontecimento.

Uma história pensada a partir da idéia de promessa e um pensamento dominado pela técnica têm em comum a ilusão de reduzir o futuro às idéias de espera e previsão. Vêem a história como realização dos desígnios da Providência ou como determinismo que garante que, de etapa em etapa, tempo e história correm em sentido determinado: é a visão do tempo como seqüência linear. Negam à

Folha nº 37
do proc. nº 02
Assinatura
ANA CLÁUDIA LIMA FRANÇA
Assessoria Parlamentar

história o direito à incerteza e ao acaso. A técnica pretende libertar o homem da angústia da incerteza e, por isso, deseja tudo prever, tudo dominar. Para realizar tal projeto, isola certos homens, certos objetos, certos acontecimentos. Mas, como afirmam certos pensadores do tempo e da história, o futuro "põe em jogo a totalidade do mundo e nenhuma técnica pode abarcar essa totalidade". Há o tempo interior e o tempo das coisas. Ele está em nós e fora de nós, na história do mundo, e, portanto, jamais pode ser objeto de manipulação absoluta da técnica.

Porque reconhecemos que as mudanças muito lentas ou muito rápidas às vezes nos escapam ou são ocultadas pelo esquecimento das várias dimensões do tempo é que propomos hoje o curso ***Tempo e História****. É preciso responder às questões: de onde nasce essa recusa do tempo que engendra em nós uma visão ingênua e passional da história? Como desvendar os mecanismos sutis de permanência, repetição e novidade em 1922, 1792, 1492? O que é tempo histórico, tempo no qual se dá a história humana?*

Adauto Novaes

A conquista
Eduardo Subirats

Colombo, a profecia e o tempo do fim
Marilena Chaui

O conquistador e o fim dos tempos
Frank Lestringant

Mito e identidade
Pascal Dibie

1492

Vieira, o índio e o corpo místico
Alcir Pécora

Gestos significantes, o selvagem
Silviano Santiago

Uma gênese do Brasil
Manuela Carneiro da Cunha

O DIABO NA LIVRARIA DOS INCONFIDENTES

O Diabo, no imaginário cristão, aparece associado à 'luxúria'. No Brasil, o apego das populações aos 'vícios da carne', continuamente denunciado por clérigos, viajantes e autoridades, era visto como um indício de que cá o Pai da Mentira tinha o seu Império e inúmeros súditos.

A imagem de que abaixo do Equador reinavam os 'pecados da carne', de um Trópico dos Pecados, foi aceita pela historiografia, até bem recentemente, sem qualquer questionamento. Todavia, as pesquisas mais recentes vêm demonstrando que, sob o aparente clima de 'intoxicação sexual', podem-se vislumbrar regras, as quais, em última instância, remetem à escravidão, à multiplicidade cultural, ao caráter colonial de nossa formação social e, mais ainda, ao jogo complexo entre o que prescrevem Estado e Igreja, suas concessões e às resistências cotidianas das populações. Assim, a articulação entre o universo cultural e moral eruditos e a cultura e moralidade características da vida cotidiana das populações encontra-se na ordem do dia das discussões historiográficas.

Nesse sentido, analisar como essa articulação se dava na sociedade mineira da época da Inconfidência, no campo da moral sexual, e tendo como alvo privilegiado os Inconfidentes pode permitir não só compreendê-la como também ver em que medida os conspiradores se distanciavam ou não dos seus contemporâneos. Assim, são nossos objetivos traçar um panorama do universo cultural erudito, mais especificamente da moral sexual, a que tinham acesso os Inconfidentes e seus contemporâneos e confrontá-los com as práticas sexuais por eles apresentadas, de forma a evidenciar de que maneira a palavra escrita afetou ou não às suas práticas. Primeiramente, analisaremos as livrarias (bibliotecas) que localizamos para o período em questão, pertencentes aos Inconfidentes e a clérigos, concentrando a atenção nos livros que se refiram à moral sexual. Depois, realizaremos uma comparação entre as livrarias de propriedade dos Inconfidentes com a dos clérigos que lhes eram coevos, de forma a verificar se, no campo da cultura erudita a que tinham acesso, os conjurados apresentavam alguma singularidade. Finalmente, compararemos as práticas sexuais dos Inconfidentes com as apresentadas pelos homens de seu tempo, incluídos aí os clérigos cujas bibliotecas investigaremos. Com isso tanto a singularidade como a rebeldia dos conjurados mineiros poderão ser redimensionados, num campo esquecido pela historiografia da Inconfidência: a moral sexual.

LUIZ CARLOS VILLALTA. Professor de Didática da História e História do Brasil Colonial na Universidade de Ouro Preto. Artigos publicados: "Formulação do professor" e "O ensino de História". Está concluindo a dissertação de mestrado sobre "Os 'pecados' dos clérigos: educação e moralidade em Minas Gerais (1748-1822)".

TEMPO e HISTÓRIA

Folha n.º 35 do proc.
n.º 00002518 do 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

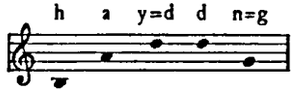
fl. 32
10. 603.049-92-14
Jun 2210519 92

SILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

EXPERIÊNCIAS DO NOVO MUNDO (CONCERTO COMENTADO)

Aaron COPLAND 1900/1990 Estados Unidos	Variations for piano	1930
Charles IVES 1874/1954 Estados Unidos	The Alcotts A família Alcott	1913
George BENJAMIN 1960 Inglaterra	Meditation on Haydn's name	1982*
Roberto VICTORIO 1959 Brasil	Duas peças breves	1991**
Heitor VILLA-LOBOS 1887/1959 Brasil	Saudades das selvas brasileiras	1927
Jean SIBELIUS 1865/1957 Finlândia	Sonata em fá maior Op.12 Allegro molto Andantino Vivacissimo	1892

*: Primeira audição no Brasil. Uma das obras encomendadas pela BBC para festejar os 250 anos do nascimento de Franz Joseph Haydn (1732/1809).
(H=si, A=lá, Y=ré, D=ré, N=sol).



**: Obra encomendada pelo pianista Graham Griffiths; estreou no Festival "Seminários Internacionais de Salvador, Bahia" em agosto de 1991, e foi incluída na turnê "Experiências do Novo Mundo" – 22 concertos no Brasil e na Dinamarca entre agosto e novembro de 1991.

Dia 13/4 após a conferência de Alfredo Bosi.

GRAHAM GRIFFITHS. Maestro e pianista inglês, é formado em musicologia pelas Universidades de Edimburgo e Cambridge. Radicado no Brasil desde 1986. Assistente, depois Regente Titular da Glasgow Chamber Orchestra, Escócia (1981 – 1986). Professor de Interpretação de Música Contemporânea na UNESP (1988 – 90). Conselheiro da Sociedade Brasileira de Musicologia (1988). Regente / fundador do Grupo Novo Horizonte (1988). Regente convidado (1991) pela Orquestra Sinfônica da Universidade Federal da Bahia. Professor e regente convidado pela Universidade de Aarhus e Musiksole de Odense em novembro de 1991.

O CENÁRIO, O TEATRO E O ENTUSIASMO

A Revolução Francesa tem como um de seus traços mais salientes o entusiasmo. Em suas imagens, freqüentemente vemos políticos com o gesto grandioso, conscientes de que deixam o cotidiano banal para ingressar na cena da História. Já se falou muito no teatralismo da Revolução, e não terá sido coincidência que Talma, o maior ator dessa época, desse aulas de dicção ao jovem general Napoleão Bonaparte. Ora, desde pelo menos a metade do século XIX esse teatralismo é criticado como enganoso, o que temos nas palavras de dois autores tão diferentes entre si como Marx e Tocqueville. A questão necessita assim ser analisada tanto em sua realidade imediata – em que medida o entusiasmo contribuiu para que as revoluções francesas, de 1789 em diante, fossem perdidas? –, quanto em tese: pode uma revolução fazer-se sem entusiasmo? O preço da lucidez será sempre uma certa frieza?

*RENATO JANINE RIBEIRO. Professor de Filosofia Política na USP. Publicou: **A marca do Leviatã** (Ed. Ática, 1979); **Ao leitor sem medo – Hobbes escrevendo contra o seu tempo** (Brasiliense, 1984); **A etiqueta no Antigo Regime** (Brasiliense, 1983). Publicou ainda os ensaios "A glória, a paixão revolucionária e a paixão amorosa em Stendhal", in **Os sentidos da paixão; e** "Os amantes contra o poder", in **O olhar** (Companhia das Letras).*

A República 'à francesa' – aquela que se impôs pela insurreição popular contra a monarquia, momento-chave da Revolução de 1789, mas também pelo regicídio, e que se institucionalizou em seguida com a III República – seria um modelo exportável, seria capaz de responder *politicamente* de um lado ao fracasso do marxismo revolucionário e de outro, ao do liberalismo? Ou ela se constitui, como se gosta hoje de afirmar na França, uma notável exceção nacional, um parênteses bem sucedido fechado e incrustado na História?

Para aclarar estas questões examinarei sucessivamente:

1 – As condições em que nasceu a República na França, a maneira revolucionária de impor os princípios republicanos: laicidade do Estado, superioridade do interesse geral face aos interesses particulares, responsabilidade do Estado na correção das desigualdades sociais, institucionalização do espaço público em que se forma a opinião, uma opinião previamente preparada para o exercício do juízo crítico pela educação e a transmissão do saber.

Considerarei aqui seja Robespierre e Billaud-Varenne, seja Jules Ferry e a tradição socialista francesa. Trarei também a questão da instituição imaginária da sociedade, fundamento do querer viver em comum.

2 – A coerência estrutural dos princípios apontados. Pode-se, sem dano para o equilíbrio do conjunto, reter tal ou tal princípio e deixar de lado tal ou tal outro?

3 – A maneira pela qual esses princípios foram historicamente criticados, de um lado pelos marxistas (crítica cuja desaparição será deplorada) e, de outro, pelos liberais. Também a maneira pela qual são hoje questionados por uma nova corrente de pensamento que opõe o 'direito à diferença', a legitimidade das identidades particulares (religiosas, étnicas, nacionais) à pretensão universalista dos republicanos.

4 – a validade dos princípios republicanos no mundo atual – nos países 'desenvolvidos' (particularmente na França), nos países 'maldesenvolvidos' e nos países 'subdesenvolvidos'. Nos dois últimos casos, limitar-me-ei a sugerir algumas pistas.

Concluirei referindo-me ao Universal, a utopia constituinte, a necessidade do direito e também do seu necessário ultrapassamento... pelo direito. Explicarei, enfim, parafraseando Saint-Just, que a República é uma idéia nova no mundo, e que, se é certo que ela não pode tudo, não é menos certo que nenhum processo de civilização é possível sem ela.

OLIVIER BETOURNÉ. Historiador, autor, com Aglaia Hartig, do livro ***Pensar a história da Revolução: dois séculos de paixões francesas*** *(Edições da Descoberta, 1989); é também editor das Edições do Seuil e diretor da coleção Libre Examen.*

As ações dos homens que 'fizeram a História' em uma formação social colonizada perdem consideráveis 'cargas' de sentido quando narradas por um discurso temporal unilinear.

Para reconstituir o senso imanente aos fenômenos de colonização, convém ao historiador exercer uma sensibilidade 'musical', capaz de perceber vozes distantes que foram emitidas em tempos ora simultâneos ora defasados.

A história econômica, em geral conectada com a dos eventos políticos, nos dá uma dimensão básica do processo social total, mas nem o esgota nem o sobredetermina o tempo todo. A ênfase nos conceitos de *trabalho* e *poder* arrisca-se a deixar em segundo plano, ou a iluminar apenas obliquamente, as expressões *cultuais* ou *culturais* (em sentido lato, simbólicas) do universo estudado.

A atenção dada aos tempos da *memória* (o presente do passado) e do *projeto* (o presente do futuro) revela as forças latentes em cada conjuntura e traz ao discurso sobre a colonização uma densidade e um interesse que o torna, segundo a exigência de Benedetto Croce, o sempre contemporâneo historiador.

ALFREDO BOSI. Professor de Literatura Brasileira (USP). Autor de ***História concisa da literatura brasileira*** *(1970).* ***O ser e o tempo*** *(1977).* ***Reflexões sobre a arte*** *(1985).* ***Céu inferno*** *(1988). Editor da revista* ***Estudos Avançados.***

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Folha n.º 36 do proc. n.º 00002598/91
O funcionário

SILVANIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg 601324

10.03.049-9 2ª Cl
Sem 21105192

O SONO E A VIGÍLIA

O estatuto de cientificidade e o conseqüente valor da história pressupõem questões mais abrangentes, como as distinções entre ficção e ciência, fantasia e verdade, **doxa** e **epistéme**, variantes do binômio radical: sono e vigília. Afinal, Clio, musa da história, é filha de Mnemosine, a titânica Memória irmã do devorador Cronos (pai de Zeus), ambos gerados por Gaia, a Terra, e Uranôs, os Céus. Tempo, memória e história são, assim, originariamente anteriores ao reinado dos Olímpicos presidido por Zeus e sua luminosidade ordenadora expressa em razão. Mais arcaicos, de estirpe titânica marcada pela insubmissão e pela violência, tempo, memória e história incessantemente questionam o instituído e o fixado, mantendo tensa relação com a racionalidade unificadora e sistematizante. O titanismo que ocorre nas veias de Clio transparece na linhagem que parte dos logógrafos, Heródoto e Tucídides e chega aos historiadores atuais, sob a forma de inquietante pendular entre verdadeiro e falso, real e simulacro, que preocupa os filósofos, de Heráclito, Parmênides e Platão a nossos dias.

O caráter científico da história tem sido discutido basicamente em função de sua objetividade e de sua lógica. Hegel conduz essas questões à situação extrema e esgota-lhes as possibilidades enquanto centradas no Absoluto. Hoje, é necessário retomá-las levando em consideração as novas formulações sobre a objetividade surgidas no próprio âmbito das ciências da natureza, referência e contraponto inevitáveis para as ciências sociais e humanas. Imprescindível também rediscutir a relação lógica e história no contexto das investigações sobre a logicidade típica dos formalismos, em confronto com a logicidade inerente aos discursos jamais inteiramente formalizáveis. Aqui, reintroduzida por Perelman, a distinção entre provas analíticas e provas argumentativas, razão monológica e razão dialógica, modelo matemático e modelo jurídico de pensar, já estabelecida pelos gregos e freqüentemente negligenciada pelos modernos, torna-se decisiva. A esses problemas acrescenta-se o da renovação do conceito de tempo operada no campo da física, a destronar o tempo absoluto e contínuo. A polêmica Bachelard/Bergson, contrapondo instantaneísmo e duração contínua, memória construída e memória resgatada, surge – no nível da física e da psicologia – como extremamente significativa e fecunda. E de dentro dela desponta a tese que já fizera Feuerbach investir contra Hegel, como Cronos contra Uranôs: a de que a lógica atribuída ao real, tido como perfeitamente comensurável à razão, constitui, na verdade, extrapolação indevida da lógica do discurso e da exposição verbal, com sua temporalidade geralmente contínua e sua progressividade articulada, tradicionalmente unidirecional. Feuerbach e Bachelard, com pressupostos distintos, apontam na direção da linguagem como

JOSÉ AMÉRICO MOTTA PESSANHA. Professor de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Autor de ensaios sobre filosofia e artes como: "Clarisse Lispector: o itinerário da paixão" in ***Cadernos Brasileiros, 1965/Remate de Males,*** *UNICAMP, 1989; "Platão – as várias faces do amor"* in ***Os sentidos da paixão,*** *pela Companhia das Letras, 1987; "Bachelard e Monet – o olho e a mão"* in ***O olhar,*** *Companhia das Letras, 1988; "A teoria da argumentação ou Nova Retórica"* in ***Paradigmas filosóficos da atualidade,*** *Papirus, 1989; "A água e o mel"* in ***O desejo,*** *Companhia das Letras, 1990. É atualmente diretor do Centro Cultural São Paulo.*

AS MINAS ILUMINADAS

Os conjurados de 1789 foram filhos da Ilustração. Ela lhes chegou de várias fontes. Em primeiro lugar, as 'idéias francesas' vieram diretamente através dos filósofos franceses. Volumes de Voltaire, Montesquieu, Rousseau, Marmontel, Mably, Raynal, foram encontrados na biblioteca de vários réus, como Cláudio Manuel da Costa, Tomaz Antonio Gonzaga e José Resende Costa. A biblioteca do mais culto dos envolvidos, o cônego Luiz Vieira da Silva, continha, além desses livros, dois tomos da **Encyclopédie**, de Diderot. Lia-se muito, em Vila Rica e Mariana, o principal divulgador espanhol das idéias francesas, o padre Benito Jeronimo Feijó. Os autores de língua inglesa vieram em traduções francesas. Um **best-seller** da época foi uma coletânea em francês das constituições americanas – **Recueuil des lois constitutives des États Unis de l'Amérique**. Grande parte do pensamento iluminista desembarcou na colônia pela mediação do português Luiz Antonio Verney.

A palestra procurará rastrear a presença dessas idéias durante a Inconfidência, usando as pouquíssimas fontes disponíveis, entre as quais os inevitáveis **Autos da Devassa**, de utilidade bastante discutível para um exercício desse gênero. Qual a eficácia histórica de idéias transplantadas do contexto europeu para um país sem tipografia e sem universidades, culturalmente nulo e economicamente dependente, com uma economia extrativista baseada na mineração, com uma sociedade escravocrata? Seria um dos primeiros exemplos conhecidos no Brasil do fenômeno que Roberto Schwarz batizou com o nome de "idéias fora do lugar", ou pelo contrário, um contra-exemplo de sua tese, apontando para o alcance universal dos grandes temas da Ilustração?

SÉRGIO PAULO ROUANET. Doutor em Ciência Política pela USP, publicou ***Édipo e o anjo, teoria crítica e literária,*** *Tempo Brasileiro;* ***A razão cativa,*** *Brasiliense, e* ***As razões do Iluminismo,*** *Companhia das Letras. É autor também dos ensaios "O olhar iluminista"* in ***O olhar,*** *Companhia das Letras; "O desejo libertino entre o Iluminismo e o Contra-iluminismo"* in ***O desejo,*** *Companhia das Letras; "Razão e paixão"* in ***Os sentidos da paixão,*** *Companhia das Letras.*

Por alguns, 1789 tem sido visto como o momento em que se abrem as contestações à condição colonial. Por outros, não passaria de hipertrofia provocada pela construção da memória nacional encetada durante o período republicano, quando se forjaram nossos principais mitos e heróis. Para esta tendência, a chamada Inconfidência Mineira não teria passado de meia dúzia de reuniões inócuas, em que a elite intelectual e financeira da Capitania de Minas Gerais divagava acerca da remota possibilidade de se fazer a independência do Brasil.

Ambas as posições merecem correção. A meu ver, 1789 não pode ser compreendido, por um lado, enquanto evento singular sequer no contexto das Minas Gerais, devendo relacionar-se a outros eventos similares que lhe antecederam. Não pode igualmente, por outro lado, ser reduzido à dimensão dos sonhos de uma elite. Tanto o contexto social explosivo que caracterizou as Minas, sobretudo a partir da década de 1940 quanto a existência de tentativas sediciosas anteriores – não importa se todas frustradas – apontam para outra direção, a saber: não é possível se entender a Inconfidência sem atentar para o *processo* da Inconfidência. Pensar, falar, planejar podia ser quase tão arriscado quanto *fazer*. Com certeza, sabe-se que muito se falou de revolta em Minas nos anos de 1788 e 1789. Com certeza, sabe-se que o mesmo acontecera antes, pelo menos em 1776, no Curvelo, quando as autoridades governativas impediram que se tornasse pública a notícia de sedição. O que pretendo, pois, é tentar equacionar diferentemente a problemática da Inconfidência, atentando para práticas sociais e representações mentais até agora pouco examinadas, e engastando o fenômeno num contexto complexo e multifacetado, do qual 1789 talvez seja a culminância, mas nunca manifestação isolada.

LAURA DE MELLO E SOUZA. Formada em História pela USP, doutorada no Departamento de História da USP, onde leciona História Moderna. Publicou ***Desclassificados do ouro****, Editora Graal, 1980 e* ***O diabo na terra de Santa Cruz****, Companhia das Letras, 1986.*

locus onde tempo, memória e história precisam ser abordados, não mais de forma absolutizada e unívoca, mas na pluralidade das versões das construções e desconstruções, das diversas escritas e leituras. Neste nível, tornam-se extremamente valiosas as pesquisas sobre as estruturas narrativas – como as feitas por Barthes –, a repor a questão da especificidade da história enquanto narrativa que se pretende distinta da construção ficcional das estórias.

O entrecruzamento dessas investigações obviamente não encerra a questão essencialmente inestancável da história: apenas tenta atualizá-la e avançar no sentido do discernimento de sua complexidade. Clio permanece, por origem e natureza, titânica, iconoclasta e inquietante, a exarcebar o embate entre mito e ciência: espaço de perene tensão onde, a partir do sono atávico, constrói argumentativamente seu direito à vigília.

Folha n.º 37 do Proc. n.º 0000253 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar
RILVANIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMG - Reg. 601324
4.349 - 02
10-003
21/05/92

ELOGIO DO ANACRONISMO

O que uma historiadora da Antigüidade pode fazer do tempo presente? O que ela tem a dizer a seus contemporâneos, cada vez mais convencidos talvez pela ironia da história ou pela violência dos seus movimentos de aceleração do que pela evidência do seu sentido? Tentaremos responder a estas questões através de um duplo movimento que, no trabalho do historiador, vai do presente em direção ao passado como objeto de estudo, e desse passado, voltar às questões do presente que convidam a tomadas de posição político-intelectuais. O que levará a defender o bom uso do anacronismo: usar no presente o modelo antigo da democracia grega, referir essencialmente aos períodos de crise e de interrogação, mais do que aos momentos de certeza.

NICOLE LORAUX. Diretora de Estudos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (Paris). Publicou, entre outros: ***Les experiences de Tirésias (le feminin et l'homme grec),*** *Editora Gallimard;* ***Façons tragiques de tuer une femme,*** *Editora Hachette – tradução brasileira pela Jorge Zahar Editor;* ***Les mères en deuil,*** *Editora du Seuil.*

Choques sociais e Inconfidência
Laura de Mello e Souza

As minas iluminadas
Sérgio Paulo Rouanet

Um modelo de revolução?
Olivier Betourné

1792

O cenário, o teatro e o entusiasmo
Renato Janine Ribeiro

O diabo na livraria dos Inconfidentes
Luiz Carlos Villalta

PERMANÊNCIA DO MODERNO

Fala-se muito na existência atual de uma arte pós-moderna. Que *critérios visuais* permitiriam distinguir uma pintura moderna de uma outra que poderíamos chamar pós-moderna? Ao que tudo indica, nenhum. A estrutura visual da pintura atual diverge da estrutura da pintura moderna das primeiras décadas do século apenas no que esta última ainda era devedora da visualidade renascentista que combatia. A convivência problemática da pintura moderna com princípios de representação visual renascentistas não pode, entretanto, servir para defini-la, pois são princípios que escapam ao que lhe é próprio. Assim, se não há razão para falar em pós-modernismo, há razão para distinguir períodos na história da arte moderna: um período de formação, quando a arte moderna ainda convive com e combate o espaço em perspectiva, e um período de consolidação, quando sua estrutura visual se torna inteiramente autônoma. Uma tal periodização, se correta, nos obriga, hoje, a uma reconstrução do sentido cultural e estético da arte moderna.

ALBERTO TASSINARI. Mestrado em Filosofia na USP com tese sobre a pintura na filosofia de Merleau-Ponty. Foi crítico de arte do jornal ***Folha de São Paulo.***

OS TEMPOS DA HISTÓRIA

Ao organizar, nos seus relatos, o curso dos acontecimentos do mundo, os historiadores gregos não elaboraram uma única temporalidade mas, com maior ou menor clareza, articulam e hierarquizam vários tempos. Nesse sentido, pode-se notar a interferência do tempo jurídico nas cidades, confederações e reino no tempo das relações intercomunitárias onde, acima das alianças e arbitragens, dominam os conflitos e a guerra; ou ainda a relação do tempo dos gregos com o de outros grupos humanos. A partir daí, manifestam-se todos os contrastes entre o tempo fechado e o tempo aberto, tempo aprisionado no espaço e tempo móvel, tempos dominantes e tempos dominados, que são maneiras de conduzir a uma visão da ordem do mundo e dos povos que o habitam.

CATHERINE DARBO-PESCHANSKI. Professora da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (Paris) e do Centro Nacional de Pesquisas Científicas. Publicou, entre outros: ***Le discours du particulier – essai sur l'enquête hérodotéenne,*** *Editora du Seuil;* ***La trahison; La politique de l'Histoire: Thucydide historien du présent.***

Folha n.º 38 do Proc. n.º 0080258 de 19
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar
M. 35 049-92
10-003. 0049-92
21/05/92
SILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMG - Reg. 601324

UMA HISTÓRIA SEM FIM

O tema do 'fim da História' ganhou notoriedade *mediática* nos dois últimos anos a partir da publicação do texto homônimo do até então obscuro 'intelectual orgânico' do Departamento de Estado norte-americano, Francis Fukuyama.

Se o debate – travado na maior parte do tempo na imprensa – deu-se quase sempre em forma superficial e altamente ideologizada, as circunstâncias históricas em que ocorreu (e ocorre) e as razões pelas quais acabou por assumir tanta gravitação, terminaram por permitir um feliz encontro da filosofia com a política.

A exposição buscará reconstituir estas circunstâncias históricas, marcadas por importantes transformações na cena mundial e que desembocaram na crise do conceito de *Revolução*.

Os sinais dessa crise são vários e, obviamente, estão ligados ao colapso do 'socialismo realmente existente' e de muitos dos paradigmas teórico-políticos que o sustentavam.

Mas eles podem igualmente ser percebidos no debate que se trava sobre a Revolução Francesa, duzentos anos depois e que não está desvinculado da questão anterior. "A Revolução Francesa terminou", intitula-se sintomaticamente a primeira parte do livro de François Furet, que alguns anos atrás (1978) lançaria as bases para uma profunda revisão historiográfica de um momento crucial da história da humanidade.

A exposição procurará mostrar como idéia de *fim* (e de *começo*) da história aparece vinculada à emergência dos processos revolucionários (francês ou soviéticos) e às reflexões sobre eles (Hegel e Marx, dentre outros).

Apontará para as tentativas de atribuir a estes eventos uma significação unívoca ('de classe', ideológica) que se associa a uma concepção de História, como processo teleológico, determinado e explicável por um princípio racional.

O tema 'Uma História sem fim' permite suscitar uma discussão teórica sobre o problema da determinação / indeterminação histórica e um debate político (e de filosofia política) sobre os 'fins' que recorrentemente são propostos à História, das utopias totalitárias de direita e de esquerda às utopias liberais.

MARCO AURÉLIO GARCIA. Professor do Departamento de História da Unicamp. Ex-professor da Universidade do Chile e das Universidades de Paris VIII (Vincennes) e Paris X (Nanterre).

ANTROPOLOGIA E MODERNIDADE

A perspectiva antropológica é, ao mesmo tempo, constituída por e constituinte da modernidade.

A descoberta do *outro*, fora e dentro da sociedade ocidental, possibilita a emergência das posturas de relativização e estranhamento, básicas para a reflexão antropológica.

Enquanto o evolucionismo pregava a unidade encadeada da espécie humana por diferentes etapas e patamares, o fenômeno da riqueza da diversidade abria novas trilhas para uma perspectiva comparativa não etnocêntrica. A pesquisa com trabalho de campo, anunciada por Rivers e sistematizada por Malinowski e seus sucessores, cria uma nova modalidade de investigação da vida social e cultural. A compreensão maior da complexidade da organização social e da cosmologia de grupos considerados primitivos, aos poucos, leva também a uma nova maneira de encarar as diferenças internas às sociedades modernas, urbanas e industriais. Assim, minorias étnicas, classe trabalhadora, setores marginais, grupos desviantes etc., passam também a ser objeto de investigação não mais dentro de uma perspectiva assistencialista ou de patologia social, mas nos seus próprios termos de identidade social e cultural diferenciada. É a partir daí, enfatizando a heterogeneidade, que valoriza-se a base para um pluralismo sócio-cultural, com suas implicações éticas e políticas.

GILBERTO VELHO. Professor e pesquisador do Departamento de Antropologia do Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro; vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC – e ex-membro do Conselho Federal de Cultura. Publicou, entre outros: ***Utopia urbana; Individualismo e cultura; Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*** *(Jorge Zahar, Editor).*

UM HERÓI NEGATIVO

Apesar de suas freqüentes declarações em contrário, Graciliano Ramos é também herdeiro do movimento modernista, na medida em que o romance social dos anos 30 constitui um dos desdobramentos das transformações provocadas por ele. O ponto de partida foi, naturalmente, o grande romance realista do século XIX, mas em sua estrutura tradicional Graciliano realizou mudanças (muito pessoais e originais) que aproximam sua obra da mais avançada literatura contemporânea.

Uma das maneiras de examinar este problema é analisar os enredos e a caracterização das personagens principais de seus três primeiros romances. João Valério, Paulo Honório e Luís da Silva estão às voltas com conflitos fortes, que envolvem amor, casamento, traição, ciúmes, dinheiro, poder e posição social, suicídios e assassinato. O modo de tratar tais conflitos é que é propriamente moderno: através da sondagem psicológica das personagens, o autor vai desvelando estruturas sociais que as aprisionam e as reduzem a condições de profunda inferioridade. Nasce, assim, o 'herói irônico', emblemático de uma feroz negatividade – talvez o traço mais marcante da obra do escritor.

Ironia e negatividade, somadas a objetividade e concisão estilística, são também traços que o diferenciam de outros nomes importantes do romance social de 30. O mundo romanesco de Graciliano Ramos, que prossegue descrevendo condições infernais da vida humana nos livros seguintes, já se configura nestes três primeiros romances como um mundo demoníaco e cruel de destruição. Concretamente, esta foi sua crítica ao processo brasileiro de modernização.

JOÃO LUIZ LAFETÁ. Professor de Teoria Literária na USP. Escreveu, entre outros: ***1930: a crítica e o Modernismo*** *(Duas Cidades) e o ensaio "Traduzir-se" in* ***O nacional e o popular na cultura brasileira*** *(Brasiliense)*

A INVENÇÃO DO NOVO

O adjetivo 'novo' não mereceu, por parte de Marx, uma análise específica, como se se tratasse de um novo tipo de problema raro à interrogação filosófica. No entanto, é surpreendente o relevo que este adjetivo oferece ao longo da obra marxista; a menor atenção consegue detectar, em seu assíduo emprego, uma palavra-chave para entender o alcance das análises de Marx em alguns aspectos essenciais da doutrina. Importa, por isso, fazer um levantamento do tema.

Altamente esclarecedor é o confronto entre o destaque ao conceito do novo em Marx com a experiência da repetição no pensamento e na cultura do passado. No passado, a repetição, nunca analisada, acaba definindo o estatuto da própria condição humana, tanto na atividade teórica quanto na prática – a do trabalho, por exemplo. O advento do novo em Marx é um indício de que essa repetição tradicional rompe agora os seus próprios limites.

Mas isso ainda não significa que a repetição seja superada. Sob outras roupagens, o tema volta a aparecer na vida social do século XX, especialmente através de um tópico apenas sugerido pelas análises do próprio Marx – o da robotização -, aguçando-se o conflito entre o homem repetitivo e o homem criador.

GERD BORNHEIM. Professor de Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publicou, entre outros: ***Dialética – teoria práxis*** *e* ***O espírito objetivo*** *(Ed. Globo);* ***Sartre*** *(Ed. Perspectiva). É autor dos ensaios "As metamorfoses do olhar", in* ***O olhar*** *e "Da superação à necessidade: o desejo em Hegel e Marx", in* ***O desejo*** *(Companhia das Letras).*

Folha n.º 32 do proc.
n.º 0800258 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Proc. 36.003.049-92-14
Sen 21105192
DEVANIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMG - Reg. 601324

DIFERENÇA DE TEMPOS E DIFERENÇAS TEMPORAIS

A diferença dos tempos é uma diferença empírica no contínuo temporal do passado, presente e futuro. Já a diferença temporal é ontológica. É aquilo que não se constitui em uma seqüência, mas como uma distinção de natureza entre o passado e o presente. As diferenças e permanências do tempo, e as diferenças temporais serão analisadas a partir do político.

CLAUDE LEFORT. Professor da École des Hautes Études en Sciences Sociales em Paris. Publicou, entre outros: ***La brèche*** *(Fayard);* ***Elements d'une critique de la bureaucratie*** *(Droz);* ***Le travail de l'oeuvre en Machiavel; Les formes de l'Histoire e sur une colonne absente*** *(Gallimard).*

ANTIGOS MODERNISTAS

No meio século que separa 1870 e 1920, alterações técnicas e culturais profundas ocorreram, em escala mundial, no modo de entender e representar os conceitos de tempo e espaço. O Brasil viveu também, fortemente, os impactos dessas transformações. Muito antes da geração da Semana de 22 expressar, em novas linguagens, o mundo que mudava, tentando arvorar-se em vanguarda de possível identidade nacional concebida, entre outros mitos, na idéia de comunidade espaço-temporal, outros modernistas, saídos de lugares distantes e de tempos remotos, lançavam suas línguas estranhas como chamas utópicas sobre as ruínas do país.

Temporalidades em trânsito, choques muitas vezes antagônicos entre messianismos românticos e maquinismos iluministas; territórios descontínuos, fronteiras movediças, paisagens destruídas; línguas enigmáticas, símbolos herméticos, culturas intransponíveis. Desejamos assinalar de perto a historicidade desses territórios à margem da história, sua modernidade antiga, assim como a não-memória da violência que se aloja nos códigos modernistas tornados em convenção, o bruto esquecimento que se inscreve na história consagrada do Modernismo.

Modernismo, qual? Dos artistas de 22 ou de 1900? Da geração de 30 ou dos 80-90 do século passado? Dos comunistas de 22 ou dos anarquistas e socialistas das décadas precedentes? Dos arquitetos acadêmicos ou dos engenheiros de obras públicas? Dos 'tenentes' de 22 e 24 ou dos abolicionistas e republicanos de 50 anos antes? Dos poetas metropolitanos ou dos seringueiros do Acre? Dos fios telegráficos da Comissão Rondon ou dos índios rebeldes? Da contra-revolução nacional-integralista ou da revolução bolchevista? Do Manifesto Antropófago ou do Primeiro de Maio?

Canudos, Contestado, Chibata, Madeira-Mamoré, Clevelândia: territórios banidos da História, cruzamentos trágicos na trama da modernidade. O Estado, máquina moderna de civilizar, foi o aparelho material na demarcação dos espaços e no ajuste dos relógios, detendo, para tanto, o monopólio da violência. Mas esta também já se encontrava disseminada na sociedade e no choque de culturas. Por isso, quando os antigos modernistas chegaram, projetando cidades e esperanças, as guerras tinham, havia muito, começado. Numa era bárbara, suas utopias emergiam como fogos-fátuos, como reminiscências de verdades, como prelúdios de alucinações reais.

FRANCISCO FOOT HARDMAN. Professor do Departamento de Teoria Literária da Universidade Estadual de Campinas. Escreveu, entre outros: ***Nem pátria nem patrão*** *(Ed. Brasiliense);* ***Trem fantasma: a modernidade na selva*** *(Companhia das Letras) e o ensaio "Poeira das barricadas: notas sobre a comunidade anárquica", in* ***O desejo*** *(Companhia das Letras).*

cos, intérpretes, empresários, compositores 'modernistas') favoreceram o surgimento de uma 'interpretação' sobre as inovações sonoras como algo próximo à 'decadência' ou de uma 'arte degenerada', incompatíveis com a modernidade explicada como o símbolo de uma 'revolução industrial e tecnológica'. Agora a modernidade deveria harmonizar-se com o neo-romantismo e o neo-classicismo, ou seja, retomar a tradição histórica...

O estudo da intertextualidade, sob os ângulos da música e da História, pode implicar num amplo debate sobre o afloramento dos modernismos no âmbito da modernidade. De um lado, pode-se interpretar 'ser moderno' nos manifestos futuristas (1911) como algo ligado à tradição, negando o próprio vocabulário modernista empregado pelo autor dos dois manifestos, e do outro, explicar o intenso diálogo entre A.Schoenberg e os músicos do passado (J.S.Bach, J.Brahms, W.A.Mozart, R.Wagner, C.Debussy) e os pensadores de sua época: físicos, matemáticos, psicanalistas, entre outros. Sob o ângulo da História, pode-se analisar os 'insucessos' artísticos de B.Pratella (a partir de 1917 tornou-se um compositor nacionalista) ou de A. Schoenberg com a ampliação da indústria cultural (discos, televisão, cinema).

BENEDITO NUNES. Professor de Filosofia da Universidade Federal do Pará. Escritor com vários trabalhos publicados em jornais, revistas, coletâneas. Dentre seus livros destacam-se: ***O dorso do tigre*** *(ensaios filosóficos e literários), Editora Perspectiva, 1969;* ***O drama da linguagem ou uma leitura de Clarice Lispector,*** *Editora Ática, 1988;* ***A filosofia contemporânea,*** *Editora Ática, 1991;* ***Passagem para o poético – filosofia e poesia em Heidegger,*** *Editora Ática, 1985.*

1 – 'Ser e Tempo', um trajeto. Análise do ser humano em campo raso: destruição dos suportes da questão clássica do Ser. Uma Ontologia sem Metafísica.

2 – O tempo enquanto temporalidade e a estrutura do ser humano (**Dasein**) como finitude. Um futuro que é antecipação. As metáforas comuns no pensamento do tempo: curso, fluxo e retorno cíclico. Temporalidade: condição de possibilidade dos 'tempos'. O intra-temporal: cronometria, cronologia e cronosofia.

3 – Da História (Historiografia) à historicidade. A posição 'errante' da História entre as ciências humanas: ambigüidade do termo designativo; pluralidade de campos; alcance retrospectivo; a imaginação interpretativa; a experiência do tempo.

4 – A condição de possibilidade da Historiografia: o abrimento ao passado precedendo o conhecimento dos fatos. O parágrafo 76 de *Ser e Tempo.* A historicidade de quem escreve a História. Nietzsche e as atitudes do historiador. A 'escolha' do passado.

5 – Implicações atuais: a herança historicista, o círculo hermenêutico, as escritas da História, crítica da 'consciência histórica'.

Folha n.º 40 do proc. n.º 0002594 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAB I- SMG - Reg. 601324

BERGSON, PROUST: TENSÕES DO TEMPO NARRATIVA SILENCIOSA

FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA. Professor e orientador de pós-graduação em História da Filosofia Moderna da FFLCH da USP. Publicou, entre outros, ***Ensaios de Bergson****, coleção* ***Os Pensadores****, Editora Abril, 1974 e* ***Sócrates, Francis, Wolf****, Editora Brasiliense, 1986.*

Considerar as relações entre Bergson e Proust sob o aspecto do tema geral da temporalidade implica em focalizar pelo menos um ponto de convergência e um ponto de divergência entre os dois autores. Sendo Bergson o filósofo da *duração* – do tempo como processo de transição – não podemos esperar de sua filosofia uma elucidação do tempo como essência situada fora e acima da transitoriedade, isto é, da fluência qualitativa vivida pela consciência profunda no curso da vida afetiva. Por outro lado, a trajetória proustiana é a da busca do "tempo em estado puro", representação literária da articulação dos momentos no seu caráter essencial, elevando o efêmero à dimensão de eternidade. Vistos assim Bergson e Proust diferem, na medida em que o filósofo busca reencontrar a temporalidade na fluência dos instantes, enquanto o escritor procura apropriar-se da significação eternitária do fluxo vivencial.

Se nos perguntamos pelo processo que constitui, em Proust, a recriação simbólica do eterno a partir do transitório, vemos que não há uma separação nítida entre o tempo como essência e a temporalidade como sucessão de impressões. Isso significa que, recusando o dualismo tradicional que separa o tempo dos instantes que o constituem, Proust procura desentranhar o eterno do próprio núcleo complexo dos acontecimentos: do efêmero tomado na sua singularidade e na sua frivolidade. Ao atingir dessa maneira o permanente no seio do transitório, Proust se reaproxima de Bergson, para quem a substancialidade temporal está na característica transitória do tempo. A partir daí, a construção do mundo romanesco dependerá totalmente de uma ontologia impressionista e da evocação involuntária, que constituem a representação *memorial* do vivido.

Para que a consciência venha a se expandir em intuição e reminiscência, é preciso que se atinja a dimensão do pensamento em que a cronologia cotidiana, revelando seu caráter aparente e pragmático, ceda lugar à irrealidade significativa captada pela imaginação, a partir da constatação de que a dissolução de todas as coisas no tempo é apenas o lado visível do processo da realidade, que é muito mais do que a sucessão de permanências fictícias em que o Ego repousa na ilusão da identidade. A interioridade proustiana ou o Eu profundo bergsoniano permitem, pelo recolhimento das impressões e pela mediação do esquecimento, que a transitoriedade desvele, na multiplicidade qualitativa dos eventos que se sucedem, a relação íntima entre tempo, ser e criação: o significado peregrino da essência do existir histórico.

Dessa forma a intuição filosófica (Bergson) e a criação artística (Proust) convergem como tentativas de contemplar a misteriosa identidade entre presença e ausência, entre a plenitude e o nada, a que chamamos Tempo.

Entretanto, Hans Eisler, discípulo de A. Schoenberg, numa fase de sua carreira pelo inter-relacionamento do marxismo-leninismo com o serialismo não-ortodoxo almejava utilizar a música como um instrumento de conscientização política do proletariado alemão, notadamente, na fase final da República de Weimar (1928-7 a 33). Suas canções de combate político e didáticas visavam instaurar uma revolução socialista na Alemanha.

A implosão do projeto hegemônico herdado do Romantismo pelas vanguardas, durante os anos 10, 20 e 30, colocou em debate as relações: autor/ obra/ intérprete/ crítico/ empresário/ público. Em geral uma aglutinação de diferentes 'públicos' consumidores da chamada 'arte culta' nos mais importantes pólos culturais da Europa e das Américas. Esses 'públicos' possuíam um gosto estético atrelado à sacralização de alguns compositores e intérpretes e, por esse motivo, haviam 'congelado' tendências artístico-culturais devido à força da tradição histórica.

T.W.Adorno opunha-se a essa tradição e qualificava a obra de A.Schoenberg como o símbolo do progresso técnico-estético da linguagem musical da música contemporânea. Em contrapartida, B.Pratella em seus manifestos futuristas (1911) 'condenava' virulentamente todo o passado musical da Itália, atacando os conservatóricos, as academias, os editores, os empresários, os críticos, os professores como focos de 'congelamento' dos 'melodramas vulgares' escritos por Giuseppe Verdi ou Giacomo Puccini.

Paradoxalmente, sob o ângulo da intertextualidade técnico-estética A.Schoenberg foi muito influenciado por Johann Sebastian Bach e Richard Wagner (autores dos séculos XVIII e XIX, respectivamente). B.Pratella, favorável à introdução dos ruídos na música e à fabricação de novos instrumentos, foi influenciado pelos nacionalistas: R. Wagner, Mascagni e outros.

Muitos pensadores dos anos 20, sob o impacto das idéias marxistas e totalitárias de direita (fascismo, nazismo, estadonovismo) reduziram o sentido da palavra modernismo a um significado de natureza denotativa, ou seja, a uma lexia essencialmente de coloração política. Por quê? A intensa circulação de idéias estéticas entre os principais pólos dos 'modernismos da modernidade' passaram a simbolizar uma forte ameaça à soberania nacional. O afloramento de regimes de matizes nacionalistas na Alemanha, Itália, Estados Unidos, Espanha, Portugal, Brasil, França, África do Sul possibilitou o surgimento de um Estado forte ou centralizado e a Nação como o símbolo da unidade racial, econômica, política, geográfica, cultural e artística. Assim, as *escutas* desses pensadores (políticos, músi-

MODERNIDADE DO MODERNISMO (MÚSICA, TRADIÇÃO E HISTÓRIA)

Nas primeiras décadas do século XX ocorreu uma profunda 'renovação' no campo da música. Afloraram diversos movimentos norteados pela busca de novas combinações e relações de agrupamento sonoros. A concepção 'ser moderno', independentemente de uma tendência estético-cultural específica, restringiu-se no desejo de o compositor reformular sua linguagem, opondo-se às chamadas culturas oficiais. Em síntese, esses intelectuais negavam **in totum** a própria História (o passado, a tradição).

Sob o ângulo das inovações técnico-estéticas, podem ser incluídos, à guisa de exemplificação, os seguintes compositores: Claude Debussy (impressionismo, polimodalidade); Arnold Schoenberg (expressionismo, atonalismo, dodecafonismo); Anton Webern (serialismo); Hanns Eisler (música politicamente engajada, serialismo não-ortodoxo); Bela Bartok, Villa-Lobos (nacionalismo, neo-classicismo, politonalidade); Darius Milhaud (primitivismo, politonalidade); Erik Satie (futurismo, dadaísmo, tradicionalismo).

A fragmentação sonora vinha ocorrendo, a partir de 1870-80, nos seguintes pólos culturais: Paris, Berlim, Viena, Praga, Londres, Zurique, Milão, Moscou, Nova Iorque, São Paulo, Rio de Janeiro, entre outros. Essa fragmentação era acompanhada pelos mais diversos conflitos político-sociais desencadeados entre monarquistas, liberais parlamentaristas, anarco-sindicalistas, social-democratas, anarquistas, socialistas, nacionalistas, comunistas, fascistas, nazistas, bolcheviques...

A partir das mudanças político-econômicas afloradas com a Primeira Guerra Mundial (1914-8); Revolução Russa de 1917; 'revolução alemã' (nov.1918) e instauração da República de Weimar (1919-33); a 'escalada' fascista na Itália (de 1919 a 26); ascensão do nacional-socialismo na Alemanha (1933), os compositores começaram a repensar a fetichização da obra de arte sacralizada pelos críticos, intérpretes, frações e facções da burguesia e da aristocracia. 'Ser moderno', por exemplo, de acordo com o pensamento de Arnold Schoenberg, implicava numa rejeição de sua nova proposta estética (dodecafonismo) pelo público de Viena ou de Berlim (durante a década de 1920), pelos intérpretes presos à herança cultural do passado (Classicismo e Romantismo). O autor de **Pierrot lunaire** negava uma possível relação a ser estabelecida entre música e política e a indústria cultural. Por essa razão, escreveu obras consideradas herméticas, revolucionárias e optou pela solidão, isolando-se dos intelectuais na Alemanha, durante a República de Weimar e nos Estados Unidos onde exilou-se, após ter sido perseguido pelos nazistas (1933).

ARNALDO CONTIER. Historiador e musicólogo. Livre docente do Departamento de História da FFLCH da USP. Publicou, entre outros, ***Imprensa e ideologia em São Paulo – Matizes do vocabulário político e social (1822–42),*** *Editoras UNICAMP–Vozes e* ***Música e ideologia no Brasil contemporâneo (1922 – 63),*** *Editora Novas Metas, 1980. Em 1988 defendeu a tese de livre docência: "Brasil novo: música, nação e modernidade. Os anos 20 e 30."*

NARRATIVA SILENCIOSA

A Índia hindu oferece ao olhar dos ocidentais (e da mesma forma ao olhar dos muçulmanos) um espetáculo desconcertante: o de uma civilização que atravessa milênios,e que, desde a alta Antigüidade conhece a escrita e a administração estatal, mas que, entretanto, se subtrai à história. Não, evidentemente, que a Índia tradicional tenha permanecido imutável. A Índia é certamente conduzida por uma história. Mas esta história, relativamente aos períodos mais antigos, nós a apreendemos com o auxílio de pontos de referência que são externos à Índia, e é de algum modo malgrado a Índia, ou ao menos malgrado o silêncio da Índia: só assim podemos perceber as etapas de um devir indiano.

Não basta dizer que a Índia não tem o espírito histórico nem repetir que na imensa produção de obras de pensamento de que a Índia hindu pode se orgulhar não há, por assim dizer, nada que se assemelhe a um relato histórico nem mesmo a arquivos. É preciso ainda observar que alguns dos autores indianos de mais prestígio (por exemplo Kautilya, o autor do famoso **Tratado de política**) só podem ser datados com uma margem de erro de vários séculos, e que, freqüentemente, é impossível estabelecer uma cronologia mesmo aproximada. Somos naturalmente levados a descrever esse distanciamento da história como uma máscara, espécie de enfermidade, e a sublinhar o contraste, nesse domínio essencial, entre a Índia e a China, e mesmo entre a Índia hindu e a Índia budista.

Não devemos permanecer nestas formulações negativas. Interroguemo-nos antes sobre a concepção de tempo que subjaz a esta maneira não histórica de considerar o evento. Quando se estuda sob esse prisma os textos mais antigos – que são também os textos fundadores – percebe-se que está presente neles, de forma conscientemente assumida e mesmo, de alguma maneira, teorizada uma preocupação de subverter a seqüência temporal. A idéia de que os eventos singulares se encadeiam em séries irreversíveis é posta em questão. Ao sistema de causas e efeitos esses textos opõem sistemas acrônicos de 'conexões', planos de correspondências nos quais os elementos se entressignificam. Na sua mitologia, mas também na poesia e na incansável especulação que se assenta sobre o ritual, é a própria noção de *começo* que constitui o objeto de uma construção e de uma desconstrução – retomada indefinidamente.

CHARLES MALAMOUD. Orientalista, professor da École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. Publicou, entre outros: ***Cuire le monde.***

SILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I- SMC - Reg. 601324

Folha nº 41
do Proc. nº 25.11 de 10/12
Assessoria Parlamentar
GUAUDER DE LIMA FRANÇA

ESPAÇO-TEMPO: INTENSIDADES

O *tempo absoluto* ("verdadeiro e matemático, sem relação com nada de exterior, transcorre uniformemente") foi assim definido por Isaac Newton em seus memoráveis **Princípios matemáticos da filosofia natural** juntamente com a noção de *espaço absoluto* ("sem relação com as coisas externas" e que "fica sempre similar e imóvel"). Sobre estas idéias desenvolveram-se a mecânica e a ciência cerca de vinte séculos após a eclosão dos pensadores da Grécia Antiga. Das equações de Maxwell em 1865 resultou a noção de campo, uma entidade física que passou a ocupar partes do espaço ao lado, ou independentemente, dos corpúsculos materiais.

A teoria da relatividade especial estabeleceu que as noções de simultaneidade de dois acontecimentos e de comprimento entre dois pontos são dependentes do laboratório em que são medidas – comprimentos podem gerar intervalos de tempo e vice-versa e assim o espaço e o tempo passam a ser partes de uma realidade mais ampla, o espaço-tempo.

A análise dos referenciais dotados de aceleração gerou a noção de *tempo próprio* dependente do campo de gravitação e de um espaço-tempo reimanniano – envelhecemos menos rapidamente em campos de gravitação mais fortes.

A mecânica quântica atribui uma estrutura dinâmica ao vácuo e assim o espaço físico, definido pela ausência de corpúsculos reais, é um sistema complexo preenchido de fótons virtuais e de pares de partículas virtuais, em estado latente, e que podem passar a existir em estados observáveis sob a ação de campos externos dotados da necessária energia – a matéria pré-existe num vácuo 'prenhe'.

Tempo, espaço, matéria, campo, mergulham assim numa realidade dinâmica na qual partículas evoluem (com energia positiva) para o futuro, antipartículas são partículas que caminham (com energia negativa) para o passado, em interação com *quanta* virtuais ou reais – uma imagem que se afasta da cena uniforme do espaço, lugar imutável dos movimentos e do tempo a transcorrer uniformemente sem ter nada a ver com a matéria, como o queria o grande Newton.

LEITE LOPES. Físico, professor de Física em Estrasburgo, autor de várias pesquisas e ensaios sobre eletrodinâmica e física moderna. Publicou, entre outros: ***Ciência e desenvolvimento*** *(Tempo Brasileiro),* ***Ciência e libertação*** *(Paz e Terra).*

Modernidades do Modernismo (música, tradição e história)
Arnaldo Contier

Antigos modernistas
Francisco Foot Hardman

Um herói negativo
João Luiz Lafetá

1922

Antropologia e modernidade
Gilberto Velho

Permanência do moderno
Alberto Tassinari

A história como progresso tem, em contrapartida, a noção de decadência. Abandonando esse binômio que só concebe progresso ou regressão, moderno ou arcaico, Walter Benjamin pensa o instante intransitivo no qual o poder da vidência e o dom da profecia, que supõem um alargamento da razão iluminista, sejam capazes de, por assim dizer, "prever o presente".

OLGÁRIA MATTOS. Doutora em Filosofia pela USP e professora de Filosofia Política. Publicou, entre outros: ***Rosseau: uma arqueologia da desigualdade*** *(MG Editores);* ***Paris 1968: as barricadas do desejo*** *(Ed. Brasiliense);* ***Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*** *(Ed. Brasiliense); e os ensaios "A melancolia de Ulisses",* in ***Os sentidos da paixão*** *e "As imagens sem objeto"* in ***Rede imaginária, televisão e democracia*** *(Companhia das Letras).*

10-003-049-92 x 14
Jun 21/05/92
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

Quando, no futuro, historiadores interessados no desenvolvimento das Ciências da Natureza se debruçarem sobre as vicissitudes desses saberes em nossa época, não deixarão decerto de assinalar as profundas transformações sofridas, a partir da Revolução Científica ocorrida no início do século, pelas concepções tradicionais (que hoje chamamos de 'clássicas') acerca da Temporalidade. Com efeito, aspectos como a identificação do Universo astronômico a uma totalidade dinamicamente evolutiva, na Cosmologia; a superação do determinismo estrito e do princípio do realismo local, na Física microscópica; a elaboração de técnicas não-lineares para a abordagem de processos longe do equilíbrio, como nas modernas teorias do Caos; a imprevisibilidade e irreversibilidade no comportamento de sistemas complexos, de grande importância para a Biologia e a Etologia contemporâneas, dentre outros, constituem elementos que sugerem, de modo inequívoco, a ocorrência de uma radical revolução de perspectivas no âmbito de uma Filosofia Natural do Tempo. O objetivo da presente contribuição será assim o de esboçar alguns dos caracteres mais relevantes das novas *Imagens do Tempo* produzidas na atualidade, bem como discutir, ainda que de maneira necessariamente abreviada, as implicações do estabelecimento dessas novas Imagens para a **epistéme** contemporânea. Com este fim, serão abordados temas como a noção de tempo universal e absoluto de Newton; a abolição da simultaneidade e a geometrização do tempo na teoria da relatividade; o tempo cosmológico associado à expansão do Universo, e os problemas da gênese e do destino de um cosmo em evolução; o enigma da complementaridade, do não-determinismo e da não-localidade dos fenômenos quânticos e suas conseqüências; a flecha do tempo nos processos irreversíveis, a imprevisibilidade dos sistemas caóticos e a noção de causa; a repetição nos sistemas complexos e a teoria da evolução; a assimetria do tempo e o senso comum; o fluxo do tempo e a eternidade.

LUIZ ALBERTO OLIVEIRA. Doutor em Física, pesquisador do Grupo de Cosmologia e Gravitação – Departamento de Relatividade e Partículas – do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas; professor de História e Filosofia da Ciência.

Folha n.º 42 do proc.
n.º 00002582 de 19 92
Funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

O CÍRCULO E A LINHA

O Renascimento se caracterizou pela multiplicidade dos caminhos que explorou e pela convivência de teorias muitas vezes contraditórias. A extraordinária riqueza desse período se deve, em grande medida, ao fato de não ter se deixado dominar pelo espírito de síntese característico da Idade Média, e por não ter abandonado, *a priori*, nenhuma hipótese que pudesse apresentar uma solução para as múltiplas questões que dominaram a filosofia da época. A busca do significado do tempo e da história dos homens foi uma demonstração clara do que acabamos de dizer.

A pergunta pela natureza do tempo coincidiu com a procura, pelas repúblicas italianas, de uma maneira de afirmar sua autonomia frente ao Império e à Igreja. Para tanto, os pensadores republicanos abandonaram a noção medieval do tempo linear e teológico, e buscaram nos clássicos da Antigüidade uma idéia de temporalidade capaz de dar conta da história das repúblicas e de seu anseio de continuidade. A resposta veio na forma da concepção circular do tempo e trouxe consigo uma série de desafios. O retorno aos antigos exigiu a elaboração de uma teoria da ação num espaço político renovado, mas também sujeito à força da contingência e do acaso. Conceitos como o de fortuna e de virtude ganharam novos significados, e confrontaram a filosofia a questões que o pensamento medieval havia deixado de lado.

A solução encontrada, no entanto, se deu num contexto em que a cosmologia grega estava sendo posta à prova pelos trabalhos revolucionários sobre o infinito de Nicolau de Cusa. Privada de sua base cosmológica e metafísica, a concepção circular do tempo ampliou ainda mais o leque das questões a serem investigadas.

Vamos nos dedicar, assim, a explorar os sentidos dessa aventura, tentando mostrar não só a importância da teoria da temporalidade dominante na Renascença, mas também as múltiplas veredas que se abriram para o pensamento político, quando teve de dar conta de uma maneira diferente de ver a história.

NEWTON BIGNOTTO. Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais desde maio de 1983. Publicou: "Sombras de reis barbudos: uma apologia da liberdade na obra de J.J. Veiga" in ***Kriterion****, 76, 1986; "Ecologia e tempo" in* ***Ecologia e Cultura****, Editora Imprensa Oficial, Belo Horizonte; 1983;* ***Revolução e autonomia. Um perfil de Cornelius Castoriadis****, Editora COPEC, 1981.*

– o heroísmo da sinceridade ou o herói 'segundo Rousseau' (Saint-Just).

– o heroísmo do domínio das aparências ou o herói 'segundo B. Gracian' (Hérault de Séchelles).

Esta análise terminará por uma vida paralela' de Saint-Just e de Hérault de Séchelles em que, menos que opor estes dois autores, tentarei mostrar como a prova do regicídio leva à ruína o heroísmo da sinceridade e o aproxima, contra vontade, de uma experiência da **maitrise pure**.

O heroísmo entre a política e a revolução? Com efeito, o heroísmo revolucionário não seria uma figura complexa da negação do político?

HEROÍSMO NO TEMPO REVOLUCIONÁRIO

Meu ponto de partida será a constatação de Tocqueville relativa à aparição, com a Revolução Francesa, de um revolucionário de uma "espécie desconhecida" destinado, segundo ele, a durar e a se universalizar.

Conforme constata o próprio Tocqueville, a identidade do revolucionário moderno – mais da ordem do enigma que da ordem do fenômeno – nos escapa. Como nomear esse novo ator político surgido na cena revolucionária? Minha hipótese é a de que, ao menos para certos revolucionários, o heroísmo e a reativação da tradição heróica ofereceriam um *espaço de intelegibilidade*, e merecem ser explorados. Não se trata de modo algum de exaltar o heroísmo, nem de torná-lo objeto de juízos de valor, mas de ver em que medida uma *leitura política* da Revolução Francesa permite considerar o heroísmo comum uma dimensão constitutiva do evento revolucionário.

Meu encaminhamento da questão se fará em dois tempos:

1 – Num primeiro momento, proporei uma descrição da disposição heróica. Marx e Tocqueville, não obstante suas diferenças, não acabam de acordo no reconhecimento de uma tonalidade heróica na Revolução?

Esta disposição que afeta o conjunto dos autores compreenderia principalmente quatro elementos:

– a redescoberta da paixão antiga pela liberdade que, se acompanhamos Maquiavel, não é estranha a uma valorização pagã da glória nesse mundo.

– a passagem – ou antes o salto – da obscuridade do domínio privado para a luz da cena pública. Trata-se de uma verdadeira elevação-revelação que ao mesmo tempo que é exposição à morte é repetição do nascimento.

– a tensão entre uma concepção sóbria do heroísmo e um deslizamento em direção a uma vontade de sair dos limites da condição humana. Nesse nível a consideração do suporte do heroísmo permitirá compreender-lhe a lógica.

– a teatralização própria do heroísmo que enfoca e põe em jogo a questão do *quem*.

2 – Em um segundo momento, tentarei definir três figuras do heroísmo revolucionário relativas a escolhas filosóficas e ético-políticas diversas:

– um heroísmo anti-heróico (Danton – G. Romme).

MIGUEL ABENSOUR. Professor de Ciência Política em Paris. Organizou e introduziu, na França, os textos fundamentais da Escola de Frankfurt ao dirigir a coleção Critique de la Politique (Payot). Estudioso do autoritarismo e das utopias do século XIX, prepara, atualmente, vasta obra sobre a teoria das utopias. Publicou, recentemente, entre outros ensaios: "École de Frankfurt, entre la melancolie et la revolution".

O TEMPO MÍTICO HOJE

Vivemos num espaço-tempo tão racionalizado e tão dessacralizado que sequer nos damos conta da existência de uma outra dimensão. Incapazes de conhecê-la porque impossibilitados de reconhecê-la, permanecemos no universo ordinário do nosso cotidiano até mesmo quando alguém nos adverte para o advento do sublime, do extraordinário.

As dificuldades encontradas por Davi Yanomami para comunicar suas revelações a respeito do que está acontecendo com seu povo indicam que o pajé encontra-se numa dimensão diferente da de seus ouvintes. Ele fala e ao mesmo tempo se espanta por constatar que o público parece não realizar o que está sendo dito. Sua fala não produz efeitos. É que Davi fala de dentro de um espaço-tempo mítico para quem vive num espaço-tempo dessacralizado.

Algo semelhante acontece com os grandes poetas modernos, cuja linguagem também não encontra ressonância efetiva fora do âmbito codificado e confinado da literatura. Como se os poetas vivessem à margem, fora do mundo... ou num outro mundo.

O que poetas e xamãs parecem compartilhar? É sabido que a poesia tem um parentesco profundo com a profecia, a vidência e a sabedoria professada no xamanismo – os helenistas não hesitam em considerar o próprio Orfeu como xamã. O que poetas e xamãs têm em comum é uma experiência incomum do passado, do presente e do futuro como tempo de uma transformação que se opera na e através da linguagem. O que poetas e xamãs restauram e instauram é o tempo do mito, tempo de metamorfose, e não é um acaso se dois dos maiores poetas modernos da metamorfose, Lautréamont e Kafka, manifestam o desejo de se tornarem índios.

A pergunta que fica é: num tempo de grandes transformações neurológicas mas também de grande desencanto, como restaurar o tempo do mito e, com ele, o reencantamento do mundo?

LAYMERT GARCIA DOS SANTOS. Professor da Universidade Estadual de Campinas e jornalista. Publicou: ***Desregulagem; Alienação e capitalismo*** *(Ed. Brasiliense);* ***e Tempo de ensaio*** *(Companhia das Letras).*

Folha n.º 43 do Proc. n.º 0000257 de 1992
Funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAB 1- SMG - PE
10-003.049-92x14
R. 40
qm 21/05/92

QUANDO O MUNDO AINDA NÃO EXISTIA

O Antes. No quando a memória dormia e despertou a criação dos seres, dos lugares e da força das ações e do pensamento. Quando o mundo ainda não existia, o mundo existindo com a força e energia do pensamento criador. Dentro do Tempo Criador que marca os lugares da Vida. Desenha o caminho da passagem para o tempo que ainda em redor da criação, do Sol, das Estrelas e dos Caminhos do Céu. Os gestos e humores dos heróis foram fazendo o tempo como uma rede. Onde você balança, eu balanço e tudo quanto há. **SER**.

AILTON KRENAK. Criou e preside o Núcleo de Cultura Indígena e o Núcleo de Direitos Indígenas. Desenvolve atividades de troca cultural na Embaixada dos Povos da Floresta, em São Paulo. Por sua atuação em defesa dos povos indígenas recebeu os prêmios Lettelier-Moffit de Direitos Humanos (1988) e Homem e Sociedade (1990).

TALAMÃM KENHÍRI (LUIZ LANA). Tem vasto domínio da cultura milenar tribal Desâna. Organizou e preside a União das Nações Indígenas do Rio Tiquié, na região do alto rio Negro, onde organizara a criação do Museu Maloca. Autor de ***Antes o mundo não existia****, Editora Cultura, 1980.*

MODULAÇÕES DO TEMPO

Antes de mais nada, a música se escreve na memória, e não precisa ser escrita em outro lugar, porque já contém uma espécie de memória interna própria, no ritmo, no desenho melódico. Música é tempo embalado pela lembrança. A música produz uma inscrição afetiva e corporal, que é um verdadeiro foco de recordação, não de si mesma, mas daquela memória proustiana, lunar, que faz afetos parecerem mais reais.

A escrita musical propriamente dita é uma conquista tardia, do meio da Idade Média, e assinalou uma revolução completa da linguagem. A escrita não só registra, mas transforma a música, pelo controle dos tempos e sons simultâneos, que permitiu a polifonia, a harmonia, a música tonal. Uma das coisas mais fascinantes da grande fase da música escrita no Ocidente é que a escrita progressiva não foi incompatível com o fluxo espontâneo da criação: Bach escrevia sem parar, de cor e salteado, a muitas vozes, assim como Mozart registrava de memória uma peça ouvida e proibida. Compositores como Chopin e Schubert parecem ter seqüenciadores na cabeça e nas mãos para poder chegar a improvisar e escrever músicas tão complexas quanto fluentes.

No século XX, a fluência transferiu-se muito para os jazzistas, enquanto que os músicos de concerto fazem música literalmente escrita, muitas vezes só inteligível na leitura, e não mais na escuta.

Agora está entrando no jogo uma outra memória, que embaralha os dados: a do computador. A memória escrita não vem só depois ou durante a música, mas antes, durante e depois. O círculo se fecha. E se abre.

JOSÉ MIGUEL WISNIK. Compositor, professor de Literatura na USP. Publicou, entre outros: ***Coro dos contrários: a música em torno da Semana de 22*** *(Ed. Duas Cidades);* ***O nacional e o popular na cultura brasileira*** *(com Ênio Squeff, Ed. Brasiliense); e os ensaios "A paixão dionisíaca em Tristão e Isolda",* in ***Os sentidos da paixão*** *e "Iluminações profanas (poetas, profetas e drogados)"* in ***O olhar*** *(Companhia das Letras).*

FOLHA DE SÃO PAULO
Página: 5-11
Data: 19 ABR 1992

Folha n.º 44 do proc.
n.º 00800252 do 19 92
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Lefort diz que mercado não garante sozinho justiça social

O pensador francês chega a São Paulo no dia 24 para uma conferência no Masp

JOÃO BATISTA MAGALHÃES
De Paris

O marxismo está morto mas Marx passa bem, obrigado. Esta é a opinião expressa pelo filósofo francês Claude Lefort, 64, em entrevista exclusiva à **Folha**. *Segundo ele, o socialismo morreu enquanto mito de uma sociedade sem classes. Mas a tradição de crítica às injustiças do capitalismo continua viva.*

Um dos principais (e primeiros) críticos do totalitarismo comunista, Lefort não se rende agora ao apelo do liberalismo. O mercado, diz, não garante sozinho a justiça social. Por isso, o Estado não deve desaparecer frente à iniciativa privada.

Para ele, um desafio se coloca para o próximo milênio: a definição dos novos papéis do Estado e da iniciativa privada no sistema econômico. Essa busca, afirma, será feita necessariamente sob o signo da liberdade. Deverá, também necessariamente, passar pela resolução das desigualdades sociais.

Socialismo e revolução são palavras vazias, sem significado. Lefort enterra o marxismo mas deixa a História livre para aplicar suas surpresas. Novas formas de opressão podem reaparecer. Novas ameaças à democracia podem surgir. Algumas já existem: a extrema direita européia, o fundamentalismo e os nacionalismos exacerbados.

Lefort acaba de lançar na França seu último livro ("Écrire - À l'Épreuve du Politique"). Ele chega dia 24 ao Brasil para participar do seminário "Tempo e História", que está sendo realizado no Masp —Museu de Arte de São Paulo. Leia a seguir sua entrevista à **Folha**.



O pensador político francês Claude Lefort, que acaba de lançar um novo livro na França

fl. 41
Proc. 16-003049/92-14
em 21/05/92
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

FOLHA DE SÃO PAULO
Página: 5-11- cont.
Data: 19 ABR 1992

Folha n.º 45 do proc.
n.º 00002592 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

★

Folha - Qual o papel da obra de Marx na formação de seu pensamento? O sr. foi um dos primeiros intelectuais a denunciar, já na década de 50, os horrores do totalitarismo nas sociedades comunistas.

Claude Lefort - Marx foi um pensador que me cativou na juventude. Comecei a lê-lo em 1942, durante a ocupação nazista da França. Li com paixão sua obra, que me convenceu da perversidade do sistema capitalista e da necessidade de militar a favor de um novo tipo de sociedade, livre da exploração do homem pelo homem. Mas quase ao mesmo tempo me foi revelado o contraste entre a realidade do comunismo como ele estava estabelecido na URSS e o painel que fazia Marx da emancipação do proletariado. Já em 1944 travei conhecimento com a sociedade comunista rígida e hierarquizada sob a aparência da igualdade, onde reinava a burocracia e onde a condição operária era em certo sentido pior do que nas sociedades capitalistas porque os trabalhadores não tinham nenhum direito de se defender. Assim, no primeiro período de minha obra fiz a crítica do "socialismo real" a partir do ponto de vista de Marx, mostrando que o que existia era uma espécie de capitalismo de Estado. Uma nova classe surgiu no lugar da burguesia. Essa classe se formou através da apropriação coletiva dos meios de produção.

Folha - O sr. rejeitou então as idéias de Marx?

Lefort - Concebi minha análise a partir do contato com o trabalho de Cornelius Castoriadis. Eu o conheci em 1945, fomos trotskistas juntos durante um curto período e em seguida criamos o grupo "Socialismo e Barbárie". A partir daí me desliguei do marxismo. Mas ao abandonar o mito de uma sociedade sem classes não considerei que Marx era um autor sem interesse ou, ainda pior, um autor a serviço de um novo sistema de dominação. Continuo a pensar que Marx é um dos grandes pensadores do século 19 e um dos mais importantes críticos da sociedade capitalista.

Folha - O sr. acha que o marxismo está vivo mesmo após a queda do muro de Berlim e o fim do comunismo?

Lefort - Atenção: falo de Marx e não do marxismo. O marxismo é um movimento que se desenvolveu através de variantes múltiplas —leninismo, trotskismo, stalinismo [illegible] ram em sistemas totalitários. Marx declarou não querer ser marxista. Ele não podia imaginar quais seriam as consequências de sua obra na realidade. Não podemos colar a obra de Marx ao marxismo, o que não quer dizer que eu defenda integralmente essa obra.

Folha - O socialismo, entendido como a busca de uma sociedade igualitária, morreu após os acontecimentos dos últimos anos?

O projeto socialista hoje já não tem mais sentido

Lefort - O projeto socialista não tem mais sentido. Ele não tem mais significado e não sabemos mais o que colocar sob esse conceito. Não podemos refutar a tradição socialista. É uma tradição de crítica do capitalismo, de luta pelo desenvolvimento dos direitos dos trabalhadores. Nesse sentido continuamos herdeiros do socialismo. Mas é verdade que do século 19 até uma data bem recente o socialismo implicava uma idéia da criação de uma sociedade nova, totalmente outra, em que a desigualdade seria abolida. Essa idéia virou um mito, não existe mais. As oposições políticas devem ser refeitas. A esquerda e a direita, que ainda sobrevivem, devem se reformular e não me surpreenderei se o próprio Partido Socialista francês tiver que trocar de nome. O termo socialista tornou-se sem sentido para grande parte da população.

Folha - O que o sr. pensa da idéia de revolução?

Lefort - A questão não é simples. [illegible] de revolução. A idéia forjada nas grandes revoluções modernas, na Inglaterra, França e EUA, era acompanhada pela noção de construção a partir do zero de uma sociedade política nova. A idéia de uma ruptura possível da história para a criação de uma sociedade radicalmente outra não tem mais nenhum significado. Isso não quer dizer que em alguns países, onde as desigualdades são muito grandes, não possam ocorrer rebeliões violentas e mudanças drásticas de regime. Mas não acredito que possam ocorrer revoluções como a russa, a chinesa, ou mesmo no que se chama de forma equivocada de "países do sul". Isso também não quer dizer que imagino um mundo a partir de agora pacificado.

Folha - Em seu último livro o sr. descreve o pós-comunismo como o começo da História. O sr. não acredita na possibilidade do ressurgimento do totalitarismo nos ex-países comunistas?

Lefort - Não creio que possa se produzir um restabelecimento dos regimes totalitários. O totalitarismo é uma coisa muito particular. Não se trata apenas de uma sociedade totalmente controlada pelo Partido-Estado. É uma sociedade que no início se beneficiava de uma crença massiva em seus princípios. Não podemos compreender seu desenvolvimento sem entender a força de sua ideologia. E essa ideologia desmantelou-se antes mesmo da queda dos poderes comunistas. É nesse sentido que não creio num ressurgimento do totalitarismo. Podem ocorrer outras transformações possíveis, podem surgir novas formas de opressão. Ainda poderemos ter muitas decepções. Algumas delas já podem ser percebidas: aqui o fundamentalismo, ali um nacionalismo exacerbado combinado com reacionarismo etc.

Fl. 42
Proc. 10.003.049-92x14
em 21/05/92
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

FOLHA DE SÃO PAULO
Página: 5-11- cont.
Data: 19 ABR 1992

Folha n.º 46 do proc.
n.º 00800259 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

É um risco

apagar diante de interesses privados

Folha - O sr. pensa que a democracia liberal representa o fim da História?

Lefort - Acho necessário ter muita prudência para falar do fim da História. Veja o caso de Hegel, que imaginava que o reino do Estado e do indivíduo viriam se afirmar conjuntamente sob uma forma mais ou menos definitiva. Ocorre que desde a introdução desse conceito hegeliano ocorreram muitas coisas inesperadas: a aventura do nazismo, do facismo, as aventuras do comunismo. Se quisermos tratar isso como detalhes, que não pertenceriam à História, não sei mais o que dizer. Hoje, pode-se dizer que a democracia não tem mais opositores, mas não podemos prever o surgimento de novas formas de opressão. Também não podemos prever os perigos que a democracia cria a partir de suas próprias contradições.

Folha - A sociedade de mercado é a melhor expressão econômica da democracia política?

Lefort - (Fazendo uma careta) De um lado podemos dizer que está provada a impossibilidade de se encontrar um outro modo de organização econômica além do mercado. De outro, podemos observar que o mercado exige uma série de medidas para garantir seu funcionamento. Em todos os países surge a necessidade da intervenção do Estado para dirigir o funcionamento do mercado. O problema é saber até que ponto deve-se combinar medidas que são a favor do interesse público e da redução das desigualdades com as regras do mercado. Ninguém conseguiu dar até hoje uma resposta satisfatória a essa questão. Num ponto extremo havia a resposta socialista, que atualmente me parece totalmente inviável. No outro extremo há o modelo liberal, que na verdade encobre realidades menos brilhantes, muito mais opacas. Quanto mais deixarmos atuar cegamente os interesses econômicos, mais colocaremos em perigo a democracia. É um risco deixar o Estado se apagar diante dos interesses econômicos privados.

Folha - O sr. acha que o crescimento da extrema-direita na Europa representa uma ameaça à democracia? Partidos [illegible] importantes resultados eleitorais na França, Alemanha e Bélgica.

Lefort - Sem dúvida, é uma ameaça real. Não confundo a situação atual com a dos anos 20, mas é surpreendente que em diversos países da Europa, principalmente na França, possam se desenvolver movimentos como o de Le Pen, que é um movimento fascista. Como os fascistas, o lepenismo consegue se apresentar como estranho e diferente ao quadro dos partidos tradicionais. Essa diferença é um símbolo do nosso tipo de sociedade e do tipo de sociedade que eles podem criar se chegarem ao poder. Por outro lado, o que demonstra claramente seu caráter fascista é sua capacidade de se apropriar de todos os temas, o que lhe permite recrutar seus simpatizantes em todas as camadas da sociedade.

Folha - Quais são os meios legítimos de defesa da democracia? O sr. apoiou o golpe militar que anulou as eleições na Argélia em que os fundamentalistas da Frente Islâmica de Salvação (FIS) eram os favoritos para obter a maioria parlamentar.

Lefort - No atual estado das coisas na França, não creio que exista qualquer possibilidade de interditar a Frente Nacional de Le Pen ou mesmo limitar seu direito a promover reuniões públicas. Trata-se de combater sua ideologia e de resolver as dificuldades das quais Le Pen se aproveita. No caso da Argélia, era inevitável suspender o processo eleitoral porque se tratava de impedir a ascensão do movimento integrista, claramente antidemocrático. Uma vez no poder, esse movimento teria, sem dúvida nenhuma, impedido a livre expressão das minorias e estabelecido um regime de terror. É preciso ser politicamente estúpido para não compreender que nesse caso era necessário recorrer a meios ilegais para defender a lei. Não devemos esquecer que não havia democracia na Argélia, e se tratava de encontrar as condições para seu estabelecimento. O país era governado há muitos anos pela Frente de Libertação Nacional (FLN), que não tinha nada de democrático.

Folha - Qual será a lição política mais importante que o século 20 deixará para o próxi-

Lefort - Uma palavra me ocorre: liberdade. O problema será de saber o que entenderemos por liberdade. Os defensores do comunismo afirmavam que buscavam a liberdade, que seria meramente formal na sociedade burguesa. A palavra liberdade é a mais importante do século porque nele vivemos as piores experiências da servidão. Além disso, compreendemos que a liberdade política e individual não pode existir sem justiça social.

fl. 43
Proc. 10.003.049.92+14
em 21/05/92
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC. - Reg. 601324

FOLHA DE SÃO PAULO
Página: 5-11
Data: 19 ABR 1992

Folha n.º 47 do proc.
n.º 00800259-2 de 1992
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

NO MASP - 1

estrelas do curso livre "Tempo e História", promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, aberto na segunda passada, no Masp, pelo professor Alfredo Bosi.

NO MASP - 2

O professor Lefort, segundo a programação do curso, fará uma palestra no Masp no dia 27. Seu tema será: "Diferença de Tempos e Diferenças Temporais".

NO MASP - 3

Assim Lefort resume o que será sua aula no Masp:

"A diferença dos tempos é uma diferença empírica no contínuo temporal do passado, presente e futuro. Já a diferença temporal é ontológica. É aquilo que não se constitui em uma sequência, mas como uma distinção de natureza entre o passado e o presente".

"As diferenças e permanências do tempo e as diferenças temporais serão analisadas a partir do político".

fl. 44
Proc. 10.003.049-92 x 14
Em 21/05/92
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

FOLHA DE SÃO PAULO
Página: 6-7
Data: 05 ABR 1992

Folha n.º 48 do proc.
n.º 00800259-2 de 19 92
O funcionário

CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

Claude Lefort vem a SP participar de seminário

Da Redação

Abrem amanhã as inscrições para o seminário "Tempo e História", promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, que reunirá a partir do dia 13 intelectuais brasileiros e convidados estrangeiros de renome, como o filósofo francês Claude Lefort.

O seminário é organizado por Adauto Novaes (que resume no texto abaixo as questões em debate). Os inscritos terão direito a um certificado. As conferências acontecerão no auditório do Masp. Haverá telões no restaurante do museu e numa sala para 90 pessoas. As inscrições serão na Secretaria (fone: 021/ 288-9560).

O seminário será aberto, no dia 13, pelo professor Alfredo Bosi, com a conferência "O Tempo e Os Tempos". Entre os conferencistas, estão Eduardo Subirats (professor de história da Universidade de Madri), Nicole Laroux (diretora de Estudos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, de Paris) e Catherine Darbo-Pechanski (da mesma escola).

Na abertura, após a conferência, haverá um "concerto comentado", com o maestro e pianista inglês Graham Griffiths.

★

ADAUTO NOVAES
Especial para a Folha

O que é experiência do Tempo? Pode uma cultura falar do tempo sem recorrer às diversas formas de elaborar suas tradições e de narrar a História? Como respensar a história a partir de uma tradição que trabalha com a idéia de tempo absoluto, sem conexão com as diferentes dimensões sociais, políticas e intelectuais e que procura identificar a sociedade a uma única e abstrata experiência temporal? Como pensar, enfim, a naturezxa do contemporâneo: fragmentado, tempo deslocado, tempo modelado, tempo repetitivo-veloz-volátil, tempo sem memória?

As questões postas por 1922 (o que é modernidade), 1792 (o que é liberdade, quantas nações somos nós) e 1492 (o que é o humano) jamais foram seriamente respondidas, o que nos leva, em 1992, à pergunta: que somos nós, 500 anos depois do "Descobrimento"? Tempo e História, curso livre que integra o projeto "Caminhos da Memória, Trilhas do Futuro", procura responder a estas indagações.

Proc. 10.003.049.92-14
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC. - Reg. 611324

FOLHA DE SÃO PAULO
Página: 6-7 COUT.
Data: 05 ABR 1992

Folha n.º 43 do proc.
n.º 00800255 de 19 92
O funcionário
CLAUDEIR DE LIMA FRANÇA
Assistente Parlamentar

11.46
Proc. 10-003.049.92-14
HILVÂNIA MARIA DE CARVALHO
OAG I - SMC - Reg. 601324

Nossa história foi construída no esquecimento daquilo que Valéry chamou de as duas maiores invenções da humanidade, o passado e o futuro. Sem passado e sem futuro, esta história esvazia não apenas nossos pensamentos mas principalmente a própria idéia de história. Narrar a história de um povo a partir apenas do tempo presente, "instante fugidio tido como único tempo real" é negar a articulação de épocas e situações diferentes, o simultâneo, o tempo da história e o pensamento do tempo.

Ora, é essa relação que permite diferenciar condutas múltiplas no tempo e reconhecer que procedimentos políticos e culturais, considerados estranhos e aberrantes em determinado momento, sejam vistos de outra maneira em outro. Esquecer o passado é negar toda efetiva experiência de vida; negar o futuro é abolir a possibilidade do novo a cada instante. Mais ainda, a idéia de justiça fica sem lugar a partir do momento em que qualquer ação já se sabe eternamente feita e absolutamente irreparável.

A nossa história vive, pois, o círculo do mesmo: um movimento que jamais cessa, um tempo eterno, e regular, "imagem móvel da eterna imobilidade": 1922 repete 1792 que rete 1492, negação permanente da experiência que é temporal mas que permanece oculta. Esta visão questiona de certa maneira o axioma de Descartes que dizia que nem o próprio Deus pode fazer com que o que aconteceu deixe de ser um acontecimento.

Uma história pensada a partir da idéia de promessa e um pensamento dominado pela técnica têm em comum a ilusão de reduzir o futuro às idéias de espera e previsão. Vêem a história como realização dos desínios da Providência ou como determinismo que garante que, de etapa em etapa, tempo e história correm em sentido determinado: é a visão do tempo como sequência linear, negam à história o direito à incerteza e ao acaso.

A técnica pretende libertar o homem da angústia da incerteza e, por isso, deseja tudo prever, tudo dominar. Para realizar tal projeto, isola certos homens, certos objetos, certos acontecimentos. Mas, como afirmam certos pensadores do tempo e da história, o futuro "põe em jogo a totalidade do mundo e nenhuma técnica pode abarcar essa totatalidade". Há o tempo interior e o tempo das coisas. Ele está em nós e fora de nós, na história do mundo, e, portanto, jamais pode ser objeto de manipulação absoluta da técnica.

Porque reconhecemos que as mudanças muito lentas ou muito rápidas às vezes nos escapam ou são ocultadas pelo esquecimento das várias dimensões do tempo é que propomos hoje o curso Tempo e História: É preciso responder às questões: de onde nasce essa recusa do tempo que engendra em nós uma visão ingênua e passional da história? Como desvendar os mecanismos sutis de permanência, repetição e no qual se dá a história humana?